

ADRIANA CARVALHO CONDE

PROSTITUIÇÃO E MORTE EM *MAGGIE: A GIRL OF THE  
STREETS*: Uma leitura feminista sobre a *Slum Fiction* Norte-  
Americana de Stephen Crane

ASSIS  
2014

ADRIANA CARVALHO CONDE

PROSTITUIÇÃO E MORTE EM *MAGGIE: A GIRL OF THE  
STREETS*: uma leitura feminista sobre a *Slum Fiction* Norte-  
Americana de Stephen Crane

Tese apresentada à Faculdade de Ciências e  
Letras de Assis – UNESP – Universidade  
Estadual Paulista, para obtenção de título de  
Doutora em Letras (Área de Conhecimento:  
Literatura e Vida Social)

Orientador: Dra. Cleide Antonia Rapucci

ASSIS  
2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Biblioteca da F.C.L. – Assis – UNESP

C745p Conde, Adriana Carvalho  
Prostituição e morte em Maggie: a girl of the streets: uma  
leitura feminista sobre a Slum fiction norte-americana de Stephen  
Crane / Adriana Carvalho Conde. - Assis, 2014  
205 f. : il.

Tese de Doutorado - Faculdade de Ciências e Letras de Assis -  
Universidade Estadual Paulista.

Orientadora: Dr<sup>a</sup> Cleide Antonia Rapucci

1. Crane, Stephen, 1871 - 1900. 2. Literatura americana. 3.  
Feminismo. 4. Mulheres. 5. Prostituição na literatura. I. Título.

CDD 813

*Dedico esta Tese à Dra. Ilda Caruso “in  
memoriam” cuja presença pôde ser sentida em  
todos os momentos.*

## **AGRADECIMENTOS**

São muitas as pessoas a quem devo agradecimentos, mas agradeço a aqueles que vivenciaram comigo todos os momentos. Muitas pessoas colaboraram, direta ou indiretamente, para a realização deste trabalho, agradeço em especial:

À minha orientadora, Dra. Cleide Antonia Rapucci, pela confiança, paciência e orientação segura.

Ao professor Dr. Luiz Roberto Velloso Cairo pelas conversas criativas, inspiradoras, pelo estímulo e conselhos.

À professora Dra. Maria Luiza Moreira por ter me recebido acolhedoramente na Universidade de Binghamton durante meu Estágio de Doutorado nos Estados Unidos.

Aos funcionários do Departamento de Pós-graduação UNESP, pelo auxílio constante e pela gentileza sempre.

À CAPES pelo apoio financeiro dado, durante todo o desenvolvimento dessa pesquisa, propiciando um Estágio de Doutorado nos Estados Unidos, beneficiando qualitativamente esse trabalho.

*“Construir um ser humano, um nós, é trabalho que não dá férias nem descanso: haverá paredes frágeis, cálculos mal feitos, rachaduras, quem sabe um pedaço que vai desabar. Mas se abrirão também janelas para a paisagem e varandas para o sol”.*

Lya Luft

CONDE, Adriana. **Prostituição e Morte em Maggie: A Girl Of The Streets**: uma leitura feminista sobre a *Slum Fiction* Norte-Americana de Stephen Crane. 2014. 194 f. Tese de (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2014.

## RESUMO

Esta tese examina a imagem da personagem prostituta em *Maggie: A Girl Of The Streets* de Stephen Crane, publicado em 1896, focalizando os conceitos da crítica feminista na realização da leitura e interpretação da protagonista Maggie Johnson, o que significa ler a partir da experiência feminina de interpretação, atribuindo novos significados com essa nova leitura, considerando as imagens e estereótipos da mulher na literatura. Pressupomos que a personagem segue modelos de representação do feminino, tradicionalmente difundidos pela literatura, especialmente nas obras naturalistas, em que se elege a “*fallen woman*” como protagonista de diversas histórias de degradação e morte. Por meio do estudo feito sobre a mulher prostituta na literatura, fomos capazes de refletir a respeito da condição feminina, no século XIX, observando a incapacidade da personagem de se integrar socialmente, entre outros problemas acarretados pela vida degradada que experimenta. Moradora de cortiços, está retratada por Crane em um ambiente selvagem, nesse caso, na cidade de Nova York, em pleno desenvolvimento industrial. Apesar de ser personagem protagonista, o autor acentua o aspecto frágil e ingênuo da personagem, apresentando-a como se fosse intelectual e moralmente inferior, incapaz de atuar contra a fatalidade já predeterminada, realizando uma crítica da situação da mulher trabalhadora naquele contexto. Sabemos que o autor assume postura antagônica a de seus predecessores, românticos, e, por essa razão, caracteriza Maggie enfatizando os conceitos românticos na construção da personagem, no intuito de se opor às regras formais e ideológicas do Romantismo. A característica fundamental de Crane é a ironia presente na narrativa, em que as circunstâncias se mostram mais contraditórias revelando valores morais, do mesmo modo, conflitantes. Analisamos a representação da mulher marginal na literatura, bem como procuramos esclarecer alguns estereótipos que serviram para representá-la.

**PALAVRAS-CHAVE:** Stephen Crane; Literatura Americana; Feminismo; Mulheres Prostituição na literatura;

CONDE, Adriana. **Prostituição e Morte em Maggie: A Girl Of The Streets**: uma leitura feminista sobre na *Slum Fiction* Norte-Americana de Stephen Crane. 2014. 194 f. Tese de (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2014.

## ABSTRACT

The thesis examines the image of the prostitute in *Maggie: A Girl Of The Streets* of Stephen Crane, published in 1896 focusing the concepts of feminist criticizes assumed to read and interpret the character Maggie Johnson. It reading from the female experience of interpretation, giving new meaning with this new reading. We assume that the character follows models of representation of women, traditionally widespread in the literature, especially in naturalistic works. They elect a "fallen woman" as the protagonist of several stories of degradation and death. Through the study on women prostitutes in the literature, we were able to reflect on the condition of women in the nineteenth century, noting the inability of the character to integrate socially, among other problems caused by life experiences that degraded. Resident of slums is portrayed by Crane in a wild and degrading environment, in this case, the city of New York, in full industrial development. Despite being the protagonist character, the author highlights the fragile and naive aspect of the character, presenting it as if it was morally and intellectually inferior, unable to act against the already predetermined fate, with a critical situation of working women in that context. We know that the author takes an antagonistic stance of his predecessors, romantics, and, therefore, characterizes Maggie emphasizing romantic concepts in building character, in order to oppose the ideological and formal rules of Romanticism. A key feature of Crane's irony in this story, which conditions are more revealing conflicting moral values, similarly conflicting. We analyze the representation of women in marginal literature and seek to clarify some stereotypes that served to represent the woman.

KEY-WORDS: Stephen Crane; American Literature; Feminism; Women, Prostitution in Literature



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	13
CAPÍTULO 1.....	28
1. A ORIGEM DA <i>TENEMENT FICTION</i> NORTE AMERICANA E <i>MAGGIE: A GIRL OF THE STREETS</i> .....	28
1.1 A <i>Tenement Fiction</i> de Stephen Crane .....	30
1.2 Stephen Crane e <i>Maggie</i> no Contexto do Naturalismo .....	43
1.3 A Violência e os Contornos da Pobreza na <i>Tenement Fiction</i> .....	46
1.4 Walking In The Wild Side: Nova York em <i>Maggie</i> .....	51
1.5 A Prostituta de Rua: o papel feminino em espaços privilegiados .....	64
1.6 A Decadência de Maggie: “uma garota de rua” .....	73
2. A <i>RAGGED GIRL: UMA LEITURA FEMINISTA DE MAGGIE E OUTROS PERSONAGENS</i> .....	97
2.1 A <i>Fallen Woman</i> : fragilidade e ruína de uma personagem.....	99
2.2 O Mal Social: as personagens prostitutas na <i>tenement fiction</i> .....	108
2.3 A Feminilidade no Século XIX: papéis conflituosos .....	120
2.4 As Personagens Femininas em <i>Maggie</i> : à luz da crítica feminista.....	127
2.5 A Metamorfose da Musa: imagens demoníacas da mulher.....	134
3. <i>FALLEN WOMAN: A MORTE E O SILENCIAMENTO DA VOZ FEMININA</i> .....	153
3.1 A Degradação e a morte da personagem feminina.....	155
3.2 Silenciamento da Personagem Pecadora: a morte.....	160
3.3 O Novo Testamento: o julgamento moral da prostituta .....	170
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	175
REFERÊNCIAS.....	181
ANEXOS .....	188

## INTRODUÇÃO

*“It's early fall, there's a cloud on the New York skyline. Innocence, dragged across a yellow line”<sup>1</sup>.*

U2 – The Hands That Built America

A presença da personagem prostituta nas artes tornou-se expressiva, especialmente no século XIX, em diferentes representações, mas foi na literatura que essa participação se fez proeminente. A ficção sobre a mulher pobre, trabalhadora e moradora de cortiços existiu, ou ainda existe no limiar entre a fantasia e a pena dos escritores que deram e ainda dão forma a uma nova maneira de representar a mulher na literatura. Reconhecemos facilmente o fascínio da intrigante personagem prostituta em *Nana* (1880) do idealizador da estética naturalista Émile Zola, na poesia de *Les Fleurs Du mal* (1857), de Baudelaire, também em obras românticas como *Lucíola* (1862) do escritor brasileiro José de Alencar. Não podemos nos esquecer de elencar várias delas, como Cândida Eréndira (1972), personagem prostituta de Gabriel Garcia Marques; Cora Strang (1889) de Edgar Fawcett ou mesmo de Moll Flanders, de Daniel Defoe, no livro homônimo publicado em 1722. Outra personagem que também merece destaque na listagem é Léonie, de *O Cortiço* (1890), de Aluísio de Azevedo, contemporânea de Maggie de Stephen Crane, aqui no Brasil. A messalina está presente na figura de Marguerite Gautier do romance *A Dama Das Camélias* (1848), de Alexandre Dumas, ou em Hilda, de *Hilda Furacão*, romance escrito em 1991 por Roberto Drumond.

Apesar da cronologia e espaços diversos, elas aparecem representadas como mulheres que deixam exposto o assunto da sexualidade. Umas apenas surgem como personagens secundárias, outras assumem a posição central na história, mas

---

<sup>1</sup> É o início do outono, há uma nuvem no céu de Nova York. Inocência arrastada por uma linha amarela.

todas representam a *fallen woman*, mulher marginalizada por causa de sua sexualidade descontrolada e evidente. Neste trabalho, buscamos enfatizar as experiências vividas por Maggie Johnson, menina da classe trabalhadora e prostituta, que protagoniza a história de Stephen Crane, experimentando a decadência física e moral, juntamente com outros moradores, nos bairros dos *tenements*<sup>2</sup>, do *Lower East Side*, na cidade de Nova York, em pleno desenvolvimento industrial, no século XIX. O romance chamou a atenção da crítica porque toca ironicamente nas questões referentes aos vícios e à violência e por representar a mulher prostituta.

Ao tratarmos de uma personagem protagonista, notamos, claramente, que a representação da mulher prostituta nos romances naturalistas acentua o aspecto frágil e ingênuo delas, apresentando-as como se fossem intelectual e moralmente inferiores, incapazes de se tornarem emancipadas. Também expõem a ideia de lugar trapaceiro e perigoso que a cidade grande, como Nova York, representava para as moças. A obra de Crane vai ao encontro das ideias reformistas que estavam em pauta naquele momento, nos Estados Unidos, as quais pretendiam varrer a miséria e conseqüentemente a prostituição das cidades americanas.

Nossa intenção é mostrar a ausência de voz feminina dentro da estética literária e que, ao almejar a verossimilhança em seus relatos, os autores naturalistas, acabam repetindo modelos padronizados no que se refere à figura da mulher, levando-a, invariavelmente à degradação física e moral e para a morte. A intenção é mostrar que a mulher não tem voz dentro dessa estética literária e que, na busca da veracidade dos fatos, os escritores naturalistas, que tanto prezam a verdade, acabam “padronizando” a figura da mulher, levando-a, invariavelmente, à degradação física e moral.

Essas personagens ocupam duas margens: a da existência e das limitações ligadas ao gênero, por serem mulheres e terem um papel central exercido na sociedade da classe média como mantenedora do lar e dos hábitos domésticos, e a vivência enquanto prostitutas, um tipo de mulher que ameaçava a moral da sociedade vitoriana daquela época.

---

<sup>2</sup> *Tenements* são habitações também chamadas de *tenement house*. Constitui-se de apartamentos apertados superpovoados na área pobre da cidade grande. Similares aos cortiços.

Importa-nos analisar as representações dessas mulheres marginais na literatura de Nova York do século XIX, bem como esclarecer os estereótipos femininos encontrados amplamente representados na arte literária. Maggie Johnson foi analisada sob a luz da crítica feminista o que nos deu oportunidade de refletir o papel importante que a personagem prostituta representou e representa até hoje. Buscamos enfocar os modos pelos quais foi elaborada a identidade feminina, a partir da análise do contexto social e histórico em que Maggie foi estruturada.

A crítica feminista forneceu instrumentos eficientes para que da análise pudessem surgir novos significados atribuídos por meio da discussão sobre a sexualidade feminina e sua representação na literatura, sendo que a interpretação da personagem protagonista do romance *Maggie: A Girl Of The Streets* (1896), de Stephen Crane (1871-1900) foi pautada nas observações feitas das relações dela com outros personagens que compõem o elenco da obra de Crane e fundamentada nas proposições defendidas por Kolodny (1981, apud. SHOWALTER, 1994) ao afirmar sobre os novos significados que podem surgir de textos, considerando as imagens e estereótipos da mulher na literatura, a partir da leitura feminina, que deseja defender o direito de escolher quais aspectos do texto são considerados relevantes, já que a leitura feminista traz à luz significados inusitados, sem que seja considerada uma interpretação definitiva, porém, que sejam úteis na decodificação da mulher, tanto como escritora, como a mulher como signo.

Pretendeu-se, então, atentar para o fato de que certas vertentes da crítica feminista consideram a causa e os problemas da representação das mulheres, uma questão de classe, outras uma questão de gênero e nós concordamos que há mais uma questão envolvida na condição subalterna da mulher, além das citadas, ou seja, acreditamos que também girem em torno dos problemas relacionados à raça, já que a condição social da personagem escolhida está intimamente ligada ao fato de ser descendente de imigrantes, grande entrave para a sociedade americana na época.

Procuramos apontar a percepção e a representação da personagem pelo autor, sem ignorar que nos romances desse período, e nos anteriores ao de Crane, as personagens femininas, que se tornam prostitutas, protagonizam histórias de degradação moral e física, indicando uma aparente desvantagem da mulher em relação ao meio social em que vive e em relação aos outros, nesse caso, em relação aos personagens masculinos, reiterando estereótipos femininos difundidos historicamente, pois podemos, a partir das relações sociais construídas no romance,

esboçar uma análise que esclareça as relações de poder entre os personagens, pensando exatamente na forma com que Maggie se relaciona com eles. Quando estudamos a dinâmica das relações sociais construídas pelo autor, podemos ter acesso a todo um sistema simbólico de representações da realidade social que pode fornecer instrumentos para realizar uma análise consistente sobre os papéis sociais exercidos por ambos os sexos.

Ao selecionar o romance de Crane, pudemos verificar que as figuras que ilustram o romance são moradoras dos cortiços, os “*tenements*” do subúrbio de Nova York, especificamente na Rua Bowery, caracterizados como vilões, alcoólatras, prostitutas; como uma massa disforme de pessoas degradadas pelo ambiente.

Os *tenements* proliferaram em Nova York por volta dos anos 1830, com o influxo da classe trabalhadora, especialmente formada por imigrantes irlandeses e alemães; com a aglomeração de pessoas nas grandes cidades como Nova York criou-se uma demanda por moradias com baixo custo e que tivessem a capacidade de abrigar o maior número de pessoas possível. Nelas amontoavam-se diferentes famílias de variadas etnias e costumes, mas, quais não raramente, porém constantemente, a disputa por espaço, era tratada com doses excessivas de violência.

O romance controverso do autor nova-iorquino aborda um assunto evitado pelos escritores que o antecederam. Ele pertence ao grupo de romancistas que explora o tema da vida da classe baixa em suas obras e faz parte do movimento literário proveniente das ideias naturalistas, conhecido por *Slum Fiction* ou *Tenement Fiction*. Crane traz à tona um novo tipo de representação literária das pessoas pobres, pertencentes à classe operária, bem como o drama de quem vive sob as pressões da miséria e da luta pela sobrevivência em um meio ambiente urbano e hostil que as grandes cidades como Nova York exibem.

A leitura de *Maggie* sugere muitos pontos que podem elucidar os aspectos referentes à exclusão social da mulher, principalmente no século XIX, em que muitas transformações aconteceram na vida da mulher. Lançamos um olhar sob a luz da crítica feminista, a fim de compreendermos os modos de representação dessa personagem, já que expõem a mentalidade de uma época cujas marcas principais giram em torno das questões relacionadas ao mundo feminino, porém sob a ótica masculina de representação desse mundo.

A história trágica de Maggie, irradiada pelo determinismo sórdido, funde elementos da pobreza, ignorância, intolerância, de abusos, em um contexto violento e cruel. Crane cria para Maggie um mundo caótico, de pesadelo, que beira a alucinação e a histeria, e conta a experiência de uma menina inocente que cresce num ambiente imundo e em ruínas, percorrendo o caminho, em uma escala descendente, de garota simples, romântica, à prostituta de rua, até cometer suicídio.

Acreditamos ser relevante demonstrar, por meio da crítica feminista, os traços que delineiam as histórias da personagem, meticulosa e propositalmente construída com a roupagem do Romantismo, para que possamos criar hipóteses, sugestões, soluções, explicações teóricas, almejando contribuir para uma leitura coerente e inovadora, já que propomos uma nova leitura da personagem prostituta de grande importância na literatura norte-americana e um exemplo fecundo de construção de personagem feminina, esclarecedor no que tange ao comportamento da mulher, no século XIX.

Propusemos, nesse estudo, descobrir as questões a respeito da constituição do feminino e da prostituição em *Maggie* (1896) personagem que inaugura uma nova forma de delinear o ser feminino na literatura, em que a graça sedutora da heroína burguesa, romântica, presente em romances anteriores, no período antecedente ao Naturalismo de Crane, cede lugar à personagem prostituta, de rua (*of the streets*), cuja existência é marcada pelas pressões de uma sociedade burguesa e patriarcal, cujos conceitos eram fundamentados na moral vitoriana, vigente no século XIX.

Percebemos claramente que os traços psicológicos da nova mulher trabalhadora encontram-se representados em Maggie, a qual foge do modelo convencional das heroínas do Romantismo, apesar de carregar em si, características românticas, apresentadas anteriormente como heroínas dóceis e resignadas, passivas. Crane, ao explorar um tema assim, delicado, inevitavelmente se choca com os conflituosos conceitos vitorianos sobre a sexualidade feminina, ao expor e denunciar a condição de miséria moral em que viviam as mulheres de classe social baixa, o que propicia refletir sobre essas ideias, as quais muito contribuíram para moldar o comportamento da mulher do século XIX.

As personagens prostitutas perturbaram os leitores da classe média, pois lançaram dúvidas sobre o conceito de feminilidade da época. A classe média vitoriana estava imbuída da convicção de que a mulher prostituta poria em risco a

garantia de controle dos comportamentos femininos, principalmente no que diz respeito à sua sexualidade. Sua presença inverte os paradigmas da classe média sobre a ideia de ser mulher, sobre a vida doméstica e a vida fora de casa. A vida das mulheres das regiões pobres era diferente da vida das mulheres da classe média. Marcada por uma luta incessante pela sobrevivência, a presença dela entre as preocupações da sociedade e na literatura deixa claro que o momento foi conturbado e opressor para as mulheres nessa época.

Para a sociedade vitoriana a vida fora de casa constitui uma ameaça ao estilo de vida da mulher, pois a rua é um espaço estritamente masculino, onde segredos são ocultados das mulheres cujo código para a frequência é ditado por uma moral peculiarmente patriarcal. Apenas os homens podem exercer o direito de ir e vir, de estarem presentes tanto no meio doméstico, refúgio da vida fora de casa, quanto no espaço público, nas ruas, nos bares, nas esquinas onde as ideias efervesciam; porém as mulheres não eram bem vindas nesses ambientes.

Em contrapartida, a violência ditada pela vida nas regiões pobres de Nova York, assim como as mazelas enfrentadas pelas mulheres nesse ambiente não haviam atraído os olhares da classe média, a qual se recusava a pensar sobre isso, pois se tratava de um tema que inquietava e evidenciava a sexualidade feminina, sempre cercada de tabus e de preconceitos.

A experiência vivida pela personagem é um exemplo fértil da percepção da rua como o espaço da liberdade, da expressão e da extensão da vida doméstica, o que acarretou ideias polêmicas sobre a mulher que vive dentro das casas e as que transitam pelas ruas. A mulher dentro de casa obedecia a regras de comportamento e era tida pelos homens como propriedade particular, cujos segredos envolvendo a sexualidade e os desejos de emancipação deveriam ser vigiados e manipulados para, enfim, serem moldados ao que se esperava da mulher na sociedade vitoriana. Pretendiam conservar um delicado recato e mantê-la afastada das ciladas escondidas nas situações sedutoras que o espaço externo oferecia.

O contrário é identificado na vida das mulheres que trabalham fora de casa, caso da personagem selecionada para ser o centro de nossos estudos. Ao crescer e desabrochar tornando-se adolescente começa a ser percebida pelos rapazes da vizinhança *“Dat Johnson goil is a puty good looker”* (CRANE, 2006, Cap.V, p.19,

*tradução nossa*)<sup>3</sup>. É importante notar que a utilização da linguagem carregada de sotaque dos guetos em *Maggie* é indicativa da proveniência dos moradores, da classe social a que pertenciam. A palavra “*goil*” é de origem irlandesa e recebe a marca do dialeto empregado no romance, artimanha estética na narrativa de Crane.

A fim de procurar, por meio do trabalho, sua realização e independência ela encontra obstáculos intransponíveis na tentativa de atingir seu objetivo de mulher emancipada, o que fatalmente leva a grande maioria de trabalhadoras das indústrias de tecelagem de Nova York a uma vida totalmente diferente, em que a luta pela sobrevivência faz a mulher ir às ruas.

A personagem Maggie buscava sua emancipação, para modificar seu estilo de vida pouco conveniente, porém sua busca é infrutífera. O trabalho assume um significado profundo para ela, pois a manteria longe da vida pecaminosa das ruas. Seu irmão Jimmie aconselha Maggie sobre a possibilidade de ceder às tentações ímpias, caso ela não trabalhe “*Mag, I’ll tell yeh dis! See? Yeh’ve edder got teh go teh hell or go teh work! Whereupon she went to work, having the feminine aversion of going to hell* (CRANE, 2006, Cap. V, p. 19, tradução nossa)<sup>4</sup>.

Há um acervo considerável de textos críticos acerca do romance, os quais apontam para a existência de fatores externos, como o ambiente arruinado, a falta de providências, as questões ligadas à imigração, à moral prevalente, entre outros, como os principais responsáveis pela decadência e morte da heroína, o que elucida muitas questões referentes ao destino legado a Maggie, auxiliando efetivamente no reconhecimento de suas características femininas e seu papel no romance.

Do mesmo modo, há uma densa produção que versa sobre os estudos feministas, os quais contribuem para a realização de uma leitura considerando as diferenças de gênero e suas implicações na análise de literatura, porém há poucos trabalhos desenvolvidos, até o momento, analisando as representações das mulheres marginais na literatura social de Nova York do século XIX sob a luz da crítica feminista, a fim de contribuir com os esclarecimentos acerca dos estereótipos femininos, gerados por meio da representação e vitimização da mulher, dadas às

---

<sup>3</sup> A filha dos Johnson é uma gostosa!

<sup>4</sup> Mag, só te digo isso! Sabe? Se você não quiser se perder, tem que trabalhar. Em vista disso, decidiu trabalhar, pois tinha a feminina aversão em se perder.



situações arquitetadas pelo autor que revelem a relação de poder entre o masculino e feminino.

Fundamentamos nossas discussões teóricas, acerca da representação feminina na literatura em nossa leitura de Elaine Showalter em *A crítica feminista no território selvagem* (1994). Em seus escritos estão inseridas ideias sobre a literatura e a representação feminina, as quais serviram de base para direcionar o caminho a seguir em nossas reflexões, sobre a condição inferior da personagem Maggie e seu fracasso ao tentar ser independente. Entre elas concordamos com uma afirmação especial, ao relatar que, “sendo que à representação da mulher como incapaz e impotente, subjaz uma conotação positiva; a independência feminina vislumbrada na megera e na adúltera remete à rejeição e à antipatia” (SHOWALTER, 1994, p.226).

Não menos importante foi o apoio teórico encontrado em Lúcia Osana Zolin (2009, p.222), em *Crítica Feminista: os estudos de gênero e a literatura* no qual enfatiza que as personagens femininas seguem uma tradição patriarcal ao serem representadas, confirmadas na seguinte afirmação:

[...] personagens femininas, tradicionalmente construídas como submissas, dependentes, econômica e psicologicamente do homem, reduplicando o estereótipo patriarcal, passam, paulatinamente, a ser engendradas como sendo conscientes de sua condição de inferioridade e como capazes de empreender mudanças em relação a esse estado de objetificação.

Por meio dessa premissa pudemos perceber que Maggie é apresentada como a vítima seduzida e traumatizada pela desilusão amorosa. Acanhada e com problemas sérios de autoestima, parecia não pertencer ao mesmo lugar, pois não carregava em si, inicialmente, traços da vilania e imoralidade dos *tenements*, “*None of dirty of Rum Alley seemed to be in her veins*” (CRANE, 2006, Cap V, p.18, tradução nossa)<sup>5</sup>. A situação familiar caótica e o ambiente desolador em que se encontrava a faziam se sentir inferior.

Ao representar a mulher prostituta em sua complexidade, Crane foi inovador, ao quebrar paradigmas e estereótipos adotados por estéticas anteriores, mas implicou lançar mão de um ponto de vista transformador obtido pela ironia, marca genuína do autor ao apontar os problemas enfrentados por mulheres pobres nas

---

<sup>5</sup> Nada da sujeira do Rum Alley parecia correr-lhe nas veias.

periferias de Nova York. Do mesmo modo pretende por meio da estética peculiar de seus textos, aviltar as ideias contra as regras naturalistas compondo uma personagem cujas características são fundamentalmente românticas.

Ele retrata uma personagem romântica e sonhadora em meio ao caos da vida de trabalho, da família destruída e com sua autoestima desgastada. Sendo assim, sua realização se dá por meio dos sonhos. *“Her dim thoughts were often searching for far away lands where, as God, says, the little hills sing together in the morning”* (CRANE, 2006, Cap.V, p. 21, tradução nossa)<sup>6</sup>.

O romance critica a situação feminina em uma sociedade de contornos específicos, demonstrando que a reforma sociológica na narrativa envolve transformar as pessoas em tipos e que com isso, segundo Howard Horwitz (2012, p. 610, tradução nossa) *“[...] radicalizes the sociological paradigm and thereby eviscerates it”*<sup>7</sup>. O paradigma sociológico define as pessoas em tipos sem consciência de suas ações e consequências não podendo, assim, participar e alterar o meio ambiente.

As heroínas da *Slum Fiction* engajam-se num processo de autodestruição, na tentativa de fugir de seu estado de exclusão social, tornando-se rico material para o desenvolvimento de estudos, orientados pelo anseio de esclarecer o processo narrativo que aponta para essa deterioração, além de refletir sobre as relações estabelecidas entre a heroína e outros personagens do seu mundo.

Em um primeiro momento Maggie pode parecer uma personagem simples, sem rebuscamentos e com pouca personalidade. Ela quase não se pronuncia na história. Possui apenas cinco falas e parece não agir contra os impulsos ditados pela fatalidade, mas seus devaneios, reflexões e visões da realidade revelam uma personagem complexa que representa uma ideia da mulher do século XIX com os contornos do determinismo da literatura da época.

Atentamos, nesse caso, para a proposição de Cintia Schwantes, em *Dilemas da Representação Feminina* (2006) ao expor que “um autor, independente de seu gênero, precisa criar personagens femininas e essa criação vai derivar do conceito de feminilidade professado por sua sociedade” (SCHWANTES, 2006, p.8).

---

<sup>6</sup> Os seus confusos pensamentos andavam sempre em busca de terras distantes, onde, como Deus diz, as colinazinhas cantam em coro ao amanhecer.

<sup>7</sup> [...] radicaliza com o paradigma sociológico e assim o eviscera.

Por trás do desfecho trágico da heroína, de sua morte no final da história, podemos dizer que há uma evidente perspectiva determinista e patriarcal. Para nós, a morte dela representa a de muitas; o silenciamento de mulheres consideradas transgressoras da moral, ou seja, as mulheres prostitutas. A morte pode ser tomada como uma espécie de redenção do mal que fizeram para elas mesmas e para a sociedade. Por meio do silenciamento e morte da mulher que se prostitui e desobedece ela poderia obter o perdão.

Identificar os fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência da exclusão social da mulher, aprofundando o conhecimento da nossa realidade, resulta na reflexão sobre o poder que exclui as pessoas, e a dificuldade das mulheres em se integrar socialmente numa época de conotações específicas. A proposta deste trabalho de investigação é que venha complementar e servir de base para dar continuidade a trabalhos posteriores, sobretudo a respeito da representação da mulher na *Slum Fiction* norte-americana do século XIX.

Essas reflexões podem indicar um caminho para estudos críticos sobre a representação da mulher, estereotipada, cuja construção é fundamentada em sentidos pejorativos. Elas representam a condição da mulher de classe baixa, influenciada pela vida moderna na cidade de Nova York do início do século XIX, podendo assim, fornecer instrumentos para uma leitura eficiente da representação feminina naquele contexto, adquirindo conhecimentos novos sobre o assunto.

O capítulo 1 trata, em primeiro lugar, do contexto histórico e cultural da obra. Neste primeiro capítulo foi feita uma apresentação do autor e sua obra, atrelados ao seu contexto de produção e circulação. Assim, pudemos evidenciar a situação em que a obra foi escrita e recebida pela crítica e leitores. Foi possível perceber as consequências de um movimento ideológico e literário distinto do Romantismo, em que as preocupações estilísticas rondam a perfeição da expressão do real tal como ele é.

Surge uma nova maneira de expressar a mentalidade do século XIX nos Estados Unidos, bem como na Europa onde vemos surgir uma nova mentalidade obtida por meio da psicologia moderna em que se privilegiavam as ideias referentes à autoestima bem como o aparecimento de novas formas de expressão literária por meio dos chamados "*Tenement tales*" cujos textos eram representações contra as convenções literárias românticas, gênese da "*tenement fiction*" nos Estados Unidos.

Notamos se tratar de uma obra que toca em questões delicadas e em assuntos, até então velados na época; expõe as contradições da vida experimentada nos lugares mais lúgubres da cidade de Nova York, trazendo uma protagonista diferente das desenhadas por autores anteriores que também abordaram em suas obras o tema da pobreza, dos vícios e da moral deteriorada, assunto muito difundido no século XIX.

A personagem principal está bem longe de ser a nobre heroína resignada esperada pelos leitores da época, provocando críticas que impediram a primeira publicação em 1893, exatamente por evidenciar a existência do outro lado da sociedade “*the other half*”, ou seja, “a outra parte”, constituída pela massa de trabalhadores pobres que viviam confinados em regiões específicas das grandes cidades, nos *tenements*.

Acreditamos que esteja evidente um dos principais conflitos da época, relacionado ao choque entre os conceitos morais de classes distintas, uma burguesa, conservadora, masculina, a qual ditava a moral da sociedade e outra, pobre, de trabalhadores excluídos por possuir princípios morais divergentes da sociedade vitoriana. Nesse caso o foco principal de Stephen Crane foi a classe mais pobre, em que os conflitos eram mais pontuais e Crane pôde exercitar suas marcas genuínas em relação aos aspectos formais de seu texto, seu impressionismo, realismo e ironia, os quais podem ser vistos, na realidade, carregados de elementos históricos e políticos.

Segundo o crítico de Crane, Eric Solomon, *Maggie* seria um ataque em forma de paródia aos romances que romantizavam a realidade vivenciada pela classe pobre. Os textos de Crane possibilitam uma reconstrução retórica da realidade, cuja função é cultural e ideológica. Solomon (1966 apud MARIANI, 1992, p.4, tradução nossa) afirma que:

*Crane's texts embody and yet contain and manipulate social anxieties to the extent that what appears initially to be a critique of certain social realities falls prey to ideologies that are neither politically subversive nor always more enlightening than the ones he castigates in popular culture .*<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup> Os textos de Crane incorporam e ainda contêm e manipulam as ansiedades sociais, na medida em que, o que parece inicialmente ser uma crítica de certas realidades sociais é vítima de ideologias que não são nem politicamente subversivas nem sempre muito esclarecedoras do que as que ele critica na cultura popular.

Ele igualmente afirma que os textos de Crane, ao contrário, seguem o modelo dos textos anteriores ao naturalismo e tentam expressar as mesmas preocupações, ao nível do estilo. Acredita que Crane tende ao estilo modernista, encaixando-se, assim, em um período de transição entre o Naturalismo e o Modernismo.

Em sua perspectiva, Crane se assemelha aos modernistas, pois ao abordar o tema da realidade e seus distúrbios sociais, como guerra, violência e pobreza como um grande espetáculo, produz algo, em que a estética é apreciada pelos leitores. O leitor seria uma espécie de espectador de seu trabalho. Mais do que aproximar o leitor intimamente da realidade, os textos de Crane possuem estratégias descritivas espetaculares, objetivando deslocar qualquer ansiedade política que pudesse aparecer em sua escrita. Por outro lado, os leitores de Crane constantemente percebem a ironia nos narradores, fazendo com que muitos críticos afirmem que as vozes narrativas nos trabalhos de Crane, muitas vezes, são as vozes que embutem a subversão.

Em *Maggie*, Crane reinventa a *Slum Novel*, por meio da caracterização de seus personagens, obviamente seguindo o modelo naturalista e as ideias de Spencer e Zola. A visão de Crane sobre os desfavorecidos dos bairros pobres de Nova York é demonstrada por meio das ações mentais criadas por ele, ao dar vida a Maggie. Ela assume contornos de garota ingênua e sonhadora, realizando suas ações muito mais por meio do pensamento, do que efetivamente por meio de suas atitudes. São suas reflexões que dão o tom no romance e evidenciam uma releitura da classe baixa realizada por Crane, modificando o julgamento moral sobre ela.

Keith Gandal (2012, p.759, tradução nossa) declara que: “*The novel is a tour de force, a kind of counter-demonstration. He takes a familiar tale, keeps the plot, but redoes the characterizations or the mental action as well as the moral judgment [...]*”.<sup>9</sup>

A complexidade de Maggie é sentida pela fluência dos diálogos e posicionamentos ideológicos. Consideramos que por meio da construção das ideias, e da caracterização psicológica dos personagens desenhados por Crane, conseguimos observar evidências marcantes a respeito da existência de problemas

---

<sup>9</sup> O romance é um *tour de force*, uma espécie de contramanifestação. Ele toma um conto familiar, mantém o enredo, mas refaz as caracterizações ou a ação mental, bem como o julgamento moral [...].

reais vivenciados pela heroína e seu grupo social e lançamos, fundamentados na crítica feminista da literatura, um olhar mais profundo a respeito das condições existenciais da mulher nesse contexto.

Nossa pretensão foi observar e apontar as semelhanças e diferenças morais, sociais, econômicas e psicológicas que delineiam as características de Maggie Johnson, no romance de Stephen Crane, tendo como ponto fundamental a leitura feminista da representação dos gêneros na obra literária, a fim de que seja utilizado como referencial teórico em novas pesquisas na área dos estudos de gênero na literatura, visando fornecer elementos significativos a uma possível amostragem para estudos futuros nessa área.

O enfoque principal do capítulo 2 está relacionado à proposta de aproximação/interação entre as posturas críticas, desenvolvendo aspectos referentes à representação feminina na obra, onde são apresentadas as premissas fundamentais da linha teórica escolhida – crítica feminista – a fim de tecer as possíveis conexões entre a teoria e o texto, com vistas a identificar os pontos que poderão esclarecer a representação da mulher na obra.

No intuito de fundamentar o trabalho de pesquisa na área dos estudos de gênero na literatura, estabelecemos critérios para um estudo descritivo e interpretativo coerente com a leitura crítica feminista, tornando possíveis a análise e a descrição sistemática do fenômeno narrativo da obra.

O foco principal da abordagem é o processo de representação das personagens e seus significados na história, tornando possível uma maior familiaridade com o problema, por meio da explicitação e a construção de hipóteses a respeito da personagem prostituta, “*fallen woman*”, a mulher decadente, na obra da *Slum Fiction* norte-americana.

O método utilizado nessa pesquisa envolveu levantamento bibliográfico, elaborado a partir do material publicado sobre o assunto, constituído de livros, artigos de periódicos e materiais disponibilizados na Internet, além da análise de exemplos, extraídos do texto que estimulassem a compreensão do fenômeno literário do qual a obra faz parte. Para que pudéssemos reconstituir o ambiente onde a personagem viveu, bem como esclarecer dúvidas em relação à cultura norte-americana e ter acesso à bibliografia específica sobre Stephen Crane e sua contribuição para a literatura dos Estados Unidos e mundial, realizamos Estágio de

Doutorado, na Universidade de Binghamton, NY, beneficiando enormemente o andamento dessa pesquisa.

O Estágio de Doutorado foi financiado pela CAPES, a qual tem auxiliado os pesquisadores brasileiros em suas investigações no exterior. A quantidade de textos encontrados na biblioteca da universidade, bem como a participação como *Visiting Fellow*, no The Institute for Advanced Studies in the Humanities of Binghamton University foram cruciais para o aprofundamento e desenvolvimento dessa pesquisa.

A pesquisa descritiva visa levantar as características do ambiente habitado pela heroína e o relacionamento dela com as situações vividas nesse ambiente. Fizemos um levantamento dos momentos de reflexão da personagem, extraíndo as ideias do autor sobre as experiências femininas nas ruas de Nova York no século XIX, cujo contexto histórico assume contornos especiais propícios ao florescimento da prostituição.

É na vertente da crítica feminista que nosso trabalho se enquadra, pois envolve tratar dos sinais, cotejados nos textos, dos fatores que representam, segundo prerrogativa masculina, o modo como a mulher tem vivido e como se imagina ou foi levada a se imaginar, pois a mulher sempre foi deixada à margem da crítica, silenciada e imersa em um “território selvagem” como expõe Showalter (1994, p.28) quando declara perceber uma “teoria crítica masculina” cujo “conceito de criatividade, história literária ou interpretação literária, são baseados inteiramente na experiência masculina e apresentado como universal”.

Por meio da pesquisa descritiva e da análise dos dados procuramos atribuir novos significados à caracterização da heroína prostituta, diante da fatalidade, de maneira que se permita amplo e detalhado conhecimento dado pelas relações desta com a figura da mãe, representativa de um tipo de mulher imigrante que possibilita ampla discussão.

O Capítulo 3 trata da análise crítica da obra, especialmente sobre as questões que envolvem a morte da personagem Maggie, tecendo reflexões sobre as relações entre ela e o mundo ditado pelas ideias masculinas. Observamos a representação das relações entre a personagem e as diferenças pontuais relacionadas ao sexo, por meio de sua experiência feminina contrapondo a sua experiência às experiências das personagens masculinas, particularmente sua convivência com o irmão, Jimmie e o namorado Pete.

Analisamos o caráter paradoxal que a morte da personagem representa no final da história ao participar de reflexões que abordam a questão de ser ou não suicídio, já que Crane apenas dá sugestões da forma como foi morta. Para este fim, buscamos fundamentar nossas reflexões, por meio da leitura de críticos especializados nos trabalhos de Stephen Crane, como Donald Pizer, principal defensor da interpretação que acredita na versão de suicídio da heroína de Crane, e também de Robert Dowling, defensor da ideia de que a morte de Maggie foi um assassinato.

Recorremos a diversos campos para refletir sobre a complexidade e contradições do efeito mórbido e religioso contido na simbolização da morte da personagem, revelando visões particulares sobre o feminino. Enfim, pudemos compreender as representações simbólicas de episódios em que os conceitos cristãos estão invertidos, numa tentativa do autor em mostrar as contradições que envolvem não apenas a classe menos favorecida, mas também as contradições morais contidas na classe média. Por meio da representação de Maggie e das circunstâncias que a levam à morte, Crane realiza uma crítica profunda da situação da mulher pobre e trabalhadora do século XIX.



## **CAPÍTULO 1**

**A ORIGEM DA *TENEMENT FICTION* NORTE AMERICANA E  
*MAGGIE: A GIRL OF THE STREETS***

*"She is more to be pitied than censured,  
She is more to be helped than despised, [...]".*

*William B. Gray, 1898*

## 1.1 A *Tenement Fiction* de Stephen Crane

Foi a partir de *As Gangs de Nova York: uma história informal do submundo* de Herbert Alsbury, de 1928 e do filme *Gangs de Nova York*, uma adaptação de Martin Scorsese em 2002, inspirada no livro em que narra a história que se passa no ano de 1846, progredindo para o ano de 1860, que buscamos inspiração para desenvolver essa pesquisa.

O filme nos mostra que as principais temáticas discutidas na grande cidade de Nova York, no século XIX, eram as questões ligadas à imigração e ao início da Guerra Civil Americana, culminando no motim de Nova York em 13 de julho de 1863, quatro dias de rebelião na metrópole americana, cujas causas englobam o alistamento obrigatório, misturando disputas étnicas, guerras de classes e revolta dos imigrantes. Percebemos, por meio da personagem feminina do filme, Jenny Everdeane, interpretada por Cameron Diaz, a existência de mulheres que residiam nos cortiços em Nova York, lugar onde proliferavam a miséria, as brigas de gangues e a prostituição, aguçando nosso desejo de investigar o assunto.

Movidas pela ambição de conhecer quem eram essas mulheres e como viviam, buscamos observar a representação delas nas obras literárias do século XIX na cidade de Nova York, cujo tema central era a vida das mulheres de classe baixa que habitavam essa região.

Foi instigante abordar como *corpus* desse trabalho a primeira obra de Stephen Crane, *Maggie: A Girl Of The Streets*, publicada inicialmente em 1893, sob muitas ressalvas da crítica, por se tratar de obra considerada escandalosa, havendo, depois, em 1896 uma segunda publicação. Crane fez algumas alterações para tornar o romance adequado às exigências de seus editores, principalmente no que se refere à linguagem utilizada para caracterizar seus personagens. Sua publicação ocorreu em circunstâncias peculiares, como as que aconteceram em Nova York, no século XIX, o que requer que tomemos como ponto de partida o desenvolvimento da cidade de Nova York e o contexto histórico, social, econômico e cultural do momento.

Crane oferece no romance o suporte ideal à crítica, que percebe a evidência da crença no determinismo social presente no romance. Ambos, estilo e tema podem confirmar o indício. A vida na Bowery pode ser resumida em brigas, consumo de cerveja, miséria; até mesmo o enredo favorece essa interpretação. Maggie é uma menina desamparada e inocente que é traída por seu amor, sua família e pela sociedade. Ela, na própria concepção de Crane, “*tries to show that environment is a tremendous thing [...] and frequently shapes lives regardless*”<sup>10</sup>. (CRANE, 2006, p. xiii, tradução nossa).

O autor aparece num período delicado da história da América. Após a Guerra Civil, o país teve mudanças dramáticas em relação ao aumento de tamanho, de população e transformações pontuais na economia. Entre tais mudanças também ocorria o aparecimento de dois movimentos literários, o Realismo e mais tarde o Naturalismo, e Stephen Crane parece participar do período entre o Naturalismo e o Modernismo, reagindo contra o Romantismo, por isso é considerado por muitos um autor impressionista, em concordância com o que se pretendia na arte no início do século XX.

A crítica procura aproximar as técnicas estilísticas da escrita de Crane com as da pintura impressionista. As similaridades parecem derivar do uso de cores e do jogo de claro-escuro. R. W. Stallman (2012) aprofunda-se na comparação com a pintura impressionista, chegando a considerar a obra de Stephen Crane “pontilhista”, pela composição desconexa de imagens que surge ao leitor como explosões de tinta na tela.

Segundo Paul Sorrentino (2006, p. 26), no começo da carreira de Crane, nos anos de 1890, o mundo literário estava no meio das discussões do que chamavam Realismo de Guerra, em que os escritores debatiam qual a melhor forma de escrever. Crane foi fortemente influenciado por essas discussões e por dois escritores principais, Hamlin Garland e William Dean Howells. Nesse tempo escreveu *The Red Badge Of The Courage* (1895), seu grande sucesso, após a publicação de *Maggie*, seu primeiro romance.

Nascido em 1871, em Newark, New Jersey, Stephen Crane foi filho de pais metodistas, rigidamente religiosos. Ele se rebelou quando bem jovem contra as

---

<sup>10</sup> Tenta mostrar que o meio ambiente é algo tremendo [...] e frequentemente dá forma à vida sem consideração.

exigências da família e tornou-se escritor em tempo integral. Para escrever seu primeiro livro *Maggie, a Girl of the Streets* (1893), Crane passou uma temporada vivendo nas regiões pobres da Bowery, em Nova York, a fim de conferir autenticidade ao seu trabalho. Também escreveu a “*short story*”, conto não muito pequeno (possui sete capítulos) chamado “The Open Boat” (1897). Tem um número considerável de *sketches* escritas e encenadas nos teatros, em que também aborda o cotidiano das pessoas dos cortiços.

*The Red Badge of Courage* (1895), primeiramente não foi bem aceito pelo público americano, mas foi recebido com entusiasmo pela crítica inglesa, chamando a atenção dos americanos que o consagraram. Sendo assim, Stephen Crane torna-se um escritor mundialmente proeminente. Baseado nas histórias de um desertor perdido em meio a Guerra Civil, na Batalha de Chancellorsville (1863) as descrições realistas das batalhas travadas nos campos de guerra fazem de *The Red Badge of Courage*, um romance realista e quebra com as regras instituídas pelo realismo de como um romance de guerra deveria ser narrado.

Crane focaliza os momentos de reflexão de apenas um soldado, Henry Fleming, representando sua mente como um labirinto de ilusões, vaidade e idealismo e ingenuidade romântica desafiada pelas duras lições dadas pela guerra. Nesse trabalho descreve a indiferença humana a respeito de sua existência. Ele influenciou fortemente as produções literárias do século XX, a ficção americana, principalmente os escritos dos autores modernistas, o que faz do romance um dos mais importantes da literatura mundial.

No início de sua carreira, Stephen Crane aponta o caminho para a crítica quanto a sua idealização da literatura naturalista. Ele mesmo não se considera um autor naturalista, renunciando às regras da escola literária e demonstra claramente sua acepção de arte literária na inscrição abaixo (CRANE, 1893, apud. WEST, 2014, p. 215):

*I renounced the clever school in literature. It seemed to me that there must be something more in life than to sit and cudgel one's brains for the clever and witty expedients. So I developed all alone a little creed of art which I thought was a good one. Later I discovered that my creed was identical with the one of Howells and Garland and in this way I became involved in the beautiful war between those who say*

*that art is man's substitute for nature and we are most successful in art when we approach nearest to nature and truth*<sup>11</sup> .

Em suas obras, desde *The Red Badge of Courage*, *Maggie: A Girl Of The Streets*, o conto “The Open Boat”, até seu trabalho final “The Blue Hotel” (1898), Crane conserva alguns aspectos que não mudam. Ele idealiza a natureza como a força que afeta os personagens. A maioria dos críticos acredita ver em *Maggie*, um de seus maiores trabalhos, em que explicita a ideia de que a natureza é a força que comanda os males da sociedade, onde os impulsos naturais são as molas propulsoras do indivíduo, não em direção ao caminho da felicidade, mas ao caminho da infelicidade.

No primeiro livro, forças naturais compelem o herói a travar um combate interno, assim como influencia a batalha entre os inimigos. No conto “The Open Boat” há um confronto direto entre o homem e a natureza simbolicamente retratado. Em “The Blue Hotel”, o medo se torna algo incontrolável diante da implacável natureza, a qual determina os eventos da história.

O discurso de Crane apresentado na inscrição acima é consistente no que se refere ao fato de ser um jovem estudante de jornalismo e autor, se vê na condição de se rebelar contra as convenções sociais e artísticas da época. Crane afirma desenvolver sua própria crença artística. É considerado um autor de transição porque muda seu método artístico do veritismo<sup>12</sup> de *Maggie* ao simbolismo de “The Blue Hotel”. A esse respeito West (1962, p.227) afirma que: “*What he did was suggest the proper means of bridging the two extremes between the naturalists*”<sup>13</sup>. Afirma também que Crane, mais que autores como Garland e Henry James, antecipa futuros interesses nas letras Americanas, como os de Hemingway e William Faulkner. Acrescenta sobre isso a seguinte afirmação (WEST, 1962, p.228): “*Crane*

---

<sup>11</sup> Eu renuncio à escola inteligente em literatura. A mim parece que deve haver algo mais na vida que se sentar e martelar o cérebro para expedientes inteligentes e espirituosos. Então eu desenvolvi sozinho uma pequena crença sobre a arte que eu considere boa. Depois eu descobri que minha crença era idêntica às de Howells e Garland e dessa forma me envolvi com a bela guerra entre aqueles que dizem que a arte substitui o homem pela natureza e nós temos maior sucesso na arte quando nos aproximamos mais intimamente da natureza e da verdade.

<sup>12</sup> Termo cunhado por Hamlin Garland, no final do século XIX, para expressar fidelidade com a verdade na expressão das impressões da realidade.

<sup>13</sup> O que ele fez foi sugerir os meios adequados para ligar os dois extremos entre os naturalistas.

*not only kept the tradition of honest investigation alive, he made it meaningful for generations to follow*<sup>14</sup>.

Em seu primeiro romance Crane tenta alcançar um tipo de objetividade jornalística, seguindo o método proposto por Garland de “natureza e verdade”. *Maggie* retrata o mais verossímil possível cenas da vida pobre da classe baixa com detalhes capazes de chocar o leitor dos anos 1890.

Antonio Cândido, em *De Cortiço a Cortiço* (1993), ressalta que a transposição direta da realidade para a obra era uma prática naturalista, como se o escritor fosse “o sujeito em face do objeto puro” a fim de registrar as impressões que tem da realidade, constituindo a matéria essencial do seu texto.

Consideramos *Maggie* um romance urbano em que há vários enquadramentos da cidade, sendo que Crane pretende desde o início destacar as impressões que tem da influência da cidade grande no comportamento e mentalidade dos personagens. Ele enfatiza, especialmente, a ação da cidade de Nova York exercida sobre as mulheres que precisam trabalhar fora de casa e conviver com os indivíduos e com o ambiente que as cercam.

A mudança de espaço da mulher, ao transitar do lar para as ruas, foi dada, principalmente, pelas exigências de trabalho, estando em oposição ao ideal de privacidade a que o sexo feminino estava ligado, naquela época. Sabemos que a esfera íntima é o lugar onde historicamente nasce a privacidade, mas nossa personagem vive em um cortiço. Divide o espaço com uma multidão de pessoas. Não possui nenhuma privacidade. O autor expõe o aspecto de coletividade enfatizando a numerosa população: “*The place was crowded [...] a battalion of waiters [...] the vast crowd... the great body of the crowd [...]*”<sup>15</sup> (CRANE, 2006) são recursos narrativos que evidenciam o grande contingente populacional do lugar onde a personagem vivia.

Nos cortiços perde-se a privacidade. Habermas (1984, p.187) declara haver, a partir do século XIX, uma polarização da esfera social e da esfera íntima e acrescenta: “A perda da esfera privada e um acesso seguro à esfera pública são [...] traços característicos do modo de morar e de viver urbanos”. Ainda pontua o seguinte:

---

<sup>14</sup> Crane não apenas manteve a fidelidade à tradição de investigação honesta e viva, como também tornou-a significativa para as gerações seguintes.

<sup>15</sup> O lugar estava lotado [...] um batalhão de garçons [...] a vasta multidão [...] o grande corpo da multidão [...].

[...] naturalmente, a família não está livre das coações a que a sociedade burguesa submete como qualquer outra sociedade anterior. A família desempenha exatamente o papel que lhe é prescrito no processo de valorização do capital [...] ela garante a continuidade pessoal que, de direito, está ancorada na livre herança de propriedade. Antes de qualquer coisa, ela serve como uma agência da sociedade, ela assume a tarefa da difícil mediação que, sob a aparência de liberdade, assegura no entanto a estrita observância das inevitáveis exigências sociais.

Em muitos momentos do romance a falta de privacidade é destacada, demonstrando haver o envolvimento de vizinhos em questões estritamente familiares. Em um dos episódios, a vizinha ouve o término de uma briga, apesar da rua rumorosa. No final do romance, personagens sem nome, integrantes da massa de pessoas do cortiço, participam de uma espécie de julgamento de Maggie, após a sua morte. Em unísono concordam em perdoar a garota perdida de Mary e repetem em coro a máxima (CRANE, 2006, Cap.XIX, p.71, tradução nossa), “*Deh Lord gives and deh Lord takes away*”<sup>16</sup>. É um morador do cortiço que traz a notícia da morte de Maggie “*A soiled, unshaved man pushed open the door and entered. Well, said he, Mag’s dead.*”<sup>17</sup> (CRANE, 2006, Cap.XIX, p.69, tradução nossa).

Também aparece nessa passagem a “mulher de preto”, seres sem nome, reunidos para julgar o comportamento de Maggie. Um grupo de mulheres, vizinhas, conversavam entre si quando Jimmie passou e começaram a gritar imprecções a respeito de Maggie, deixando evidente a ironia de Crane ao deixar uma classe desprovida de valores morais fazerem o julgamento (CRANE, 2006, Cap. X, p.39): “*She allus was a bold thing! There wasn’t a feller come the deh house but she’d try the mash ‘im*”<sup>18</sup>.

Nesse momento, Crane (2006, Cap. X, p.39) utiliza na narrativa a sua ironia própria, ao expor uma moral hipócrita que não condiz com a cultura prevalente na classe desfavorecida. Outra moradora disse: “*Dat Johnson girl ain’t straight.*”

---

<sup>16</sup> Deus dá, Deus tira!

<sup>17</sup> Um homem sujo e barbudo empurrou a porta e entrou. “– Bem, disse ele, Mag está morta!”

<sup>18</sup> Sempre foi atrevidinha! “Não havia sujeito que lhe entrasse em casa que não tentasse seduzir!”



*Anybody what had eyes could see dat dere was somethin' wrong wid dat girl. I didn't like her actions",* <sup>19</sup> retrucou uma outra vizinha.

Os autores desse período explicitam em seus trabalhos literários o impacto da vida urbana, especialmente na vida da classe pobre. Apontam, do mesmo modo, a existência de uma intrínseca relação da vida experimentada nas grandes cidades, fora da intimidade familiar, com a proliferação de vícios e da violência, entre eles o vício do álcool e a proliferação do chamado “mal social” que é a prostituição.

Em um breve panorama dos acontecimentos no final do século XIX podemos afirmar ter havido um fator fundamental que revolucionou e transformou a sociedade e a economia dos Estados Unidos e de países europeus, relacionado ao estabelecimento, nesse período, de uma nova economia industrial, baseada na produção têxtil e no surgimento da classe trabalhadora. Houve várias consequências ocasionadas pelas mudanças no cenário econômico, principalmente em relação às condições de vida que se deterioraram com o aumento imensurável da população.

A imigração maciça de povos provenientes de vários países, após a Guerra Civil, e a aglomeração dessas pessoas em bairros pobres espalhou a miséria em que a classe trabalhadora se afundou nas cidades grandes no século XVIII e XIX como nos aponta Kevin Hayes, em *Maggie, a girl of the streets: a story of New York* (1999, p.6, tradução nossa):

*After the Civil War, the demographics of the United States changed significantly. More and more Americans began migrating from rural to urban areas in search of employment, and immigration from Eastern Europe increased greatly. The large influx of people into major urban areas created serious overcrowding people.*<sup>20</sup>

Essa população de trabalhadores possuía péssimas condições de trabalho o que não propiciava nenhuma mobilidade social, muito pelo contrário, condenava-os a sobreviver em meio a tipos variados de problemas e vícios, como o alcoolismo e a prostituição. O alcoolismo era um grave entrave social que atingia do mesmo modo,

---

<sup>19</sup> Essa mocinha não é direita! Quem tivesse olhos, logo poderia ver que havia algo de errado naquela menina. Eu não gostava dos seus modos.

<sup>20</sup> Após a Guerra Civil, a demografia dos Estados Unidos mudou significativamente. Mais e mais americanos começaram a migrar das áreas rurais para áreas urbanas em busca de emprego, e a imigração da Europa Oriental aumentou muito. O grande afluxo de pessoas em grandes áreas urbanas criou sérios problemas de acúmulo de pessoas.

as mulheres, os adolescentes e era o passatempo predileto dos trabalhadores. Crane evidencia a convivência dos trabalhadores nos lugares comuns, nos bares e teatros e a ostentação de canecas de cerveja.

Problemas eram gerados com o vício e podemos identificar uma denúncia dos distúrbios causados por seu uso. Crane ao delinear a mãe de Maggie, Mary Johnson, como uma mulher alcoólatra almeja evidenciar esse aspecto em seu romance, denunciando a violência gerada pelo consumo de álcool pela população dos *tenements*.

Na visão do escritor, o álcool era o principal fator de geração de violência. Os garotos sempre formavam gangs e espalhavam a violência nas ruas dos bairros pobres de Nova York. A mãe de Maggie frequentemente bebia e o resultado de sua embriaguês era a violência e a negligência em relação aos filhos, criando com isso um ambiente familiar destruído e hostil do qual Maggie tentou fugir, mas teve seus anseios frustrados ao se deparar com a realidade também brutal dos becos e vielas da cidade turbulenta. Detectamos a representação do vício e das transformações do caráter da mãe de Maggie acarretadas pela utilização constante do álcool na seguinte passagem (CRANE, 2006, Cap. VI, p.24, tradução nossa):

*Her mother drank whiskey all Friday morning. With lurid face and tossing hair she cursed and destroyed furniture all Friday afternoon [...] When Maggie came home at half-past six her mother lay asleep amidst the wreck of chairs and a table. Fragment of various households utensils were scattered about a floor.*<sup>21</sup>

O episódio acima exemplifica o aspecto destruidor do álcool na família de Maggie, fazendo com que a realidade seja distorcida, o que contribui para a ruína da garota. Praticamente todos os personagens bebem. Há muitas situações em que a bebida se faz presente.

As crianças e adolescentes também possuíam acesso ao álcool e à vida desregrada, compondo um cenário de abandono e negligência a que eram submetidas. Jimmie, o irmão de Maggie, não encontra dificuldade em conseguir a bebida para uma vizinha. Desde muito cedo as pessoas têm contato com o álcool e Crane (2006, Cap. III, p.11, tradução nossa) revela isso nessa passagem:

---

<sup>21</sup> Sua mãe tomou uísque durante toda a manhã de sexta-feira. Com rosto pálido e o cabelo desgrenhado amaldiçoou e destruiu os móveis durante toda a tarde de sexta-feira [...] Quando Maggie chegou às seis e meia sua mãe estava jogada, adormecida entre restos de cadeiras e mesa. Fragmentos de vários utensílios estavam espalhados sobre no chão.

*Jimmie took a tendered tin-pail and seven pennies and departed. He passed into the side door of a saloon and went to the bar. Straining upon his toes he raised the pail and pennies as high as his arms would let him. He saw two hands thrust down and take them*<sup>22</sup>.

Hayes (1999, p.175, tradução nossa) explica que os adolescentes sempre formavam gangues e quadrilhas e também possuíam o direito de obter bebida alcoólica por pouco dinheiro. O uso de álcool pelos garotos lhes conferia certo respeito entre seus pares em meio à vida de miséria, o que causava incontáveis entraves e problemas, principalmente no que diz respeito à violência doméstica. Ele expõe o seguinte sobre o consumo de álcool:

*Adolescents boys often formed “growler gangs” the growler being a tin pail that they could fill at a local saloon for a few cents [...] then, as now, alcohol provided a temporary respite from a life of poverty, yet it often led to numerous other problems, not the least of which was family violence.*<sup>23</sup>

Jimmie fazia parte de uma, das muitas gangues que existiam em Nova York nessa época e é caracterizado como um indivíduo arrogante e violento. Assim como Maggie, cresceu sendo insultado pelos pais, mas desenvolveu um senso de segurança, por meio da valentia e da violência adquirida em seu convívio diário com ela. Apanha da mãe no capítulo inicial, por causa da briga de rua, e, mais tarde, já adulto, encontra na violência a única forma de conter a cólera da mãe (CRANE, 2006, Cap. IX, p.35): *“Damn yer ol’ hide, yelled Jimmie, madly [...] There was a great final thump and Jimmie’s voice cried: Dere, damn yeh, stay still”*<sup>24</sup>.

---

<sup>22</sup> Jimmie pegou uma caneca e sete centavos e partiu. Ele passou pela porta de um *saloon* e foi para o bar. Esticando-se nas pontas dos pés, levantou a caneca e as moedas o mais alto que seus braços puderam alcançar. Ele viu duas mãos descendo e pegando-os.

<sup>23</sup> Adolescentes, meninos muitas vezes possuíam *growler gangs*. O *growler* era uma caneca de lata que podiam encher em um bar local por uns poucos centavos [...] então, como agora, o álcool proporcionava um alívio temporário de uma vida de pobreza, ainda que, muitas vezes, levava a inúmeros outros problemas, como era o da violência familiar.

<sup>24</sup> Dane-se coruja velha!” Pare com isso! – berrou Jimmie, alucinado [...] Ouviu-se um grande baque final e a voz de Jimmie gritou: - Lá desgraçada! Agora fique quieta!

Foi por causa de sua personalidade beligerante que consegui sobreviver em meio ao caos da região dos *tenements* (CRANE, 2006, Cap.IV, p.15, tradução nossa):

*The inexperienced fibres of the boy's eyes were hardened at an early years. He became a young man of leather. He lived some red years without laboring. During that time his sneer became chronic. He studied human nature in the gutter, and found it no worse than he thought he had reason to believe it. He never conceived a respect for the world, because he had begun with no idols that it had smashed.<sup>25</sup>*

Nessa mesma época, outro problema surgia não só nos Estados Unidos, mas igualmente em outros países que experimentavam o desenvolvimento das grandes cidades. É nesse momento que a sociedade começa a perceber a presença de um grande mal, de uma ameaça às famílias: a complicada proliferação da prostituição.

Segundo Egal Feldman (1967), no período anterior à Primeira Guerra Mundial os norte-americanos perceberam o alastramento da prostituição e lançaram um olhar atento sobre esse problema que afligia não só os Estados Unidos, mas países na Europa, como Inglaterra, França, entre outros.

A atenção dos norte-americanos se voltou para a erradicação da prostituição, o que fez com que agissem energicamente na cruzada contra a imoralidade sexual, assim como declara Egal Feldman, várias organizações sociais, participantes da Reforma Social se empenharam em pôr fim ao que era conhecida como a “escravidão branca”, lembrando muito a luta pelo fim da escravidão negra (FELDMAN, 1967, p.192, tradução nossa):

*Ministers, social workers, men and women of medicine, science and letters all joined in the unusually massive assault. Their united determination to eradicate White slavery reminds one of the previous crusade against Black servitude.<sup>26</sup>*

<sup>25</sup> As fibras inexperientes dos olhos do garoto endureceram-se bem cedo. Ele tornou-se um rapaz viril. Viveu alguns anos rubros, sem emprego. Durante esse tempo adquiriu um sorriso crônico de escárnio. Ele estudou a natureza humana na sarjeta, e não a encontrou pior do que imaginava ou acreditava julgá-la. Ele nunca teve respeito pelo mundo, porque ele não possuía ídolos os quais esmagara.

<sup>26</sup> Ministros, assistentes sociais, homens e mulheres da medicina, ciências e letras todos unidos contra o inusitado assalto massivo. A sua determinação, unida para erradicar a escravidão branca, lembra a da cruzada anterior contra a escravidão negra.

O médico e educador americano Abraham Flexner em *Prostitution in Europe* (New York, 1914) apontou a impossibilidade de erradicar totalmente a prostituição e amenizar esse velho costume de comercialização do prazer sexual, o qual seria considerado o vetor de inúmeros problemas sociais. A prostituição era considerada uma praga, um “mal social”, uma ameaça real à segurança dos conceitos vitorianos sobre o papel da mulher na sociedade.

Nesse período as doenças assolavam os Estados Unidos e os grupos de militantes americanos travaram uma luta de vida e morte contra os males que atingiam o país. Muitas doenças, como tuberculose, sífilis, entre outras, estavam associadas à vida turbulenta e de vicissitudes, como a presença do alcoolismo, claramente foram consideradas uma consequência da prostituição e dos problemas sociais acarretados por ela.

A cidade grande passou a ser sinônimo de “armadilha” para os que iam procurar trabalho nas muitas indústrias, especialmente para as moças que chegavam a essas cidades vindas de diversas partes do país. A vida moderna na cidade parecia tentadora e uma armadilha eficiente à disposição dos traficantes de “escravas brancas”, os quais eram extremamente organizados em “sindicatos”, aptos a capturar moças solitárias e inocentes, que partiam do interior do país em busca de condições melhores de vida.

A medicina teve um poder intenso no século XIX e atinge *status* de ciência provocando mudanças de ideias. É interessante notar que a medicina, por meio da observação e do cientificismo que reiterava suas ideias, nesse período, tornou convencional a ideia de que a prostituta seguia certo padrão físico e construíram uma imagem que conectava a prostituta à imagem da mulher grotesca.

Na tentativa de manter a ordem doméstica e familiar, tolhe-se a liberdade da mulher, especialmente a liberdade sexual e então para atingir os objetivos, afirma Nick Roberts (1998, p.264), “os homens instruídos recorreram à ciência e passaram a desenvolver uma forma de castração psíquica que esperavam poder deter para sempre os desejos das mulheres. Sua estratégia era bastante simples. Consistia em negar totalmente a existência da sexualidade feminina”.

*Ernest A. Bell declara em Fighting the Traffic in Young Girls, or War on the White Slave Trade o seguinte:* (BELL, 1910, apud: FELDMAN, 1967, p. 195, tradução nossa):

*Unless we make energetic and successful war upon the red light districts [...] we shall have Oriental brothel slavery thrust upon us [...] with all its unnatural and abnormal practices, established among us by the French traders. Jew traders, too, will people our "levees" with Polish Jewesses and any others who will make Money for them. Shall we defend our American civilization, or lower our flag to the most despicable foreigners – French, Irish, Italians, Jews and Mongolians? [...] On both coasts and throughout all our cities, only na awakening of the whole Christian conscience and intelligence can save us from the importation of Parisian and Polish pollution, which is already corrupting the manhood and youth of every large city in the nation [...]”<sup>27</sup>.*

Feldman (1967, p.196, tradução nossa) diz que, a relação entre a prostituição e os imigrantes “*aliens*” foi solidificada no imaginário público quando confirmado pelos investigadores do governo, sendo que, o assunto da prostituição intrinsecamente ligado ao aumento da imigração nos Estados Unidos alimentou episódios nativistas<sup>28</sup>, percebidos numa das reportagens feitas pelos investigadores federais, ao apontarem que: “*A very large proportion of the pimps living in the United States are foreigners*”<sup>29</sup>.

Os imigrantes eram vistos tanto como vítimas tanto como as causas das vicissitudes e a principal vítima era frequentemente uma garota imigrante inocente. Discutia-se a necessidade de um mecanismo de proteção governamental, porém alguns americanos, especialmente nativistas, ao descobrir a existência da

---

<sup>27</sup> A menos que façamos uma guerra enérgica e bem sucedida contras os distritos da luz vermelha [...] teremos a escravidão dos bordeis Orientais acima de nós [...] com todas as suas práticas não naturais e anormais, estabelecidas entre nós pelos comerciantes franceses. Comerciantes judeus, também, pessoas da nossa "classe" com judias polonesas e quaisquer outros que possam ganhar dinheiro com eles. Vamos defender a nossa civilização americana, ou diminuir a nossa bandeira para os estrangeiros mais desprezíveis - ? Franceses, irlandeses, italianos, judeus e mongóis [...] em ambas as costas e em todas as nossas cidades, só o despertar de toda a consciência cristã e inteligência podem nos salvar da importação de poluição parisiense e polonesa, que já está corrompendo a virilidade e a juventude de cada grande cidade da nossa nação [...].

<sup>28</sup> No filme *Gangues de Nova York*, percebe-se claramente a presença dos americanos conservadores. Daniel Day-Lewis representa o personagem Bill “The Butcher” Cutting, açougueiro que lidera a gangue dos nativistas no filme. Os grupos nativistas defendem ideias xenófobas, opondo-se violentamente contra os imigrantes, tidos como invasores do território americano; os imigrantes, ou “aliens” eram “ratos destruidores” e não “castores construtores”, diziam os nativistas. Consideravam os imigrantes criminosos e que o crime e a pobreza eram os venenos da república: “Nosso país se converteu em uma espécie de colônia penal para a qual governos estrangeiros enviam seus criminosos”, sugere o Comitê de Relações Exteriores, no século XIX.

<sup>29</sup> Uma grande proporção de cafetões, que vive nos Estados Unidos é estrangeira.

prostituição e de sua crescente proliferação, e mais, convictos que esse mal teria suas raízes na Europa, começaram a reivindicar a deportação da mulher imigrante de comportamento duvidoso.

Ao contrário dos “*reformers*” (reformistas) que reivindicavam melhores condições de vida para os imigrantes, demonstrado nesse trecho destacado de Feldman (1967, p.199, tradução nossa): “*Certainly the immigration laws might do better than to send a girl back to her parents, diseased and disgraced, because America had failed to safeguard her virtue from the machinations of well-known but unrestrained criminals.*”<sup>30</sup>

A história do aparecimento dos movimentos reformistas na América do Norte é proveniente de um período antes da Guerra Civil (1861), tempo em que lutavam pelos direitos básicos do ser humano e pela liberdade. Nessa época apareceram movimentos como o feminismo e também aconteceram as reformas trabalhistas, vigorando apenas após a Guerra Civil.

O Norte dos Estados Unidos possuía maior avanço tecnológico e desenvolvimento, com trabalhadores livres, enquanto a população do Sul concentrava suas atividades na área rural, cujo poder econômico estava concentrado nas mãos dos proprietários de terras de cultura escravocrata. A escravidão está associada aos sistemas político e econômico adotados pelo sul, caracterizando grande divergência política em relação aos compatriotas do Norte.

Notamos que os aspectos referentes ao momento histórico dos Estados Unidos, as condições desfavoráveis que punham em risco o desenvolvimento da nação, bem como o descontentamento com os rumos da sociedade, principalmente aos que levavam à destruição do caráter do ser humano foram expressos literariamente no movimento chamado Naturalismo, o qual assume conotações específicas nos Estados Unidos, sobre o que trataremos a seguir brevemente, a fim de contextualizar a escrita de Crane e esclarecer seu conceito de arte e verificar as causas que intitulam o autor como um autor de transição.

---

<sup>30</sup> Certamente, as leis de imigração podiam fazer melhor que enviar uma menina de volta para seus pais, doente e desonrada, porque os Estados Unidos não conseguiram salvaguardar a sua virtude do maquinário constituído por criminosos bem conhecidos, mas não reprimidos.

## 1.2 Stephen Crane e *Maggie* no Contexto do Naturalismo

A arte naturalista do século XIX, expressada em sua forma literária, foi na maioria das vezes, considerada um gênero singular, já que trazia à tona novas cores na forma de expressar o sentimento da época em que se privilegiavam teorias científicas para explicar o comportamento humano na história, no contexto da industrialização e a literatura naturalista norte-americana participa dessa especificidade.

Segundo June Howard no prefácio de *Form and History in American Literary Naturalism*, (1985, p. ix, tradução nossa) os escritores naturalistas viveram e expressaram suas experiências em um período de incertezas e que investigar o naturalismo é investigar um momento histórico e que expressa uma ideologia imanente, “*It is a way of imagining the world and the relation of the self to the world, a way of making sense – and making narrative [...]*”<sup>31</sup>.

O naturalismo toca em questões referentes a um mundo cujas ações e significados são vistos em termos da luta entre classes na busca pela sobrevivência, aspecto desse movimento literário que nos interessou discutir aqui, sem buscar os pormenores que oferecem uma gama enorme de leituras e reflexões sobre o Naturalismo e suas especificidades estéticas, o que não nos interessa nesse momento do trabalho, já que envolveria realizar grande pesquisa a respeito, fugindo do tema proposto aqui.

Observando superficialmente a presença do naturalismo na literatura, podemos afirmar que houve críticas a esse tipo de literatura, considerada sensacionalista, pessimista, ateuista, hedonista, depressiva, ausente de desejo próprio, entre outras afirmações não muito positivas sobre a literatura do século XIX, o que acarretou ao naturalismo um papel secundário na história da literatura. Sendo assim, apontamos para o olhar preconceituoso a respeito de uma literatura em que os defeitos do ser humano são destacados.

---

<sup>31</sup> É uma maneira de imaginar o mundo e a relação do eu com o mundo, uma maneira de fazer sentido – e fazer narrativa [...].



Charles Walcutt, um dos críticos do Naturalismo, em *American Literary Naturalism: a divided stream* (1956, p.20-24, tradução nossa) declara que a maioria dos motivos e temas da literatura naturalista são “*determinism, survival, violence, and taboo. The theme of determinism, which is of course basic, carries the idea that natural law and socioeconomic influences are more powerful than the human will*”<sup>32</sup> e entende que as teorias correntes sobre o naturalismo são divergentes, seguindo duas vertentes, a que tende ao pessimismo e a que tende ao otimismo.

Aparentemente, segundo a crítica, a essência naturalista é caracterizada pelo determinismo pessimista, que segundo Walcutt (1956, p. 20, tradução nossa) “*expressing resignation or even despair at the spectacle of man’s impotence in a mechanistic universe*”<sup>33</sup>.

O romance naturalista é considerado pela crítica como uma afirmação do progresso e da habilidade do ser humano em controlar o meio ambiente por meio da ciência, a qual traz em si a idéia de avanço e modernidade. Sobre isso Walcutt (1956, p.22, tradução nossa) assinala que “*the critical controversy over optimism and pessimism, it is evidence of divided streams – of a profound uncertainty as to whether science liberates the human spirit or destroys it*”<sup>34</sup>.

O Naturalismo surge e se instala nos Estados Unidos em contestação às pressões internas do país com as rápidas mudanças sucedidas. Surge em resposta à crescente discórdia social que se agravou com a Revolução Industrial e o capitalismo desenfreado. O naturalismo enraíza-se na América em razão do descontentamento e desilusão causados pelas transformações econômicas e sociais e com os problemas motivados por elas.

Autores como Crane, do final do século XIX e início do século XX deixaram claro em seus trabalhos, a representação de suas visões e de seus sentimentos a respeito de um período de mudanças e incertezas; de imigração e desordem. Havia um senso de descontentamento e desconforto, principalmente com as questões referentes aos problemas sociais surgidos nesse período. Eles enfatizam em seus

---

<sup>32</sup> [...] determinismo, sobrevivência, violência e tabu. O tema do determinismo, que é básico, traz a ideia de que a lei natural e as influências sócio-econômicas são mais poderosas do que a vontade humana.

<sup>33</sup> Expressar resignação ou até mesmo desespero diante do espetáculo da impotência do homem em um universo mecanicista.

<sup>34</sup> [...] a polêmica crítica sobre o otimismo e o pessimismo é evidência de fluxos divididos - de uma profunda incerteza sobre se a ciência liberta o espírito humano ou a destrói.

trabalhos o quanto os fatores sociais e econômicos determinam o comportamento do indivíduo. São os mais importantes romancistas dessa época W.D.Howells, Frank Norris e Theodore Dreiser.

O romance de Dreiser, *Sister Carrie* (1900) é um ótimo representante da estética naturalista e dos conceitos deterministas em que escolhe como tema, a história de uma garota do interior que se muda para a grande cidade para realizar o seu próprio sonho, se tornando uma atriz famosa.

Na escrita feminina os conceitos deterministas são representados nos romances escritos por Edith Warton e por Kate Chopin como em *The Awakening* (1899), cuja heroína Edna Pontellier é apresentada aos leitores sob uma visão romântica de sua experiência e de seu suicídio, contrastando-se com *Maggie* de Stephen Crane que, mesmo sem ter consciência de sua situação, cuja visão é mascarada pela ilusão da realidade é antes uma crítica feita à ideia romântica da experiência tida nas ruas e lugares pobres da grande Nova York, enfatizada por outros autores.

A fim de representar essa população desfavorecida, surgiram vários autores interessados em fazê-lo. O jornal publicado em agosto de 1898, *New York In Fiction: books in which the scene is Laid Here in Whole Or in Part*, faz uma relação dos romances publicados nessa época, marcando a divisão entre a publicação de *Clara Howard* (1801), do romancista Charles B. Brown e a obra de Abraham Cahan, *The Important Bridegroom* (1898), os quais o jornal classifica como romances tipicamente nova-iorquinos, por tratar como tema principal dos diversos cantos da cidade de Nova York e sua população.

Têm destaque, entre os proeminentes escritores que apareceram nessa época e retrataram fielmente a vida de grupos de imigrantes distintos em Nova York, os trabalhos de Townsend, *Daughter of Tenements* (1895), em que descreve a vida nos bairros italianos; Willian Norr pinta o retrato da comunidade chinesa em *Stories of Chinatown*, Abraham Cahan, que revela o *east side* habitado por judeus em *Yekl* (1896), Edgar Fawcett que segundo o jornal “[...] *has done more for the native city than any other novelist*”<sup>35</sup>. Cita três trabalhos especiais desse autor tais como, *An ambitious Woman* (1884), *The Evil That Men Do* (1889) e *A New York Family* (1892). Inclui entre os autores referidos Stephen Crane, com *Maggie: A Girl Of The*

---

<sup>35</sup> [...] tem feito mais para a cidade natal do que qualquer outro romancista.

*Streets* (1893, 1896) o qual inaugura uma nova forma de representar a realidade dos imigrantes irlandeses residentes na Rua Bowery.

Aparecem, então, novas formas de expressão literária por meio dos chamados “*Tenement tales*” posicionando-se por meio de suas representações contra as convenções literárias românticas, integrando os grupos que compunham a *Tenement Fiction* ou *Slum Fiction* norte-americana dos quais, Stephen Crane faz parte, inaugurando uma literatura de transição, cujas obras transitam entre o naturalismo e o modernismo e as artimanhas estéticas compõem o que é chamado de uma Literatura de Transição.

### 1.3 A Violência e os Contornos da Pobreza na *Tenement Fiction*

Segundo David Fine (1993, p. 98, tradução nossa) a gênese da “*tenement fiction*”, movimento literário existente no naturalismo, nos Estados Unidos e na Inglaterra, pode ser traçada, primeiramente, considerando que é oriunda das grandes cidades como Londres, Nova York, Chicago e fizeram com que surgissem escritores proeminentes e que se preocuparam com o crescimento dessas cidades e sua população, no final do século XIX.

*The genesis of tenement fiction both in England and America can be traced first of all to the spread of slums throughout such cities as London, New York and Chicago in the late nineteenth century and to the warnings of the social consequences of slums presented in such books as Charles Loring Brace's *The Dangerous Classes in New York* (1872), Charles Booth's multi-volume *Life and Labour of the People of London* (1889 and 1897) and Jacob Riis' *How the Other Half Lives* (1890)<sup>36</sup>.*

---

<sup>36</sup> A gênese da *tenement fiction* tanto na Inglaterra como na América pode ser traçada primeiramente pela propagação de “favelas” ao longo de cidades como Londres, Nova York e Chicago no final do século XIX e as advertências sobre as consequências sociais das “favelas” apresentadas em livros como *The Dangerous Classes in New York*, de Charles Loring Brace em Nova Iorque (1872), multi-volume *Life and Labor of the People of London* (1889 e 1897) de Charles Booth e Jacob Riis com *How the Other Half Lives* (1890).

Fine (1993, p.98) afirma que tanto escritores realistas como naturalistas abordavam como tema a miséria em que vivia a massa de trabalhadores das regiões dos *tenements*, porém eram representados como ignorantes e vítimas inocentes das forças econômicas que os controlavam. Fine, ao observar a caracterização de personagens na história de Edgar Fawcett, *The Evil That Men Do*, chama a atenção para a distorção da realidade da classe pobre obnubilada pelo sensacionalismo e pelos resquícios de uma visão romântica em que estão embebidos os seus personagens. São percebidos na leitura como trabalhadores honestos e corajosos.

A heroína, ao contrário da história contada por Crane, se esquivava exaustivamente das armadilhas sedutoras preparadas para que sua alma e pureza fossem danificadas pelas vicissitudes e pela prostituição. No caso de Fawcett, Cora Strang é o exemplo da mulher que fora contaminada pelo meio ambiente, apesar de sua incessante tentativa de se manter casta. Fine (1993, p.98, tradução nossa) pronuncia a seguinte ideia a esse respeito:

*Poverty is rarely degrading; more often it is ennobling. Men are hard-working, honest and uncomplaining; women self-sacrificing, courageous and either inviolable or cruelly betrayed. If the heroine yields to the seducer, it is only after a long, hard struggle, as in the case of Cora Strang, the beautiful slum flower in Edgar Fawcett's The Evil That Men Do (1889)*<sup>37</sup>.

Costuma-se dividir o naturalismo americano em duas gerações sendo que a primeira (1883-1900) é composta por Hamlin Garland, Stephen Crane e Frank Norris e a segunda (1900 – 1920) por escritores como Theodor Dresser, Jack London influenciando autores como Ernest Hemingway.

Entre os autores de *Tenements Tales* apontados por Fine, os quais abordam o tema da vida nos *tenements*, mas dão um tratamento ainda romântico, dramático às obras destacam-se Arthur Morrison's London Collection, com *Tales of Mean Street* (1894), James Sullivan em *Tenement Tales of New York* (1895), Julian Ralph com *People We Pass* (1896), relata as experiências da juventude alemã e irlandesa em um *tenement* em Nova York, Alvan Francis Sanborn com *Moody's Lodging*

---

<sup>37</sup> A pobreza é raramente degradante; mais frequentemente é enobrecedora. Os homens são trabalhadores honestos e cordatos; as mulheres, abnegadas, corajosas, invioláveis ou cruelmente traídas. Se a heroína cede às investidas de seu sedutor, é apenas após ter travado uma longa e dura luta, como no caso de Cora Strang, a bela flor da “favela” em Edgard Fawcett, *The Evil That Men Do* (1889).

*House and Other Sketches* (1895), representa a história de irlandeses na região dos *tenements* em Boston e Isaac Kahn Friedman com *The Lucky Number* (1896) aborda o tema de uma comunidade de imigrantes em Chicago.

O foco dos escritores então passou a ser as grandes cidades e as ruas, porém os personagens retratados, especialmente as crianças, eram caracterizados como sendo vítimas do meio ambiente degradante dos bairros pobres das grandes cidades, contribuindo efetivamente para a continuidade do ciclo de imoralidade, crimes e doenças que afligia as crianças e jovens que se espalhavam pelas ruas de Nova York, vide as argumentações de Fine (1993, p.100, tradução nossa):

*The slum child was both the most pathetic victim and, if he could be reached through schools, settlements and the church, the best hope for an end to the recurring cycle of urban crime, immorality and disease.*<sup>38</sup>

O trabalho de Jacob Riis em *How The Other Half Lives* (1889) uma coleção de artigos, acompanhados por fotografias das cercanias de Nova York, nessa região pobre, expressa o modelo de cultura da época a qual era contagiada pelo pensamento determinista. Esse modelo supõe que as pessoas são produtos naturais do meio em que vivem, sem que haja a modificação da realidade pelas mesmas, mas, opostamente, refletem e reproduzem o ambiente, pois são “imitações do ambiente”. Ele detalha intimamente os costumes, hábitos e moradias da classe baixa. As imagens captadas por Riis nas fotografias expõem a intimidade dos moradores dos *tenements*.

Ele demonstra que o meio ambiente é um fator determinante do comportamento dos indivíduos e é tão degradante quanto destrutivo: “*Conditions [...] are the prolific parents of corresponding habits and morals*”<sup>39</sup>. Riis faz uma crítica ao abandono das crianças, por meio de suas fotos, verdadeiras gangues de rua, espalhadas pelo “outro lado” da cidade, pobre, degradante e destrutiva. Ele insiste em revelar que as condições da pobreza destroem a vida. Importa-se mais em representar o embate entre o homem e o ambiente hostil que o degrada

---

<sup>38</sup> A criança dos cortiços foi a vítima mais patética e, se ela pudesse ser alcançada através das escolas, dos assentamentos e da igreja, seria uma grande esperança para por fim ao ciclo recorrente de criminalidade urbana, de imoralidade e de doenças.

<sup>39</sup> As condições [...] são os pais prolíficos de hábitos e costumes morais correspondentes.

Época da Reforma e da utilização do modelo sociológico de análise de cultura e identidade, em que os americanos se dedicavam à erradicação do “mal social”, ambicionando exterminar o ciclo de violência urbana, a imoralidade e as doenças propagadas pela vida miserável que afligia as grandes cidades. Riis crê que essa reforma deveria começar com as crianças, *“The reform of poverty and ignorance must begin with the children”*<sup>40</sup>, as quais eram consideradas as maiores vítimas da pobreza e da violência sendo os *tenements* tomados como *“nurseries of pauperism and crime”*<sup>41</sup>.

Emerge na obra dele, a juventude transviada, genuínos “moleques de rua”, e seu objetivo foi denunciar o descaso com as crianças, habitantes dos cortiços, muito mais representados como heróis e heroínas, sobreviventes de condições desfavoráveis, que vítimas. Isso quer dizer que os horrores vistos na vida da classe pobre eram descritos de maneira dramatizada, mas raramente considerou-se que as condições morais implicavam na formação do caráter.

Os americanos estudaram os *“the other half”*, a outra parte, ou melhor, os outros, ou os pobres, tornando-os objeto de estudo da sociologia, pois se tratava de campo fecundo para o desenvolvimento de estudos e experimentos, os quais propiciavam realizar os testes dos métodos elaborados pela Reforma social, esforçando-se para ajudar essas pessoas a modificar suas vidas, o que implicava inculcar as ideias moralistas e higienistas da classe média. Os reformistas acreditavam que poderiam exercer o controle e manipular as ações dos indivíduos da classe baixa.

Nova York e Chicago já podiam ser consideradas grandes metrópoles. Havia um clima de efervescência juvenil no século XIX, demonstrado por Schätzle (2000, p.20, tradução nossa) ao afirmar que *“The nineties were the Young man’s epoch”*<sup>42</sup>. A imigração em massa e o crescimento das cidades fizeram a região da Bowery o lugar predileto dos artistas, escritores e boêmios tornando a rua uma das mais movimentadas de Nova York.

As obras desses escritores inspiravam-se nas ideias obtidas por meio da observação e experiências vividas nos guetos e cortiços, buscando tornar o trabalho literário próximo da realidade que se apresentava desconfortável. O mundo dos

---

<sup>40</sup> A reforma da pobreza e da ignorância deve começar com as crianças.

<sup>41</sup> Berçários de pauperismo e crime.

<sup>42</sup> Os anos noventa foram época da Juventude.

crimes, dos vícios e da vida peculiar nos bairros pobres de Nova York começa a ser exposto. Muitos textos são baseados nas ocorrências policiais.

Os trabalhos de Crane fazem parte de uma grande discussão nos anos 1890 acerca das diretrizes realistas contra as propostas estéticas do romantismo, especialmente no que se refere ao aparecimento do romance. A crítica americana, bem como o próprio autor, refutava a ligação existente entre Crane e os escritores naturalistas europeus.

Segundo Schätzle (2000, p. 77), o crítico Ahnebrink discorda dessa opinião seguindo as argumentações de Spiller ao declarar que: *“there is no doubt that he [Crane, J.S.] took direct inspiration from these French realists [Maupassant and Flaubert], and even more certainly from Zola, for L’Assomoir probably provided the plot for Maggie,<sup>43</sup> [...]”* (AHNEBRINK, 1950, apud SCHÄTZLE, 2000, p. 88, tradução nossa).

Por sua vez, o crítico Cunliffe (1955, p.36 apud. SCHÄTZLE, 2000, p. 89, tradução nossa) esclarece que Crane possa sim ter lido *L’Assomoir*, mas pensa que sua maior fonte de inspiração seja proveniente da numerosa produção literária sobre o submundo e o mal que assolava a vida dos novaiorquinos pobres, dizendo que:

*The tradition of denouncing these evils can be traced back to the 1830’ wih the writings of reformers as Edwin Chapin and John R. McDowall, Charles Loring Brace’s The Dangerous Classes of New York, published in 1872 includes a chapter on street girls and is illustrated with an engraving called, The Street Girl’s End in which a dejected prostitute stands at the end of a quay [...]”<sup>44</sup>.*

É provável também que Crane tenha se servido dos sermões de um clérigo chamado Thomas Dewitt Talmage, publicados em jornais e livros. Talmage possuía uma ideia particular sobre a prostituta e em um sermão chamado *“The Gates of Hell”* em que condenava várias práticas, julgando de impuros certos tipos de literatura,

---

<sup>43</sup> Não há dúvidas de que ele [Crane, J.S.] teve inspiração direta nos realistas franceses [Maupassant e Flaubert] e até mesmo, certamente, em Zola, por *L’Assomoir*, que provavelmente forneceu o enredo de *Maggie*.

<sup>44</sup> A tradição em denunciar esses males pode ser traçada desde 1830 com os escritos de reformistas como Edwin Chapin e John R. McDowall, de Charles Loring Brace em *The Dangerous Classes of New York*, publicado em 1872, inclui um capítulo sobre prostitutas de rua e é ilustrado com a chamada de *The Street Girl’s End* em que uma prostituta abatida permanece no final, à beira de um cais [...].

dança, bebidas alcoólicas e falta de discrição na aparência, fazendo referência ao modo de se vestir das prostitutas.

É importante notar o que dizia Talmage referido em “*The color of the Sky*” de David Halliburton sobre as mulheres residentes dos *tenements*, personagens centrais da “*slum fiction*”: “*According to Talmage, a fallen woman must choose between the cold Garret of a sewing girl and the East River.*”<sup>45</sup>(TALMAGE,1989, apud. GANDAL, 1993, p.759). Não por acaso a personagem Maggie vai em direção a esse mesmo rio em seus últimos momentos.

É de nosso interesse investigar os acontecimentos que rondam a existência da mulher trabalhadora do século XIX e Maggie Johnson serve perfeitamente para ilustrar o modo de vida das mulheres na grande cidade de Nova York no final do século, sendo que a participação da cidade no romance e na formação da jovem personagem tem um papel de extrema importância. Descrever o ambiente habitado por ela e seus movimentos nas ruas de Nova York foi uma das estratégias estéticas de Stephen Crane que colaborou para fazer de *Maggie: a Girl Of The Street* um romance tipicamente urbano.

#### 1.4 Walking In The Wild Side: Nova York em *Maggie*

A vida na grande cidade mudou drasticamente no século XIX, principalmente no que tange à vida das mulheres. A mulher começa a trabalhar fora de casa (HAYES, 1999, p.10, tradução nossa):

*In the last decade of nineteenth century, many manufacturing industries attracted female workers, and they produced a wide variety of goods- cigars, cigaretts, cots, gloves, paper boxes, shoes, soap, and toys. The largest industry employing female wokers was the shirt industry*<sup>46</sup>.

<sup>45</sup> De acordo com Talmage, uma “mulher perdida” poderia ser encontrada entre o gélido Garret de garotas costureiras e o East River.

<sup>46</sup> Na última década do século dezenove, muitas indústrias manufatureiras atraíram as mulheres trabalhadoras, e elas produziam uma grande variedade de coisas – cigarros,



A cidade grande passa então a ser considerada a principal antagonista e os autores desse período a expressam como sendo a responsável pela sina, pela prostituição e pelo suicídio das personagens prostitutas. Sendo assim, a cidade passa a ser o tema mais explorado na literatura do século XIX, pois seria o lugar predileto para inspirar os autores na criação de obras cuja realidade das ruas foi incansavelmente descrita.

Não por acaso as ruas são os palcos principais, escolhidos para localizar aqueles que transitam no espaço público e a região da Bowery é escolhida para compor o cenário de vários romances, entre eles *Maggie*, de Crane. A Rua Bowery cria a família Johnson. É na descrição da Bowery e seus bares que Crane (2006, Cap. II, p.6, tradução nossa) se revela poético e fervoroso, estratégia estética procurada pelos autores do período, vide a seguir:

*[...] a dark region where from a careening buildings, a dozen gruesome doorways gave up loads of babies to the street and the gutter. A wind of early autumn raised yellow dust from cobbles and swirled it against a hundred windows. Long streamers of garments fluttered from five-escapes...In the street infants played or fought with other infants or sat stupidly in the way of vehicles...Whitered persons, in curious postures of submission to something, sat smoking pipes in obscure corners. A thousand odors of cooking food came forth to the street. The building quivered and creaked from the weight of humanity<sup>47</sup>.*

Sobre isso Robert Dowling (2007, p.51) diz que *Maggie* não parece ser o início da cultura na Bowery, mas o final dela, pois os moradores aceitavam a cultura prevalente da classe média como se os valores morais agissem em julgamentos

---

cigarrilhas, berços, luvas, caixas de papelão, sapatos, sabão e brinquedos. A maior indústria empregadora de mulheres trabalhadoras era a indústria de camisa.

<sup>47</sup> Uma região escura onde, de um edifício ornamentado, dezenas de portas de entrada repulsivas despejavam montes de criancinhas na rua e na sarjeta. O vento do princípio do outono levantava a poeira amarela das pedras da rua e arremessava nas centenas de janelas. Longas flâmulas de vestimentos tremulavam das escadas de emergência. Na rua, crianças brincavam ou brigavam umas com as outras ou permaneciam sentadas, totalmente no caminho dos veículos [...] Pessoas apáticas, em curiosa postura de submissão, ou algo assim, sentavam fumando cachimbos nos cantos obscuros. Milhares de odores de comida sendo preparada invandiam a rua. O edifício estremecia e rangia com o peso da humanidade.

morais, inconscientes dos códigos de comportamento exteriores à região da Bowery e acrescenta que:

*Crane's characters are prostrated by the psycho-cultural contradictions that ensued. Though Crane does give lip service to the new consumer culture Bowery dwellers enjoyed, he does not present theaters, dance halls, and taverns as vehicle for cultural dissent; any such dissent, on the Bowery at least, would have been vestiges of a former time. Maggie, in short, is a story not of rebellion, but of "blank conformity to convention"<sup>48</sup>.*

Edward Margolis (2008) observa que os personagens moradores dos cortiços fazem parte integral do ambiente e Crane faz insignificante referência ao que eles pensam sobre si mesmos, já que não possuem consciência de seu papel e de sua existência. Aparecem olhos em todos os cantos do conjunto habitacional, *"Through the open doors curious eyes stared in at Maggie"*<sup>49</sup>. Os moradores participam dos acontecimentos, espionando a vida dos outros moradores, por trás das portas e janelas dos cortiços, como vemos nesse trecho da obra (CRANE, 2006, Cap. X, p.37):

*I was by me door las' night when yer sister and her jude feller came in late, oh, very late. An' she, the dear, she was a-crying' as if her heart would break. It was deh funnies' ting I never saw. An' right out here by me door she asked him did he love her.*<sup>50</sup>

Crane, minimamente, revela o que os outros personagens pensam ou sentem, mas os utilizou para enfatizar os conceitos morais contraditórios. É interessante notar as descrições dos lugares por onde os personagens transitavam. O autor insiste em destacar a multidão e o caos da grande cidade e a solidão de

---

<sup>48</sup> As personagens de Crane são prostradas pelas contradições psicoculturais que aconteciam. Apesar de Crane mencionar os serviços para a nova cultura de consumo que os habitantes da Bowery aproveitavam, ele não apresenta os teatros, salões de dança, e tavernas como veículos para a dissidência cultural; qualquer dissidência, ao menos na Bowery, teria sido vestígios de um tempo passado. *Maggie*, em suma, é uma história não de rebelião, mas do conformismo cego à convenção.

<sup>49</sup> Através das portas abertas, olhos curiosos fitavam Maggie

<sup>50</sup> Eu estava à porta na noite passada quando sua irmã e o namorado dela chegaram tarde, muito tarde. E ela, coitadinha, chorava como se o seu coraçozinho fosse partir-se [...] Foi a coisa mais engraçada que já vi! E bem aqui na minha porta ela perguntou a ele se ele a amava.

seus transeuntes (CRANE, 2006, Cap.XV, p. 56): “A *forlorn woman went along a lighted avenue. The street was filled with people desperately bound on missions*”<sup>51</sup>.

Crane segue o modelo da maioria dos americanos sendo condescendente muito mais culturalmente, que moralmente com a visão de “*wicked city*” dos autores anteriores, bem como acredita na decadência dos valores humanos e morais da região dos *tenements*. *Maggie* pode parecer, num primeiro momento, um melodrama familiar, porém, o romance se destaca por se diferenciar dos de seus predecessores porque Crane revela-se exímio crítico da situação das pessoas da classe desfavorecida de Nova York. Lança mão de estratégias narrativas que demonstram ideias contraditórias as quais revelam as diferenças culturais e morais existentes entre as duas classes sociais distintas.

Há uma evidente luta por espaço nas ruas congestionadas assim como nos cortiços e bares. As pessoas compõem uma grande massa de indivíduos que disputam os espaços “*The vast crowd had an air throughout of having just quitted labor [...] The great body of the crowd was composed of people who showed that all day they strove with their hands*”<sup>52</sup>. Margolis (2008, p.99, tradução nossa) observa que:

*In sum, Crane’s New York is a kind of miniature metaphysics that he would come to adopt in much of his subsequent writings; that is, the city is a version of an amoral universe devoid of meaning and uncaring of the presences and suffering of puny humanity*<sup>53</sup>.

O próprio Stephen Crane declarou certa vez que: “[...] *the frustrated energies of the underclasses often turn them against one another rather than against their rules. In other words, the poor may not always be as angrily class-conscious as*

---

<sup>51</sup> Uma mulher desolada percorria a avenida cheia de luzes. Passava pela rua uma multidão de pessoas desesperadamente comprometida com seus afazeres.

<sup>52</sup> A vasta multidão tinha um ar do começo ao fim, de ter acabado de sair do trabalho [...] O grande corpo da multidão era composto por pessoas que mostravam que todo dia eles se trabalhavam com suas mãos”.

<sup>53</sup> Em suma, a Nova York de Crane é um tipo de miniatura metafísica que ele viria a adotar em muitos de seus escritos subsequentes; isto é, a cidade como uma versão de um universo amoral desprovido de sentido, um descuido das presenças e do sofrimento da insignificante humanidade.

*some social scientists would have us believe*".<sup>54</sup> (CRANE, Apud. MARGOLIS, 2008, p.93, tradução nossa).

Maggie aparece primeiramente como um personagem que não age até o Capítulo V. Os quatro capítulos iniciais são dedicados à construção do pano de fundo das circunstâncias em que está inserido o destino de Maggie. Os demais personagens são retratados como entidades fixas o que quer dizer que não há muito envolvimento dos mesmos nas cenas emolduradas por Crane. Existem muito mais como tipos individuais do que indivíduos propriamente ditos, sem uma percepção clara da realidade, pois respondem automaticamente ao meio ambiente pré-ordenado.

Segundo Margolis (2008, p.97), um exemplar notável do que está sendo dito pode ser visto na maneira que a mãe de Maggie se expressa. É alcoolatra, ríspida e furiosa com seus filhos e marido, presumidamente porque se sente sufocada pela vida no pequeno apartamento destruído, o que garante a ela como única forma de expressão a agressividade. Jimmy, do mesmo modo, acredita no dever de defender a honra de sua irmã seduzida, lutando com Pete, pois em seu mundo limitado é isso que é esperado de um irmão, porém não se preocupa com as várias mulheres que também seduziu.

Maggie, por sua vez, não só se enamora de Pete, mas se impressiona com o jeito vulgar e prepotente, considerando um salvador, um herói, além de admirar sua maneira de ostentar poder por meio de sua vestimenta; se maravilha com sua virilidade e com um simples passeio pelas ruas e bares onde Pete a leva. Fica especialmente comovida com as peças de teatro que assiste ao lado dele, nas quais o tema abordado é a prevalência da bondade e da virtude sobre as coisas más.

Segundo Margolis (2008), os romances do século XIX não tinham a simples pretensão de divertir ou entreter, mas de informar à emergente classe média que existia um vasto mundo além das paredes de sua casa. As imagens da cidade explodem no romance de Crane e recebem do autor vida própria. A chuva que cai nas calçadas torna-se "*tossing seas of umbrellas*", [lançando mares de guarda-

---

<sup>54</sup> [...] as energias frustradas das subclasses frequentemente as voltam umas contra as outras em vez de contra suas regras. Em outras palavras, os pobres podem não ser sempre violentamente conscientes sobre a classe como alguns cientistas sociais querem nos fazer acreditar.

chuvas]. Há descrições teatrais dos lugares, vistas ao descrever a neve, com uma espécie de *glitter*, como “*pale green*” [verde-pálido] e os bares como “*hilarious halls*”, [salões hilários]. A cidade e suas regiões escuras aparecem ao leitor o quão reais puderam ser dadas a conhecer, graças às longas descrições feitas pelo narrador (CRANE, 2006, Cap. XVII, p. 62):

*Upon a wet evening, several months after the last chapter, two interminable rows of cars, pulled by slipping horses, jangled along a prominent side-street. A dozen cabs, with coat-enshrouded drivers, clattered to and fro. Electric lights, whirring softly, shed a blurred radiance [...] Two or three theatres emptied a crowd upon the storm-swept pavements [...] The pavement became tossing seas of umbrellas<sup>55</sup>.*

Por outro lado, as construções e prédios são antropomorfizados. Os bares e “*sallons*” à noite seduzem ou mesmo sorriem: “*On a corner a glass-fronted building shed a yellow glare upon the pavements. The open mouth of sallon called seductively to passengers to enter [...]*”<sup>56</sup> (CRANE, 2006, Cap. XI, p.39, tradução nossa). Durante o dia “*gruesome doorways gave up loads of babies*” [portas de entradas repulsivas despejavam montes de criancinhas]. Existem casas que estão “*closed like grim lips*” [fechadas como lábios austeros] e outras construções com “*sternness of solidity built upon their features*” [severidade de solidez construída sobre suas características]. Dos efeitos dessas imagens emana um tipo de energia que impulsiona os moradores dos cortiços a se manterem confinados em espaços ínfimos.

Já os personagens geralmente aparecem caracterizados com cores primárias, as quais descrevem seus humores e temperamentos como “*red women*”, “*blue policeman*” [policia azul], “*worms of yellow convicts*” [larvas de presidiários amarelos] e “*blood-red motted fists*” [punhos vermelho-sangue]. Maggie mesmo aparece como “*a blossom in a mud puddle*” [uma flor em uma poça de lama]. Muitos capítulos

<sup>55</sup> Numa noite úmida, vários meses depois do último capítulo, duas filas intermináveis de carros, puxados por cavalos deslizantes, algazarravam em importante rua transversal. Uma dúzia de carros de aluguel, de cocheiros envoltos em capotes, cortava as ruas de um lado para outro. Zumbindo baixinho, lâmpadas elétricas projetavam um brilho fosco [...] Dois ou três teatros derramavam uma multidão nos passeios varridos da tempestade [...] Transmudaram-se as calçadas em mares balouçantes de guarda-chuvas.

<sup>56</sup> Em uma esquina, um edifício de fachada de vidro lançava um olhar amarelado sobre as calçadas. A boca aberta do salão chamava sedutoramente os que passavam para entrar [...].

iniciam semelhantes com a descrição do cenário, como uma espécie de congelamento do espaço e preparação dos leitores para o drama que os capítulos contêm. A história aparece cronologicamente passo-a-passo e é percebida pelo leitor como se ele estivesse vendo um álbum de fotografias (CRANE, 2006, Cap. XI, p.39):

*The interior of the place was papered in olive and bronze tints of imitation leather. A shining bar of counterfeit massiveness extended down the side of the room. Behind a great mahogany-appearing sideboard reached the ceiling. Upon its shelves rested pyramids of shimmering glasses that were never disturbed. Mirrors set in face of the sideboard multiplied them. Lemons, oranges and paper napkins, arranged with mathematical precision, sat among the glasses [...]*<sup>57</sup>.

Crane, os personagens Maggie, Jimmie e Pete simbolizam fragmentos de uma cultura que se rompeu com a industrialização, comércio e mentalidade da classe média vitoriana e os efeitos destes sobre a cultura da classe trabalhadora na Bowery. Está claro o significado de lutas de classes, pois certamente Crane aponta que a razão para a falta de crescimento individual de seus personagens está intimamente relacionada aos males existentes no meio ambiente encontrado na grande cidade. Nesse aspecto, Dowling (2007, p.52) declara que

*[...] there was no doubt a very real cultural conflict between vying groups, there is an aura of inevitability in the effect of urbanization on the Bowery, whether it be at the hands of the Victorians or some other cultural force from without [...] reflect the suppression, not the ascendance, of that singular culture.*<sup>58</sup>

Dowling (2007) diz que em Crane a cidade é quase uma “entidade física” que impulsiona, aglomera e aprisiona os moradores dos *tenements* em espaços minúsculos, sem proporcionar-lhes nenhum tipo de saída. Verificamos em cenas

---

<sup>57</sup> O interior do lugar era coberto de papel de parede oliva e matizes de bronze imitando couro. Um bar de massividade falsificada se estendia ao longo do lado da sala. Atrás, um grande aparador aparentemente de mogno alcançava o teto. Sobre as estantes ficavam pirâmides de vidros cintilantes que nunca foram perturbados. Espelhos colocados em frente ao aparador os multiplicavam. Limões, laranjas e guardanapos de papel, arranjados com precisão matemática, sentavam-se entre os vidros [...].

<sup>58</sup> [...] certamente havia um conflito cultural muito real entre grupos competidores, há uma aura de inevitabilidade em efeito da urbanização em Bowery, esteja isto nas mãos dos Vitorianos ou em alguma outra força cultural de fora [...] reflete a supressão, não a ascendência, daquela cultura singular.

frequentemente descritas pelo autor, o constante fluxo de pessoas, onde a cidade adquire aspectos imensos no que diz respeito ao crescimento da população de Nova York.

Acredita-se que o romance citadino de Stephen Crane pode ser considerado tanto uma obra literária como um documento social, pois, segundo Horwitz (1998, p. 610), “[...] *Crane’s mode, famously is aestheticized [...] Crane’s narrative mode deflates the ideal of transcendence structuring the sociological paradigm [...] Maggie helps us reconize the survival of the sociological paradigm in criticism*”<sup>59</sup>.

A dimensão social no romance é evidente, pois representava realmente as condições sociais da cidade. Ele revela à sociedade os muitos problemas encontrados por mulheres que trabalham nas indústrias e critica o modelo de crítica sociológica, principalmente no que tange à prostituta de rua. A esse respeito Howard Horwitz (1998, p.610, tradução nossa) argumenta:

*Maggie radicalizes the social paradigm and thereby eviscerates it. Embodying the definitive sociological activity [...] Maggie helps us recognize the survival of the sociological paradigm in criticism of this novel and also in recent theoretical efforts to devise a transformative model of sociological criticism.*<sup>60</sup>

Uma vez que a realidade social do momento está ligada à historicidade de seu tempo, a escrita literária de Crane revela-se uma espécie de testemunho histórico, pois relata e recria o universo de relações sociais existentes naquela época. Portanto, Crane, mesmo partindo de uma percepção pessoal, por meio da familiarização com os problemas na Rua Bowery faz importantes referências sobre as relações sociais, suas influências culturais, tanto internas como externas ao ambiente criado por ele em *Maggie*. Dowling (2007, p.52, tradução nossa) declara que:

*Crane’s Bowery tales are charged with a social energy that could only have come from an artist who, though an outsider, was significantly familiar with the Bowery and its past. Crane began writing Maggie in Syracuse, before he had experienced Manhattan life to any significant*

---

<sup>59</sup> O estilo de Crane é conhecidamente estetizado [...] a narrativa no estilo de Crane desinfla o ideal de transcendência estruturando o paradigma sociológico [...] Maggie nos ajuda a reconhecer a sobrevivência do paradigma sociológico no criticismo.”

<sup>60</sup> Maggie radicaliza o paradigma social e, assim, eviscera-o. Incorporando a atividade sociológica definitiva [...] Maggie nos ajuda a reconhecer a sobrevivência do paradigma sociológico na crítica deste romance e também em esforços teóricos recentes a criar um modelo transformativo da crítica sociológica.

*degree, but in every chapter there are salient references to the city's signature "respectable" outsider culture and how it was both loathed and emulated by Bowery insiders.*<sup>61</sup>

Antonio Candido (2006, p.16) contribui com nossas reflexões sobre o papel do romance e da cidade em Crane, nesse aspecto, ao pensar sobre os escritores e os fatos internos e externos que constituem a obra, dizendo que:

[...] o próprio assunto repousa sobre condições sociais que é preciso compreender e indicar, a fim de penetrar no significado e acrescenta que: é ao mesmo tempo representação e desmascaramento de costumes vigentes na época, como o casamento por dinheiro o romancista desnuda as raízes da relação, isto é, faz uma análise socialmente radical, reduzindo.

Afirma, do mesmo modo, que (CANDIDO, 2006, p 84):

[...] o escritor, numa determinada sociedade, é não apenas o *indivíduo* capaz de exprimir a sua originalidade (que o delimita e especifica entre todos), mas alguém desempenhando um *papel social*, ocupando uma posição relativa ao seu grupo profissional e correspondendo a certas expectativas dos leitores ou auditores.

Os escritores naturalistas, Dresser, Fawcett entre outros consideravam as grandes cidades como Chicago e Nova York, vistas como monstros, verdadeiros lugares de péssima reputação; consideradas uma ameaça às moças virgens, cujo cuidado com elas foi fortemente discutido entre educadores, religiosos e pessoas ligadas à justiça. Os romances escritos nessa época funcionavam como manual de boa conduta numa tentativa de prevenir as moças sobre as consequências de migrar do interior para as grandes cidades.

A ganhadora do Prêmio Nobel da Paz, em 1931, Jane Addams, em *New Conscience and an Ancient Evil* (1912) faz a seguinte observação: “[...] *A country girl*

---

<sup>61</sup> Os contos de Bowery escritos por Crane são carregados com energia social que poderia apenas ter vindo de um artista que, apesar de forasteiro, era significativamente familiar com a Bowery e seu passado. Crane começou a escrever *Maggie* em Syracuse; que havia vivenciado a vida de Manhattan a qualquer nível significativa, mas em cada capítulo há referências salientes à “respeitável” cultura forasteira na assinatura da cidade e como era igualmente odiada e rivalizada pelos naturais de Bowery.



*entering a vicious life quickly feels the disgrace and soon becomes too broken-spirited and discouraged to make any effort to escape”*<sup>62</sup> (ADDAMS, 1920, apud: FELDMAN, 1967, p. 193, tradução nossa). Ainda se referindo às condições das moças interioranas, Addams acrescenta que:

*Loneliness and detachment which the city tends to breed in its inhabitants is easily intensified in such a girl into isolation and desolating feeling of belonging nowhere [...] at such moments a black oppression, the instinctive fear of solitude, will send a lonely girl restlessly to walk the streets even when she is too tired to stand, and where her desire for companionship in itself constitutes a grave danger.*<sup>63</sup>

Feldman (1967, p.195) observa que por trás da noção de cidade ameaçadora, prevalece a ideia de que os vícios e a prostituição estão intimamente ligados aos novos moradores dessa cidade. Obviamente, para os americanos, os imigrantes estrangeiros eram os maiores responsáveis pelo controle do negócio lucrativo que era o tráfico da prostituição. Pode-se dizer que havia um ataque nativista contra a prostituição relacionada a uma organizada rede conectando a Europa e as cidades dos Estados Unidos.

Importante demonstrar aqui as observações feitas por Herbert Alsbury em *As Gangues de Nova York: uma história informal do submundo* (2002, p.119,) quando reitera a ideia de cidade sitiada por delinquentes dos mais variados tipos. Diz que Nova York possuía uma gama enorme de cidadãos rebeldes e perigosos que apavoraram a cidade por cem anos.

Ele refere-se à formação de gangues de rua formadas por imigrantes, nativistas, entre outros personagens que habitavam a região do *Five Points* lugar de muitas brigas e contendas entre as gangues rivais:

---

<sup>62</sup> [...] Uma garota do interior entrando em uma vida perversa rapidamente sente a desgraça e logo se torna muito espiritualmente quebrada e desencorajada para fazer qualquer esforço para escapar.

<sup>63</sup> Solidão e desapego os quais a cidade tende a criar em seus habitantes é facilmente intensificado em tal garota em isolamento e sentimento desolador de não pertencer a lugar nenhum [...] em tais momentos uma opressão negra, o instintivo medo da solidão fará com que uma garota solitária ande incansavelmente as ruas mesmo quando ela está muito cansada para permanecer de pé e onde o desejo dela por companhia constitui um grave perigo.

[...] as gangues dos Cinco Pontos, reforçadas pelos *Roach Guards*, saíram da *Paradise Square* decididas e atacaram um botequim chamado Dragão Verde, na *Broome Street* perto da *Bowery*, o lugar de vadiagem preferido pelos Boys e outras gangues da Bowery, carregando barras de ferro e imensos paralelepípedos do calçamento, o pessoal do Cinco Pontos invadiu o estabelecimento antes que os bandidos da *Bowery* conseguissem se arregimentar para defendê-lo.

Maggie é uma garota ingênua e que experimenta uma vida cheia de opressões violentas ao lado de seus pais alcoólatras e seus irmãos Jimmie e um bebê chamado Tommy, que morre nos capítulos iniciais da história. Maggie cresceu em um meio ambiente em que a constante eram a violência e as brigas, além da dificuldade econômica que enfrentavam morando em um cortiço.

Trabalha em uma fábrica de camisas costurando “golas e punhos de camisa” e recebe um salário miserável. Ao longo da história, Maggie conhece Pete, amigo canastrão de Jimmie e se apaixona por ele. Ao conhecer Nelly, uma prostituta bem sucedida, “*the woman of brilliance and audacity*”<sup>64</sup>, Pete abandona Maggie, que ao procurar sua família é posta para fora de casa e procura na prostituição uma maneira de sobreviver. Após várias rejeições e de aparentar uma degradação física e moral, Maggie parece se suicidar.

O retrato de Maggie é facilmente reconhecido na realidade vivenciada por muitas jovens no século XIX, demonstrando existir estereótipos patriarcais que refletem as imposições sociais as quais a mulher era submetida. Como se pôde perceber, diante da leitura realizada, Maggie é o retrato de uma realidade vivenciada por jovens trabalhadoras que tiveram que se submeter às imposições sociais ditadas por um sistema patriarcal.

Stephen Crane escolhe como cena inicial uma briga. O ambiente hostil é simbolizado já no capítulo inicial de *Maggie*, na briga travada entre Jimmie e os moleques de uma gangue rival. A valentia como meio de sobrevivência é enfatizada nesse episódio, demonstrando a existência de uma lei que governa a luta pela vida e o espaço masculino impregnado de violência, como podemos perceber nessa passagem (CRANE, 2006, Cap. I, p.3, tradução nossa): “*A very little boy stood upon*

---

<sup>64</sup> Uma mulher brilhante e audaciosa.

*a heap of gravel for the honor of Rum Alley. He was throwing stones at howling urchins from Devil's Row*"<sup>65</sup>.

É importante notar que a honra pela qual Jimmie defende, pondo-se em rivalidade com garotos de gangues de rua, não equivale aos conceitos de honra e de moral definidos pela classe média. Ao pensarmos que Jimmie vive em um ambiente cuja moral é definida por outros conceitos, percebemos a contradição e a inversão irônica de Crane, utilizada para acentuar as contradições.

Asbury (2000, p.175) ao descrever a cidade de Nova York, mostra em que experiências a ideia de cidade corrompida é baseada como se segue:

No encerramento da Guerra Civil [...] Nova York entrou numa era de perversidade sem paralelo [...] Por mais de 25 anos as classes criminosas se regalaram numa orgia de vício e crime, e a metrópole – que na época abrangia apenas a ilha de Manhattan – merecia muito bem o título de “moderna Gomorra”, que dizem ter-lhe sido dado pelo reverendo T. DeWitt Talmage em um sermão [...].

No imaginário popular do século XIX, a cidade era tida como um símbolo da destruição moral. As mulheres do interior, corrompidas pela vida urbana eram penalizadas por irem buscar melhora de vida nas grandes cidades. Joaquim Miller refere-se à Nova York como *Gottam* e explica (Hapke, 1989, p.15, tradução nossa): “*if Gottam does not pass through some kind of change for the better, she may meet the fate of the once renowned and glorified city of Babylon*”<sup>66</sup>. O mito de que Nova York era o centro da devassidão atingiu proporções enormes. Fawcett diz o seguinte em um artigo publicado no jornal *Arena*: “*The more one observes the lives of working-girls the more he wonders that some many of them [still have] good names*”<sup>67</sup>(Hapke, 1989, p. 40, tradução nossa).

As heroínas das histórias naturalistas são antagonicamente distintas das heroínas românticas, concebidas como ideais e possuidoras de qualidades esperadas da personagem de bom caráter. No naturalismo a heroína é construída

<sup>65</sup> Um menino bem novinho, estava em pé sobre um amontoado de cascalho defendendo a honra da Rum Alley. Ele estava jogando pedras contra os garotos esganiçados da Devil's Row.

<sup>66</sup> Se *Gottam* não passar por algum tipo de mudança para melhor, ela pode encontrar a fatalidade do destino da conhecida e glorificada cidade de Babilônia.

<sup>67</sup> Quanto mais se observa a vida de trabalho das meninas mais se questiona quanto a algumas delas [ainda] possuírem bons nomes.

como vítima de seu ambiente, caracterizada como um indivíduo ignorante a qual parece deixar-se levar pelo seu destino.

No romance naturalista, a heroína assume características que a direcionam na história segundo seus instintos e desejos físicos. Essa ideia de mulher degradada expressa uma ótica sobre o feminino, provenientes das ideias naturalistas, tendo em Zola, o precursor dessas ideias. A literatura refere-se a esse instinto como sendo “o desejo da besta” obtido pela herança animal do ser humano. No naturalismo, a heroína é guiada por seu instinto e desejo, o que fatalmente a leva a uma morte trágica e prematura, tal qual o provável suicídio ocorrido em *Maggie*, ou a morte de Cora Strang de Fawcett, entre outras várias personagens presentes na produção literária do período.

Crane deixa claro que sua ideia se baseia no conceito de meio ambiente e destino, ideias próprias do século XIX e que Maggie sofreu influências do meio em que vivia, por isso seria como é. A história é marcada por eventos que acentuam tais características, porém, do mesmo modo, indica que há outros fatores responsáveis pelo destino fatídico de Maggie.

Segundo Schaller (2001, p.104), um dos fatores inclui o fato de Maggie ser incapaz de interpretar o mundo e as pessoas que as cercam e conseqüentemente é levada à má interpretação e julgamento dos seus passos dados no mundo. Schaller questiona se realmente as forças que dominam o comportamento e determinam o destino da personagem são exclusivamente provenientes do ambiente ou se há fatores ligados às fraquezas e limitações intrinsecamente humanas que contribuem para que o mundo seja desesperançoso e pessimista, “*a world where the American Idea of progress and goodness does not exist*”<sup>68</sup>.

Pensando na representação da personagem feminina em *Maggie*, refletimos sobre as heroínas da *Tenement Fiction*, mulheres pecadoras e prostitutas demonstrando como se dá, levando-se em conta o processo narrativo que constrói ideias sobre como viviam as mulheres prostitutas no século XIX. Sendo assim, procuramos descrever e apontar, a seguir, as particularidades envolvidas na caracterização das personagens femininas na obra, a fim de esclarecer pontos obscuros e contraditórios que excluem da sociedade a mulher prostituta.

---

<sup>68</sup> [...] um mundo onde a ideia Americana de progresso e bondade não existe.

A importância da cidade em Maggie permite que a realização da investigação da obra e seu contexto externo pode ser sociologicamente orientada assimilando a dimensão social como fator preponderante da arte e o que Candido (2006, p.13) acreditar ser o externo atuando sobre o interno, deixando a crítica de ser apenas sociológica para ser apenas crítica.

Apesar de o elemento social interferir nas questões econômicas do livro, procuramos salientar, de fato, o valor e significado da obra em exprimir os aspectos da realidade da qual participa o personagem, porém não é o único elemento essencial, pois o texto e suas “operações formais” são do mesmo modo importantes, como aponta Candido ao dizer que a integralidade da obra pode ser garantida pela análise que funde texto e contexto.

## **1.5 A Prostituta de Rua: o papel feminino em espaços privilegiados**

No período Vitoriano, o lugar doméstico foi sinônimo de aconchego, de retidão moral, e de recato. A personagem Maggie vive em um lar considerado oposto ao lar em que encontraria, segundo os padrões da classe média, um lugar construído para que se desenvolvesse e tivesse uma vida saudável. Além de ser um lar destruído, ela é rejeitada pela mãe que a manda embora de casa, após saber que estava se relacionando com Pete. Maggie então é privada de uma das necessidades mais básicas que é a moradia. Ser posta para fora de casa tem no romance um significado relevante, pois as ruas são tomadas como antros de perdição, opondo-se à ideia da casa.

No romance, a expressão *Go teh hell!* “Vá para o inferno!”, entoada muitas vezes pela mãe, refere-se à ideia de inferno que a rua representa, onde os vícios e uma vida degradada podem levar uma menina frágil e pobre a ter um final trágico,

como o criado por Crane para demonstrar o quanto a família e a ausência de moralidade e valores cristãos podem levar uma mulher ao pecado.

São muito relevantes as colocações de Damatta (1997, p. 38) a respeito da ideia de casa e rua no Brasil, a qual colabora com nossas afirmações até agora, como destacamos a seguir:

Mas a gramática social da casa brasileira não fica nisso. Ela transborda em algumas expressões relacionais - que exprimem a ligação dramática da casa com a rua - como "vá para a rua!" ou "vá para o olho da rua!" Estas expressões denotam o rompimento violento com um grupo social, com o conseqüente isolamento do indivíduo, agora situando-se diante do mundo "do olho da rua", isto é, de um ponto de vista totalmente impessoal e desumano.

Notamos claramente que Maggie tem acesso aos lugares públicos geralmente associados aos comportamentos transgressivos naquele período. Maggie assim como sua mãe e os outros moradores dos cortiços tinham a possibilidade de transitar dentro e fora da região dos *tenements* e tal permissividade vem acompanhada da ideia de ser o lugar ideal para a mulher exibir comportamentos sexuais transgressivos, ou melhor, ser prostituta. Crane indica a mobilidade espacial dos moradores, porém esse trânsito amedrontava a classe média.

Katrina Irving em *Gendered Space, Racialized Space: Nativism, the Immigrant Woman and Stephen Crane's 'Maggie'*, aponta que em relação à mobilidade nos espaços públicos, as ruas, espaço em que proliferavam casas como *saloons*, teatros, museus, onde a prostituição e o mercado do sexo tinham espaço amplo para existir, Maggie segue os passos da mãe e perambula por esses locais. Irving (1993, p.38, tradução nossa) argumenta que: *"Thus Maggie's progressive deterioration and drift toward prostitution can be charted by her promiscuous circulation within these public places"*<sup>69</sup>.

De acordo com Irving, (1993, p.40) essa mobilidade adquirida por Maggie, bem como suas atitudes libertinas modelam a ideia de ser uma mulher independente e com isso, de acordo com a mentalidade misógina predominante no século XIX passa a ser considerada uma ameaça à moral.

---

<sup>69</sup> Logo, a progressiva deterioração de Maggie e deriva em direção à prostituição pode ser enquadrada pela circulação promiscua dela entre esses lugares públicos.

Interessante notar que ao realizar uma comparação das construções entre os espaços públicos, cujos prédios são enormes, associados ao mundo masculino e às áreas residenciais, coabitadas por crianças e mulheres de classe média (DAVIDOFF 2003, p.15, tradução nossa) deixa claro que com o surgimento da classe trabalhadora, as mulheres deixam a segurança do lar e começam a transitar nos espaços públicos explicando que:

*The larger, public, built environment undoubtedly has been associated with the masculine, the residential areas with children and the feminine. Yet working-class women were always an ignored presence, providing catering, cleaning, and even sexual services within and around public buildings. Lower-middle-class women appeared as shop and secretarial workers and as consumers themselves<sup>70</sup>.*

É consenso entre os estudiosos que Maggie simboliza a preocupação da classe média com a proliferação da prostituição, com questões raciais e étnicas, o que deixa em evidência os problemas relacionados à mulher imigrante nos Estados Unidos. Maggie representa um perigo ao modelo de mulher americana da classe média e vive no limiar entre as raças, que deveria, ao modo nativista de pensar, estar confinada ao espaço reservado para acomodar apenas o grupo de estrangeiros, os “*tenements*”. Irving (1993, p. 39, tradução nossa) afirma que:

*Maggie pose by discussing her as the exemplar of an independent and defeminized sexuality. As immigrant prostitute, Maggie compounds her sexual threat by invoking fears of miscegenation. Her free movement in and out of tenement spaces signifies not just a sexuality out of control; enfolded within her sexuality is a racial threat<sup>71</sup>.*

---

<sup>70</sup> O ambiente construído, público e maior, indubitavelmente tem sido associado com o masculino, as áreas residenciais com crianças e o feminino. Ainda, mulheres da classe trabalhadora eram sempre uma presença ignorada, provendo aprovisionamento, limpeza e até serviços sexuais dentro e no entorno de prédios públicos. Mulheres de classe média baixa apareciam como funcionárias de lojas e secretárias e como consumidoras.

<sup>71</sup> Maggie posa ao discuti-la como o exemplar de uma sexualidade independente e não feminilizada. Como prostituta imigrante, Maggie compõe sua ameaça sexual ao invocar temores de miscigenação. Seu movimento livre dentro e fora dos espaços de moradia significa não apenas uma sexualidade fora de controle, aberta dentro de sua sexualidade está uma ameaça racial.

É nitidamente perceptível o fato de Maggie encontrar-se confinada não só ao espaço dos *tenements*, mas também aos tabus e preconceitos ligados à raça e por ser mulher. O suicídio de Maggie no final pode não só indicar ser um episódio de redenção feminina, em que a culpa por suas atitudes a faz preferir a morte a uma vida degradada, ou mesmo que o meio ambiente selvagem tenha moldado a experiência existencial.

Pensamos, em concordância com a proposta de Irving (1993, p.40, tradução nossa), ao declarar que sua morte pode revelar que tais acontecimentos não são fatalidades femininas, mas um destino comum a todas as mulheres imigrantes. Sobre o final trágico da heroína, esclarece o seguinte:

*Maggie's suicide at the end is not, as some critics have argued, proof of the impossibility of the ghetto-dwellers' attempt to escape their environment, but rather a reassertion of control and a recontainment on Crane's part of the threat Maggie has embodied in her efforts to do so. Hence the tragedy of Maggie is that she can only ever redeem herself [...]*<sup>72</sup> .

Notamos que na verdade o propósito de Maggie ao procurar sobreviver por meio da prostituição era o de se libertar do intolerável confinamento e escapar da crueldade e brutalidade de sua existência em casa e no trabalho. Maggie pertence a uma família de imigrantes irlandeses e vive num gueto irlandês em Manhattan, o que para nós é crucial na história. De acordo com a ex-prostituta e atual estudiosa da situação da prostituição, Roberts (1998, p.274):

Muitas prostitutas vinham de lares fragmentados [...] Finalmente, as garotas operárias também usavam a prostituição, para fugir de famílias onde enfrentavam abuso sexual, violência, alcoolismo dos pais ou outros tipos de opressão e infortúnio.

A autora contribui com nossas reflexões ao reiterar a percepção da representação de Maggie no romance afirmando que (ROBERTS, 1998, p. 279):

---

<sup>72</sup> O suicídio de Maggie no final não é, como alguns críticos argumentaram, prova da impossibilidade dos habitantes do gueto tentarem escapar de seu ambiente, mas antes uma reafirmação do controle e uma recontenção da parte de Crane da ameaça que Maggie incorporou em seus esforços para fazê-lo. Logo, a tragédia de Maggie é a única em que ela pode se redimir.



A prostituta média do século XIX era uma mulher da classe trabalhadora que, após sua iniciação sexual em torno da puberdade, e relacionamentos casuais com parceiros de sua própria idade e classe, optavam pelo comércio do sexo no final da sua adolescência porque este oferecia melhor pagamento, condições mais fáceis e maior autonomia que outras formas de trabalho feminino. Quando vista em seu próprio contexto, torna-se óbvio que, para muitas mulheres, a prostituição era uma decisão consciente e positiva em face da pobreza opressiva e da falta de oportunidade.

No romance de Crane a decadência dos moradores dos “*tenements*” é evidenciada pela grande proliferação dos moradores e pela incapacidade de se manterem confinados no espaço dos *tenements*. Os habitantes se infiltravam nos becos e ruas que cercavam a Rua Bowery (CRANE Cap. VII, p 25, tradução nossa): “*The nationalities of the Bowery beamed upon the stage from all directions [...] 73.*

Irving (1993, p, 34, tradução nossa) crê que a força dos relacionamentos se dava fora de casa e acrescenta que: “*They seem to have their most meaningful encounters on the street, scapin from the violence endemic in the home to a space of more fluid power relatings outside 74.*

Crane enfatiza esse aspecto do romance que parece transparecer uma ideia de evasão. Tudo se direciona para o lado de fora, para a rua. Ele descreve minuciosamente a vida na Rua Bowery, onde a história se desdobra. Também descreve o prédio onde mora a família Johnsons.

A descrição fervorosa torna o ambiente palpável, real sobre o qual Irving (1993, p.35, tradução nossa) concretiza o pensamento dizendo que: “*The tenement exposes its dreadful humanity, the repulsive descriptions of its inhabitants masking a barely concealed anxiety at uncontainable nature of its bestial other 75.* Crane (2006, Cap. VI, p.24, tradução nossa) destaca a participação da rua e bares, lugares frequentados por Maggie, na sua deterioração moral e física. “*Been loafin’ ‘round deh streets. Yer gettin’ teh be a reg’lar devil 76.*

---

<sup>73</sup> As nacionalidades de Bowery iluminavam o palco de todas as direções [...].

<sup>74</sup> Eles parecem ter tido seus encontros mais significativos na rua, escapando da violência endêmica em casa para um espaço mais fluido das relações de poder do lado de fora.

<sup>75</sup> “A moradia expõe sua mórbida humanidade, as descrições repulsivas de seus habitantes dissimulando uma ansiedade quase escondida em natureza que não se contém de sua alteridade bestial”.

<sup>76</sup> Estive vadiando pelas ruas. Você está quase se tornando um perfeito demônio.

O ambiente descrito pelo autor destaca os momentos precedentes à derrocada da personagem, No início, Maggie sai com Pete e vai a lugares que a deixam extasiada quanto à quantidade de luzes, com relação às peças teatrais que assistia, porém Crane fornece indícios de sua decadência, por meio da descrição de uma bailarina que faz um “*strip-tease*” no bar que frequentou em seus últimos momentos com Pete, como notamos na seguinte passagem (CRANE, 2006, Cap. XII, p 45):

*In a hall of irregular shape sat Pete and Maggie drinking beer [...] A ballad singer, in a dress of flaming scarlet, sang in the inevitable voice of brass. When she vanished, men seated at the tables near the front applauded loudly [...] She returned attired in less gown, and sang again[...] She reappeared in still less gown and danced<sup>77</sup>.*

As questões relacionadas às diferenças entre os espaços, público ou privado, frequentados pelos habitantes dos cortiços causava horror na classe média. Nesse sentido são pertinentes as argumentações de Christine Stansell (1987 p. 35, tradução nossa) ao relatar que:

*Escaping that sequestration in the home that served to contain the sexually saturated female body, the immigrant woman’s free movement from the tenements to the larger urban space was seen as a refusal of the women’s organic connection with the family space/life of the children, a flouting of the gendered division of space<sup>78</sup>.*

Sobre isso Irving (1993, p.38, tradução nossa) declara que:

*If in the discursive division of gendered space, moral order depends on preserving the home as a hermetically sealed private space, that is metonymic of the unviolated body of the woman, then the prostitute – penetrating forbidden locales outside the home and, herself, multiply penetrated by all comers – becomes a powerful signifier for the breakdown of republican order<sup>79</sup>.*

---

<sup>77</sup> Num salão de formato irregular, sentados, Pete e Maggie bebiam cerveja [...] Uma cantora, em um vestido escarlate flamejante, cantava com a inevitável voz metálica. Quando ela desapareceu, homens sentados às mesas na frente do palco aplaudiram fortemente [...] Ela retornou com menos roupa e cantou de novo [...] Ela reapareceu com menos roupa ainda e dançou.

<sup>78</sup> Escapando aquele sequestro na casa que serviu para conter a sexualidade saturada do corpo feminino, o movimento livre da mulher imigrante de sua moradia aos espaços urbanos maiores era visto como uma rejeição da conexão orgânica da mulher com o espaço/vida familiar das crianças, um desprezo da divisão de gênero por espaço.

<sup>79</sup> Se na divisão discursiva do espaço generificado, a ordem moral depende da preservação da casa como um espaço privado hermeticamente selado, que é metonímico ao corpo inviolado da mulher, então a prostituta – penetrando locais proibidos fora de casa e, ela

Essas personagens femininas são vistas como figuras a quem é permitido transitar entre o espaço privado e o público. Ambas, a mulher imigrante e a prostituta eram vistas, nesse período, com a sexualidade exacerbada e figuras de aspectos excessivos. (IRVING, 1993, p.38, tradução nossa) “*As figures seen to be transversing the private/public split, the immigrant woman and the prostitute were both seen in this period as figures of excess, of untrammelled female sexuality*”<sup>80</sup>.

A autora declara que os nativistas articulavam o discurso espacial utilizando uma construção específica do gênero feminino, o que pode ser encontrado claramente no romance de Crane. No subtítulo, “*A Girl Of The Streets*”, há sinais evidentes da preocupação com a locação. A rua é o principal ambiente escolhido por Crane para inserir suas personagens.

As convenções literárias na representação da mulher são evidentes quando analisamos Maggie tendo em vista essa distinção. A personagem prostituta é uma figura polêmica e frequenta os espaços masculinos e por meio da personagem cria-se um perfil da mulher, pois todas as ações estão centralizadas em Maggie, apesar de ter poucas falas no romance.

Sabemos que toda representação é subjetivada, pois o essencial é filtrado por alguém, nesse caso, o autor norte-americano, dispensando o que pode ser acessório. Crane promove com suas representações a supervalorização do mundo masculino.

A sociedade idolatra as experiências masculinas dando-lhes *status* de única verdade aceita, enquanto acontece o oposto em relação às experiências femininas que são trivializadas. Então podemos dizer que o traço essencial da feminilidade foi filtrado pelo olhar masculino, por meio das experiências masculinas nas relações entre homem e mulher.

Maggie é uma garota que desiludida pelo amor idealizado, pela pouca providência institucional, busca refúgio nas ruas e sobrevive sendo prostituta. É

---

mesma, multiplamente penetrada por todas as esquinas – torna-se um significador poderoso para a desconstrução da ordem republicana.

<sup>80</sup> As figuras parecem ultrapassar a linha divisória entre o privado/público, a mulher imigrante e a prostituta eram ambas vistas, neste período, como figuras de excesso, de desembaraçada sexualidade feminina.

rejeitada por todos e tem problemas profundos com a auto-estima, denegrindo a própria imagem em relação aos homens e aos outros. Como esperado, morre no final.

Sobre o tema da mulher resgatada pela morte, Zolin (2009, p.226) acrescenta que: “[...] em muitas histórias a mulher transita de menina inocente à prostituta imoral, para posteriormente regenerar-se, encarnando a mulher anjo, capaz de se sacrificar pelo bem dos que a cercam”.

Apesar de inicialmente parecer a antítese da mãe, Maggie na verdade é muito semelhante à mãe em alguns aspectos específicos. Ao comparar Mrs. Johnson's com sua filha Maggie, as implicações raciais ficam bem claras, pois concordamos com a crítica ao afirmar que Maggie é a representação antitética da mãe, descrita como uma flor rara, uma anomalia que destoa dos outros habitantes dos *tenements* e de sua família.

Traz com sua representação ideias da classe média norte-americana sobre os conceitos de feminilidade, obtidas por meio de metáforas significativas, entre elas a “metáfora vegetal” reconhecida nessa descrição que Crane faz de Maggie (2006, Cap.V, p.18, tradução nossa): “*The girl, Maggie blossomed in a mud puddle. She grew to be a most rare and wonderful production of a tenement district, a pretty girl*”<sup>81</sup>. De acordo com Dottin-Orsini, (1996, p. 216) na literatura do século XIX é frequente encontrar entres as ideias ligadas ao feminino a metáfora “da flor-nascidana-estruqueira” e prossegue dizendo que é um “paradoxo meio lisonjeiro meio injurioso”, pois é importante analisar o contraste suscitado pela ideia. Segundo ela:

A espécie da flor tem pouca importância: é a floração que conta, a oposição dos dois termos, a ideia de que podem existir flores de estrume, tal como há flores do mal e “flores de lodo” [...] três noções muito próximas, mesclando o concreto repugnante à moral condenável.

Outra metáfora também definida por Dottin-Orsini diz respeito à comparação com animais, muito frequente nos trabalhos dos autores do século XIX. É habitual encontrarmos a comparação da mulher com uma tigresa, em que o autor almeja evidenciar a sensualidade da personagem, porém o objetivo de Crane não é

---

<sup>81</sup> A garota, Maggie floresceu em uma poça de lama. Ela cresceu para ser a mais rara e maravilhosa produção de um distrito habitacional, uma garota bonita.

acentuar a sensualidade de Maggie, mas sim o caráter animalesco e instintivo dela (CRANE, Cap.II, p.10, tradução nossa): “*Maggie, with side glances of fear of interruption, ate like a small pursued tigress [...]*”.<sup>82</sup>

Nota-se também que Crane revela a deterioração gradual de Maggie, filha de Mary, quando obviamente se torna uma prostituta de rua (Cap.XVII, p. 63, tradução nossa). “*A girl of the painted cohorts of the city went along the street. She threw changing glances at men who passed her, giving smiling invitations to men*”<sup>83</sup>.

Ele descreve alguns homens que passavam pela rua, mas rejeitaram Maggie (Cap. XVII, p. 63, tradução nossa): “*A tall young man, smoking a cigarette [...] A stout gentleman, with pompous and philanthropic whiskers,[...] A belated man in business clothes,[...] A young man in light overcoat and derby hat [...]*”<sup>84</sup>.

Concordamos com Irving (1993, p.39) ao dizer que nesse episódio o autor não deseja evidenciar o número de parceiros sexuais de Maggie, mas sim, representar por meio dela todos os tipos de mulheres degeneradas. É interessante pensar sobre as propostas de Zola ao descrever a realidade das “*fallen women*” obtidas em Dottin-Orsini (1996, p.270): “Esta era segundo a obra prima de Zola, a realidade da prostituta do século XIX: uma prostituta envenenada, porém desamparada, que destruía a sociedade (masculina). A prostituta é o inimigo público número um”.

Gradualmente Maggie torna-se deteriorada fisicamente e parecida com sua mãe. A degradação é perceptível nas cenas finais, quando passa a ser rejeitada pelos vários homens que encontra na rua. Nesse episódio muitos homens aparecem. Não é na descrição física da personagem que podemos observar sua degradação, mas no fato de solicitar os homens e eles a rejeitarem.

Quando Maggie atinge o ápice da degradação, consegue atingir o final do ciclo de sua vida e demonstra a existência de um futuro inevitável. Mesmo contrastando-se fisicamente com sua mãe, é confundida com ela no final por um transeunte (CRANE, 2006, Cap.XVII, p. 63, tradução nossa) “*Hi, there, Mary, I beg*

---

<sup>82</sup> Maggie, com olhares de esguelha de medo da interrupção, comeu como uma pequena tigresa perseguida [...].

<sup>83</sup> Uma garota do grupo das mulheres maquiadas da cidade passava pela rua. Ela atirou olhares alternados aos homens que passavam por ela, dando sorrisos que os convidavam.

<sup>84</sup> Um homem jovem e alto, fumando um cigarro [...] Um senhor robusto, com bigode pomposo e filantrópico, [...] Um homem atrasado em roupas de negócios, [...] Um homem jovem com um sobretudo leve e um chapéu-coco [...]

*your pardon! Brace up, old girl*”,<sup>85</sup> pois sua beleza está arruinada. Esse trecho indica que Maggie já não conserva o vigor da juventude e não está atraente.

## 1.6 A Decadência de Maggie: “uma garota de rua”

De acordo com David Fitelson (1964), *Maggie*, de Crane, participa de um momento em que abordar o tema da pobreza e focalizar o cotidiano da população das regiões miseráveis tornou-se moda. O trabalho de Crane, segundo Fitelson, está conectado a outras obras literárias dos Estados Unidos. Porém, *Maggie* apresenta uma forma especial de linguagem irônica, cujo significado não é revelado aos leitores que têm dificuldades de interpretá-la.

Desde a sua publicação em 1896, *Maggie: A Girl Of The Street* tem chamado a atenção dos críticos literários em busca da descoberta do segredo contido nas mudanças que Stephen Crane realizou no romance que, primeiramente, foi publicado em 1893 e não foi bem recebido, especialmente por críticos como Hamlin Garland e William Dean Howells. O fato de Crane não ter dito nada sobre as transformações de *Maggie* faz com que o livro estivesse aberto a várias especulações.

Em uma carta escrita para Ripley Hitchcock diz (STALLMAN, 1955, p.528, tradução nossa): *“I’m very glad to hear you speak as you do concerning Maggie. I will set to work this month rewriting it”*<sup>86</sup>. E em outra carta que enviou a Hitchcock posteriormente se explica: *“I am working at Maggie. She will be down to you in a few days. I have dispensed with a goodly number of damns”*<sup>87</sup>.

Segundo Janine Schätzle (2000, p.22), em seu ensaio *The Reflection of the Metropolis in Stephen Crane’s Maggie: A Girl Of The Streets*, críticos como Fredson

---

<sup>85</sup> “Olá, Mary, eu peço seu perdão! Segure-se, velha garota”

<sup>86</sup> Estou muito feliz em ouvir você falar como você considera *Maggie*. Eu voltarei ao trabalho esse mês para reescrevê-lo.

<sup>87</sup> Eu estou trabalhando em *Maggie*. Ela estará pronta em poucos dias. Eu dispensei um bom número de palavrões.

Bowers acreditam que as mudanças em *Maggie* foram ocasionadas pela pressão que o autor sofreu pelo seu editor Ripley Hitchcock, enquanto que para outros como Fritz Oehlschlaeger tal pressão não foi provada.

No último século, muitos estudiosos focalizaram os trabalhos de Crane. Houve uma celebração entusiasmada em 1995 no centésimo aniversário da publicação de *The Red Badge of Courage*, sua obra de maior sucesso. Há um vasto acervo de estudos sobre Stephen Crane publicados como explicita Schätzle (2000, p.22, tradução nossa):

*Many new studies on Crane's works were published, like in 1994 The Crane Log: a documentary life of Stephen Crane, 1827-1900, edited by Wertheim and Sorrentino, An annotated Bibliography of Secondary Scholarship (1992) and The Pluralistic Philosophy of Stephen Crane (1993) by Patrick K. Dooley. In September 1989 a major conference on Stephen Crane: Reevaluation was held by Virginia Tech University. Furthermore the Stephen Crane Society revived the Stephen Crane Newsletter, now renamed Stephen Crane Studies<sup>88</sup>.*

Há diversos trabalhos realizados aqui no Brasil que versam sobre as personagens prostitutas, porém há poucos trabalhos encontrados que analisam as especificidades do romance *Maggie: A Girl Of The Streets*. A única tradução que circula no Brasil do romance de Crane é uma edição do livro em Portugal, distribuído pelo Círculo do Livro, porém perdeu-se muito em significado, pois a tradução não mantém a linguagem das ruas adotada por Crane, importante fator no que se refere à pretensão do autor em conferir autenticidade aos personagens e à história.

Sendo assim, optamos durante todo o trabalho em analisar o romance escrito em inglês, onde se pode perceber a dedicação do autor em realizar um trabalho especial com a linguagem, a qual dá características realistas ao romance, representando literalmente a linguagem falada nos guetos e ruas de Nova York.

---

<sup>88</sup> Muitos novos estudos sobre a obra de Crane foram publicados, como em 1994. *O diário de Crane: um documentário da vida de Stephen Crane 1827-1900*, editado por Wertheim e Sorrentino, *Uma bibliografia anotada dos Estudos Secundários* (1992) e *A Filosofia Pluralista de Stephen Crane* (1993) por Patrick K. Dooley. Em setembro de 1989 uma grande conferência sobre Stephen Crane: Reavaliação foi organizada pela Universidade de Tecnologia de Virginia. Além disso, a Sociedade de Stephen Crane reviveu o Boletim Informativo de Stephen Crane, agora renomeado como Estudos de Stephen Crane.

Entre os trabalhos desenvolvidos no Brasil, podemos destacar a pesquisa realizada em 1981, por Mônica Back Barbosa da Silva, evidente em sua Dissertação de Mestrado, na Universidade do Paraná em que elabora uma comparação entre o naturalismo de Aluisio de Azevedo e Stephen Crane e aponta as marcas naturalistas nas duas obras, identificando as divergências culturais existentes nas expressões da estética nos romances *O Cortiço* (1890) e *Maggie: A Girl Of The Streets* (1896), fundamentado suas ideias por meio da teoria naturalista francesa.

Assim como Crane, Azevedo narra a história de imigrantes europeus, no caso portugueses que vivem em um cortiço no Rio de Janeiro, no século XIX. Expressa as inquietações da época no Brasil, explorando intensamente em sua obra vários temas naturalistas, entre eles a questão da convivência conturbada entre classes sociais distintas, a experiência dos imigrantes com os escravos recém libertos e a principal característica naturalista identificada na apresentação de personagens cujo caráter é definido pelo meio ambiente, pela raça e pela classe social.

Do mesmo modo, foi interessante a leitura realizada do artigo de Manuela Oliveria de Jesus e Midian Tarsis A. Guimarães publicado nos *Anais do Seminário Nacional de Literatura e Cultura* (2009) em que fazem uma leitura feminista de Maggie e Pombinha de *O Cortiço* de Aluisio de Azevedo, traçando paralelos que aproximam as personagens quanto aos papéis representados na cultura, porém não está fundamentado teoricamente, apesar de ter boas reflexões sobre as questões que envolvem o feminino e a leitura feminista da obra.

O que podemos reconhecer é o grande interesse científico sobre o tema da representação da personagem prostituta em muitos outros trabalhos acadêmicos, demonstrando ser relevante realizar leituras diversificadas do romance, ainda pouco estudado no Brasil.

A personagem messalina é tema abundante em trabalhos como, *A construção da imagem feminina através das prostitutas na obra de José de Alencar e Jorge Amado*, no trabalho de conclusão de curso de Isabel Cristina dos Santos Cruz, na Universidade Estadual da Paraíba, em que investiga a presença de duas protagonistas, Lúcia de *Lucíola* (1862) de Alencar e Tereza Batista, de *Tereza Batista Cansada de Guerra* (1972), de Jorge Amado, dando enfoque às construções das relações sociais e amorosas das duas personagens.

Hilda Furacão e a sexualidade feminina são discutidas na comunicação apresentada em *Fazendo Gênero, Diásporas, Diversidades, Deslocamentos de*



autoria de Vinícius José Alves, entre tantas pesquisas realizadas sobre a personagem que tanto representa a opressão e o preconceito, como também representa a liberdade sexual e a transgressão das regras de conduta e valores da sociedade. A prostituição infringe as leis sociais e é marginalizada.

De acordo com Barry R. Schaller, no romance o ponto de vista de Crane é dotado de uma visão naturalista e reproduz sua desilusão em relação ao *American Dream*, esclarecida na inscrição das cópias de *Maggie* que distribuiu aos amigos (CRANE, Apud. SCHALLER, 2001, p.104, tradução nossa):

*It is inevitable that you will be gratly shocked by this book but continue please with all possible courage to the end. For it tries to show that environment is a tremendous thing in the world and frequently shapes lives regardless. If one proves that theory one makes room in Heaven for all sorts of soul (notably an occasional street girl) who are not confidently expected to be there by many excellent people<sup>89</sup>.*

Stephen Crane escreveu *Maggie* e o publicou com seus próprios recursos. A obra narra a vida das crianças Maggie e Jimmie, seu irmão, que vivem na região pobre de Nova York. A família Johnson mora em um cortiço junto com sua mãe alcoólatra Mary e sofriam terríveis abusos de seus pais.

Ao crescerem nesse ambiente hostil, desconfortável e aflitivo, desprotegidos por natureza, as crianças são condicionadas a serem também hostís. Não há leis que possam protegê-las, o que as deixa livres para se tornarem adultos violentos e criminosos. Schaller (2001, p.106, tradução nossa) reconhece que os dois personagens são representativos da violência existente nesse romance o qual aborda um ambiente em que a moral é peculiar, Mary é a mãe alcoólatra, e Jimmie o irmão cuja valentia permite a sua sobrevivência.

*The Law in Maggie's world basically allows the code of the streets to prevail and govern, intervening only when necessary to preserve the society outside the slum community or to maintain minimal order...*

---

<sup>89</sup> É inevitável que você seja surpreendido grandemente por este livro, mas continue, por favor, com toda coragem possível até o fim. Porque ele tenta mostrar que ambiente é algo tremendo no mundo e frequentemente molda vidas de qualquer maneira. Se alguém provar esta teoria, ele dará espaço no Paraíso para todo tipo de alma (notadamente a garota de rua ocasional) que não é esperada para estar lá com pessoas excelentes.

*the roots of violence are close to the surface in the urban world of Maggie. Violence is acceptable in the slum culture*<sup>90</sup>.

Compreendemos que a violência em Maggie corresponde à mesma vista nas ruas nos Estados Unidos no século XIX e é componente essencial do mundo da personagem e espetáculo para os moradores dos *tenements* que estão sempre observando os acontecimentos. Os temas abordados na obra de Crane vão além dos temas comuns da época, como meio ambiente, determinismo, ilusão e desilusão, violência e destruição, mas apontam para uma situação em que a personagem principal é desenhada como incapaz de pensar, agir e conduzir a realidade em benefício próprio. É a desilusão que governa Maggie e sua falsa percepção da realidade a leva à autodestruição. (SCHALLER, 2001, p. 106, tradução nossa) faz a subsequente observação:

*The aspects of self-disillusion that govern Maggie's interaction with her environmental, leading to her self-destruction, consist of false perceptions of the facts, erroneous interpretation of the meanings of the facts, and inability to make sound judgments about her own behavior*<sup>91</sup>.

Com a publicação de *The Red Badge of Courage*, em 1894 e o reconhecimento de Stephen Crane tanto pela crítica, como pelos leitores, seu primeiro romance ficou esquecido. De acordo com Jeannine Schätzle (2000, p.22), houve uma reação negativa dos Puritanos contra o romance, o qual foi considerado inadequado, negativo e depressivo.

Ao escrever Maggie, Crane rebela-se contra a representação pitoresca da pobreza adotada por seus antecessores. Quando traça as linhas do desenho de Maggie, ele prefere se fixar mais nas características psicológicas da personagem do

---

<sup>90</sup> A lei no mundo de Maggie basicamente permite que um código das ruas prevaleça e governe, intervindo apenas quando necessário para preservar a sociedade fora do cortiço ou para manter uma ordem mínima [...] as raízes da violência estão próximas à superfície no mundo urbano de Maggie. Violência é aceitável na cultura da favela.

<sup>91</sup> Os aspectos de auto-desilusão que governam a interação de Maggie com seu ambiente, que a direcionam para auto-destruição, consistem nas falsas percepções dos fatos, interpretação errônea dos significados dos fatos, e incapacidade para fazer julgamentos sólidos sobre o comportamento de si mesma.

que nas físicas. No romance, Maggie é apresentada como a vítima seduzida e traumatizada pela desilusão e fragmentação do espaço que habita. É seduzida por Pete, *barman*, habitante da mesma região e pertencente à mesma classe social que Maggie, o que levanta discussões pertinentes no que se refere à escolha de Maggie e ilusão sobre o caráter e procedência do parceiro.

Crane revela em Maggie traços especificamente românticos, ao demonstrar por meio da relação ilusória do casal uma espécie de fantasia romântica em meio ao caos urbano da classe média. Maggie carrega os ideais românticos da classe média, ao escolher como parceiro, o namorado Pete, um rapaz de modos rudes, mas que aos olhos de Maggie é um verdadeiro príncipe encantado.

O inovador em Crane reside no fato dele representar a mulher prostituta em sua complexidade, o que implicou quebrar paradigmas e estereótipos difundidos pela literatura que antecedeu o naturalismo. Percebemos uma crítica da situação feminina e uma crítica das relações em meio ambiente turbulento, de contornos morais peculiares e que contrastam constantemente com os princípios e regras morais e sociais da classe média do século XIX.

Crane ao representar a mulher prostituta, faz com que ela exiba um perfil psicológico mais elaborado e é lugar onde se mostra mais irônico, revelando os contornos delicados da alma humana, observando outras almas humanas. Maggie é descrita como se estivesse perdida em um mundo em constante desmoronamento. Sem nenhuma segurança emocional, busca apoio na figura masculina de Pete, crente na ideia de que ele transformaria a situação em que se encontrava. Ela perambula entre o sonho e a realidade, inconsciente de seu espaço num meio ambiente degradante.

O autor focaliza a oposição entre realidade e fantasia e Maggie representa a visão irônica do mundo na Rua Bowery. A inocência da personagem é destruída pela doença da pobreza e o vazio moral que a circunda.

As personagens em *Maggie* são agressivas, violentas, egoístas e ligadas intrinsecamente aos vícios. Não se reconhecem como parte de um todo, de um mecanismo, do mesmo modo, não reconhecem seus deveres com o outro, criando uma nova moral. O que os move, em relação aos outros, está baseado somente em seus desejos egoístas e oportunistas.

Relação exemplar dessa afirmação pode ser vista ao observar Pete, namorado que usa e descarta Maggie quando Nell aparece. Não existe uma reflexão

sobre comportamentos desconfortantes. Não há uma consciência sobre as ações e sobre o papel social que ele representa, tanto que até o fim Pete se considera um “*good feller*” [um cara legal].

Jimmie, ao julgar Pete, não considera seus próprios mecanismos, condenando o companheiro por atitudes tomadas também por ele mesmo. Pete seduz Maggie e Jimmie se vê no dever de lutar com Pete defendendo uma honra que só existe entre eles. Todos fazem parte de um todo desconfortável, da mesma classe social e com a mesma mentalidade e julgamento morais que demonstram claramente a ironia contida na escrita de Crane.

Mariani (1992, p.2) observa o seguinte sobre as características de Crane:

*[...] the formal features of his texts – their impressionism, realism, irony – which have been by and large evaluated ahistorically, are political thorough and through. They should be seen, in fact, as ideological maneuvers in their own right – as a stylistic machinery through which the texts map, repress, and find imaginary solutions to the social and political anxieties they themselves evoke.<sup>92</sup>*

O texto de Crane contém as ansiedades sociais, que inicialmente aparecem como crítica de certa realidade social, assemelhando-se muito aos textos modernistas. O autor novaiorquino tenta direcionar os anseios da época ao nível do estilo. Primeiramente, apresentando como tema certos distúrbios sociais como guerra, violência e vida dos moradores dos *tenements* como uma espécie de “espetáculo”, uma obra contemplativa, para chamar a atenção do leitor e o aproximar da realidade. Algo para o leitor apreciar esteticamente. Em segundo lugar, há o uso da ironia embebida da voz subversiva de Crane. Mariani (1992, p.4) declara que:

*Rather than bringing the reader closer to some objective reality, what some call the realism and others the impressionism of Crane's texts*

---

<sup>92</sup> As características formais dos textos dele – seu impressionismo, realismo e ironia – os quais têm sido grandemente avaliados não historicamente, são em parte, políticos. Eles deveriam ser vistos, na verdade, como manobras ideológicas – como um mecanismo estilístico por meio do qual o texto mapeia, reprime e encontra soluções imaginárias e ansiedades políticas que eles mesmos evocam.

*should be seen as a spectacular descriptive strategy aiming to displace whatever political anxieties they may arise. At another level, Crane's narrators try constantly to withdraw from the text they construct through the use of irony. Several critics have praised the irony embedded in Crane's narrative voices as subversive.*<sup>93</sup>

A ironia de Crane reside na força negativa que por um lado zomba das banalidades da cultura popular, e por outro, é marcada pela carga ideológica por trás da imaginação do autor. Há evidentes construções metafóricas visuais e teatrais, referidas anteriormente, práticas correntes dos escritores americanos, pois no final do século XIX na sociedade americana emergia o que poderia ser chamada de *société du spectacle*, já pensando numa sociedade consumidora em plena explosão industrial. Mariani (1992) argumenta que o desenvolvimento industrial nas décadas seguintes à Guerra Civil foi marcado pelas relações de produção e consumo, acrescentando que (MARIANI, 1992, p.8): *"In a new social formation where all men and women were to be addressed as potential consumers, reality had to be recreated in the mode of theatrical display, of spectacle"*.<sup>94</sup>

As brigas e principalmente a decadência de Maggie é assistida por espectadores críticos. Crane descreve as divergências posicionando os adversários como se estivessem em um ringue, cuja luta é seguida de perto por espectadores curiosos, que torcem para que haja um vencedor no final. O autor demonstra a desvalorização do caráter e da moral, acentuando hiperbolicamente os elementos desumanizantes dos personagens que os transforma em guerreiros sanguinários (CRANE, Cap.XI, p. 43): *"The arms of the combatants whirled in the air like flails. The faces of the men, at first flushed to flame-colored anger, now began to fade to the pallor of warriors in the blood and heat of a battle"*<sup>95</sup>.

---

<sup>93</sup> Em vez de trazer o leitor mais perto para mostrar a realidade objetiva, o que alguns chamam de realismo e outros de impressionismo dos textos de Crane, deveriam ser vistos como uma descrição estratégica espetacular visando deslocar qualquer ansiedade política que pudesse surgir. Em outro nível, o narradores de Crane tentam constantemente retirar-se do texto que constrói por meio do uso da ironia. Muitos críticos elogiaram a ironia intrínseca na voz narrativa de Crane como subversiva.

<sup>94</sup> Numa nova formação social onde todos os homens e mulheres eram considerados consumidores em potencial, a realidade deveria ser recriada no modo de mostrar teatralmente, o espetáculo.

<sup>95</sup> Os braços dos combatentes rodopiavam no ar como mangás. Os rostos dos homens, a princípio avermelhados pela cólera, já começavam a adquirir a palidez dos guerreiros mergulhados no sangue e no calor da batalha.

O estilo espetacular de Crane demonstra claramente a proposta do autor no que se refere às estratégias utilizadas para expor suas ideias contrárias ao sentimentalismo presente na literatura popular. Sobre seu estilo espetacular, Mariani (1992, p.25) aponta que:

*Crane's irony is not subversive of but complementary to his spectacular style. Irony and spectacle function together as Crane's strategy of containment. On the one hand they both operate as deconstructive weapons against the sentimental and consolatory ideology of popular fiction, which proposed deliberately false –to – life narrative resolutions of concrete social problems. On the other hand they both, irony and spectacle are by their very nature incapable of reformulating social and political contradictions into a strong totalizing language.*<sup>96</sup>

A ironia e a forma espetacular de apresentar a realidade são as principais características do escritor. Em *Maggie* há a justaposição de ironia e impressões da linguagem das ruas e romance, o que parece ser uma meta a ser atingida pelo autor que ataca o sentimentalismo dos romances anteriores e de textos reformistas nos quais a vida da classe pobre é estereotipada. Crane ataca a convencional maneira de representar a pobreza, buscando produzir um novo modo de olhar para a classe pobre e como afirma Mariani (1992, p.20):

*This account of Crane's work does justice to the fact that his interests and strengths lay not in the creation of intricate or original plots, but in the analysis and critique of established modes of sensorial and cultural perception.*<sup>97</sup>

Em episódios pontuais Crane acentua a marca do espetáculo e nos dá a conhecer cenas trágicas que atraem a curiosidade de todos os moradores, tratados

---

<sup>96</sup> A ironia de Crane não é subversiva, mas complementar a seu estilo espetacular. Ironia e função espetacular juntas como a estratégia de Crane de contenção. Por outro lado, ambas operam como armas desconstrutivas contra a ideologia sentimental e consolativa da ficção popular, que entende-se como deliberadamente falsa – para – as resoluções narrativas de problemas sociais concretos. Por outro lado, ambos, ironia e espetáculo são pela própria natureza incapazes de reformular contradições sociais e políticas em uma linguagem totalizadora.

<sup>97</sup> Esta opinião sobre a obra de Crane não faz justiça ao fato de que o interesse e suas forças dela não estão na criação de enredos intrincados ou originais, mas na análise e crítica de modos estabelecidos de percepções sensoriais e culturais.

como espectadores. A excitação da tragédia é sentida nessa passagem (CRANE, Cap. IX, p. 32): “*A group of urchins were intent upon the side door of a saloon. Expectancy gleamed from their eyes. They were twisting their fingers in excitement*”<sup>98</sup>. Também é facilmente reconhecida nessa cena (CRANE, Cap. XV, p. 57): “*The loud, tremendous sneering of the mother brought the denizens of the Rum Alley tenement to their doors. Women came in the hall-ways. Children scurried to and fro*”<sup>99</sup>.

Muito importante na obra, o momento em que Maggie é rejeitada pela família e apontada como pecadora, pois se trata de demonstrar as contradições do julgamento moral, em que se contrapõem os valores morais da classe média e da classe trabalhadora. Mary faz um estardalhaço com o retorno de sua filha chamando os vizinhos para assistir ao grande espetáculo que a ruína proporcionava, tal como uma empresária teatral, ou uma apresentadora de algum espetáculo (CRANE, Cap. XV, p. 57): “*Maggie’s mother paced to and fro, addressing the doorful of eyes, expounding like a glib showman at a museum [...] “Dere she stands”, she cried, wheeling suddenly and pointing with dramatic finger. “Dere she stands! Lookut her!*”<sup>100</sup>.

O *nonsense* reside no fato de haver uma preocupação constante com a opinião dos vizinhos. Mary angustia-se com isso (CRANE, Cap. XIII, p.47): “*The fact that the neighbors talked of it, maddened her*”.<sup>101</sup> Contraditoriamente, Mary demonstra a mesma natureza decadente e degenerada. É zombada pelos garotos de rua “*Here she comes*”, os garotos gritam quando Mary passa.

Percebemos que é frequente o envolvimento dela em confusões, pois é figura tarimbada nas delegacias de polícia. Mary é o tipo de bêbada que perturba as pessoas e é rejeitada por todos. Existe em total decadência moral, como podemos observar na cena em que perambula pelas ruas, cambaleante por causa de sua embriaguez, descrita como uma pessoa louca. Crane evidencia sua selvageria (CRANE, 2006, Cap. IX, p. 33): *Her hair straggled, giving her crimson features a look*

<sup>98</sup> Um grupo de fedelhos tinha os olhos fitos na porta lateral de um botequim. A expectativa brilhava-lhes nos olhos. Eles retorciam os dedos, no auge da excitação.

<sup>99</sup> Os altos e tremendos brados de escárnio da mãe trouxeram à sua porta os cidadãos do cortiço da Rum Alley. Crianças disparavam de um lado para o outro.

<sup>100</sup> A mãe de Maggie andava de um lado para o outro, dirigindo-se à porta cheia de olhos, expondo como se fosse uma apresentadora de um museu [...] – Lá está ela! – gritava, voltando-se de chofre e apontando-a com um dedo dramático.

<sup>101</sup> O fato de os vizinhos comentarem o caso enlouquecia-a.

*of insanity. Her great fists quivered as she shook them madly in the air [...] The woman floundered about in the lower hall of the tenement house and finally stumbled up the stairs*<sup>102</sup>.

Consideramos que o estilo de Crane pode ser visto como estratégia que contém tanto os ataques contra os modelos convencionais de representação e produção, tanto almeja que os leitores vejam realmente a pobreza, o desespero e a violência com um tom de rebeldia ao sentimentalismo e melodrama anteriormente utilizados na representação do lado pobre da cidade.

A história da ruína de Maggie é carregada de traços melodramáticos e ela é a heroína arruinada que atrai os olhares críticos da sociedade. Seu fracasso proporciona o drama. Ao encontrar-se insegura, ela mostra que a miséria humana é vista como um espetáculo (CRANE, 2006, Cap. XV, p.57): *“The girl stood in the middle of the room. She edged about as if unable to find a place on the floor to put her feet”*<sup>103</sup>. Diante da grandiosidade que a derrocada de Maggie assume, aparecem os espectadores (CRANE, 2006, Cap. XV, p.57): *“Through the open doors curious eyes stared in at Maggie. Children ventured into the room and ogled her, as if they formed the front row at a theatre”*<sup>104</sup>.

Sendo assim, muito frequentemente Crane transforma a matéria prima em exposições visuais obtidas pelas cores vivas e impressões luminosas. Seu estilo de reescrever a história dos pobres como uma forma de espetáculo possui força hipnótica, chamando a atenção muito mais para as qualidades estéticas da obra do que para suas implicações sociais ou morais.

Em *Maggie: A Girl Of The Streets*, apesar dos personagens poderem falar, há muitos momentos de silêncio em que a voz de Crane aparece mais enfaticamente, sendo que o silêncio dos personagens é pré-condição para o aparecimento da voz de Crane. Mariani (1992, p. 75) diz que: *“[...] the inhabitants of*

---

<sup>102</sup> Esvoaçavam-lhe os cabelos, dando-lhe ao rosto vermelho um ar de insanidade. Tremiam-lhe os grandes punhos à maneira que os brandia, selvagem, no ar [...] A mulher moveu-se, cambaleante, pelo vestíbulo inferior do cortiço, e finalmente, subiu as escadas, aos tropeços.

<sup>103</sup> A garota prostrou-se no meio da sala. Ela movia-se como se fosse incapaz de encontrar no chão um lugar onde pusesse os pés.

<sup>104</sup> Através das portas abertas olhos curiosos fitavam Maggie. Crianças aventuravam-se pelo quarto e a devoravam com os olhos como se formassem a primeira fila de um teatro.



*the Bowery think precisely like the characters who people dime novels and popular melodramas*<sup>105</sup>.

Os personagens Maggie, Jimmie e Pete vivem num mundo de romance e fantasia contrastando com a vida miserável que levam. Jimmie é um motorista de caminhão, mas sonha em ser motorista do caminhão de bombeiros, a “*Sun chariot*”; Pete é um *barman*, mas tem intenção de ser uma pessoa importante e responsável; Maggie enxerga Pete como um grande guerreiro e cavalheiro.

Do mesmo modo, vemos que Maggie não é uma simples espectadora passiva que apenas absorve os códigos da cultura de massa, ela também projeta suas esperanças na dimensão utópica das peças de teatro que assiste ao lado de Pete. Mariani (1992) afirma que Maggie indica o conhecimento de Crane sobre os valores da classe baixa mostrando ao leitor que a literatura pode fazer as pessoas perceberem o mundo a sua volta de maneira mistificada e que o romance de Crane pode ser visto como uma inversão paródica do que é exibido realmente na Bowery.

Por sua vez, Maggie é vitimizada pela falsa imagem de si mesma e de seu mundo. Sua visão da realidade é obnubilada pelo “*glitter*” proporcionado pelo imaginário, por meio da fruição da arte encontrada nos grandes *saloons* e casas de espetáculo onde Pete a levava. Chama-nos a atenção a descrição dos ambientes criados propositadamente para que os pensamentos de Maggie escapassem para o mundo da ilusão.

Os devaneios de Maggie estão envoltos em nuvens de fumaça, cujo significado pode indicar os sentimentos confusos e irrealis da personagem. A presença da fumaça é relevante, deixando escondidas as muitas faces dos personagens que caracterizam a massa de pessoas que não possui nome (CRANE, 2006, Cap.XIV, p.50): “*The usual smoke cloud was present, but so dense that heads and arms seemed entangled in it*”<sup>106</sup>.

A fumaça que encobre o ambiente está presente também no momento da história exposto a seguir e o autor revela os sonhos de Maggie (CRANE, 2006,

---

<sup>105</sup> [...] os habitantes de Bowery pensam precisamente como as personagens que as pessoas compram em romances e melodramas populares.

<sup>106</sup> Estava presente a costureira nuvem de fumaça, mas tão densa que as cabeças e os braços pareciam estar nela enredados.

Cap.XII, p.46): “*The sound of the music which, by the efforts of the frowsy-headed leader, drifted to her ears through the smoke-filled atmosphere, made girl dream*”<sup>107</sup>.

A persuasão por meio da linguagem é intensa proporcionando uma leitura da história como se fosse verdadeira, pois as personagens, suas experiências na vida mundana são “tangíveis, arquetípicas”. A persuasão e verossimilhança são obtidas por meio da ideia de que as condições sociais delineiam a personalidade. A intenção de Crane em representar honestamente o ambiente das ruas fez com que adotasse gíria e ritmo da linguagem falada no *Lower Manhattan*, bairros onde se aglomerava a classe pobre.

Maggie e Jimmie têm a origem de seu declínio moral nos problemas enfrentados na vida doméstica. São vítimas de violência como isolamento, autopunição, humilhação e degradação. O romance nos mostra episódios de abuso onde o medo é uma constante.

Em estudos desenvolvidos, observou-se que crianças expostas constantemente a abusos desenvolvem mecanismos específicos de acordo com o gênero que representam (HENDERSON, 778. Apud: GREENAN, 2000, p.3, tradução nossa): “*females tend to internalize hardships, becoming depressed and silente, while males are more likely to externalize them, developing personality disorders that manifest aggression and violence*”.<sup>108</sup>

A evidência de violência pode ser identificada em vários episódios da história. A linguagem torna o romance pesado e triste, o que fez com que muitos editores se recusassem a publicar a história de uma menina esquelética demonstrando como se vive em um mundo caótico e miserável, forçada, por isso, a trabalhar como prostituta de rua “street walking” e que se suicida no final. Os leitores, críticos e editores acharam que o livro apresentava um tratamento sórdido da *lower class*.

Maggie refugia-se num mundo de ilusão, cuja válvula de escape é a arte, por meio da qual ela tenta superar a sua situação de abandono. Esse aspecto marca a influência dos gostos próprios da classe média na imagem que a personagem tem de sua vida e dos ambientes que a cercam. Sem consciência de sua real situação, precisa escolher entre ser uma pobre costureira ou uma próspera prostituta

---

<sup>107</sup> O som da música que lhe chegava aos ouvidos, através dos esforços do regente de cabelos desgrenhados, na atmosfera densa de fumaça, fazia a jovem sonhar.

<sup>108</sup> [...] mulheres tendem a internalizar dificuldades, tornando-se deprimidas e silentes, enquanto que homens tendem a externalizá-las, desenvolvendo desvios de personalidade que manifestam por meio da agressão e da violência”.

(CRANE, 2006, Cap. V, p.19, tradução nossa): “*Maggie, I’ll tell yeh dis! See? Yeh’ve edder got teh go teh hell or go teh work*”<sup>109</sup>.

Maggie possui valores da classe média em meio à classe pobre. Ela deseja aprimorar sua condição de vida. Reconhecemos isso ao perceber que o sonho da garota que é resgatada pelo salvador é um sonho da classe média. Também sonha com um lar modelar. Ela não possui um lar e, ao deixá-lo, contraria os valores da classe média os quais privilegiam o recato da vida em família e abominam a independência e o ambiente fora de casa. Antagonicamente, a rua, na mentalidade vitoriana, é o lugar de perdição, já que a casa é o centro das virtudes e respeitabilidade.

Na verdade, ao representar um personagem assim, Crane rejeita os conceitos da classe média, demonstrando sua recusa por meio de inversões irônicas; refuta os preceitos morais da classe média, por meio da ironia e do contraste que esta proporciona na narrativa.

Gandal (1993, p.760, tradução nossa) declara o seguinte sobre a visão de Crane a respeito da moral da classe pobre, especialmente sobre o fato de Maggie ter deixado sua casa com um rapaz, o que subjaz a ideia de ter se relacionado sexualmente com seu parceiro:

*The girl’s inner experience is misrepresented: because her values do not correspond to those of the middle class, Maggie experiences no temptation, no sense of sin, and no remorse for her sexual activity; rather, she is awed by a tough because he is, in her ethics, a moral exemplar. Finally she becomes suicidal, not because of mouting guilt over her fall, but because of progressive loss of self-esteem; she is not tough enough herself to make it in her slum world*<sup>110</sup>.

Ao inserir a personagem em um lar desmoronado, em que o modelo de lar ideal não existe e mesmo assim, de acordo com os conceitos da classe média, deveria ser um lugar de acolhimento, Crane, na verdade está querendo mostrar os

---

<sup>109</sup> – Maggie, Vou te dizer uma coisa, tá? Ou você escolhe trabalhar ou ir para o inferno.

<sup>110</sup> A experiência interior da garota é mal representada: porque os valores dela não correspondem àqueles da classe média, Maggie não conhece a tentação, sentido nenhum de pecado e nenhum remorso pela atividade sexual; em vez disso, ela se surpreende com um pensamento porque ele é, na ética dela, um exemplo moral. Finalmente, ela se torna suicida, não pela culpa que se acumula com a queda dela, mas devido à progressiva perda de autoestima; ela não é forte o bastante para prosseguir em seu mundo da favela.

conceitos paradoxais sob os quais a classe média se assenta para analisar e julgar a moral existente na classe pobre e são os mesmos conceitos que fazem parte dos valores morais utilizados pela classe desfavorecida para realizar seus julgamentos.

A busca por uma zona de conforto é percebida quando Maggie tenta melhorar a aparência da sua casa, destruída pelos ataques de raiva da mãe. Na tentativa de viver em uma casa mais agradável e aconchegante, ela lança mão de sua única habilidade ao costurar um adorno para a casa (CRANE, 2006, Cap. VI, p. 23, tradução nossa):

*Turning, Maggie contemplated the dark, dust-stained walls, and the scant and crude furniture of her home [...]she suddenly regarded as an abomination...She spent some of her week's pay in the purchase of a flowered cretonne for a lambrequin. She made it with infinite care and hung it to the slightly-careening mantel, over the stove, in kitchen. She studied it with painful anxiety from different points in the room. She wanted it look well [...]*<sup>111</sup>.

O lar é problemático e a família é desestruturada onde lutas corporais existem e os impropérios e o abuso infantil marcam o relacionamento familiar. Nas brigas entre Mary Johnson e o marido, quem vence é a mulher e ao homem lhe resta buscar refúgio na bebida, nos *saloons* das redondezas, raiz dos problemas familiares (CRANE, 2006, Cap. II, p.11, tradução nossa): *"Why do I come a'drin' whisk here thish way? 'Cause home reg'lar livin' hell!"*<sup>112</sup>.

A natureza degenerada de Mary inverte os paradigmas da classe média sobre a vida no casamento e destrói qualquer vestígio de aconchego do lar, contrapondo-se à ideia sobre maternidade instituída pela classe média. Maggie, na verdade é uma antítese física e moral em relação à mãe.

Enquanto a mãe é desenhada de maneira grotesca, corpulenta e enraivecida, a personagem Maggie segue o arquétipo da heroína melodramática, vulnerável e passiva. Ela parece ser uma anomalia em meio à família. A relação entre Maggie e a

---

<sup>111</sup> Mudando, Maggie contemplou as paredes escuras e manchadas de poeira, e a mobília escassa e bruta de sua casa [...] ela repentinamente olhou isto como uma abominação... Ela gastou parte de seu pagamento da semana na compra de tecido florido para um lambrequim. Ela o fez com infinito cuidado e o pendurou na cornija sutilmente torta, sobre o forno, na cozinha. Ela o estudou com dolorosa ansiedade de diferentes pontos na sala. Ela queria que ele parecesse bem [...].

<sup>112</sup> Por que eu venho e bebo whisky aqui desta maneira? Porque a minha casa é um inferno.

mãe traz implicações ligadas à ameaça que a raça representa para a sociedade americana do século XIX.

Maggie cresce em meio às pressões impostas por pais bêbados e violentos. É sempre amaldiçoada pela mãe Mary Johnson que não cansa de blasfemar dizendo para todos: “*Go teh hell*”. Com Mary e seu comportamento grotesco, Crane enfatiza os danos causados pelo consumo de álcool entre os habitantes dos cortiços (*tenements*). Nesse tempo o alcoolismo acometia as mulheres e se tornava um sério problema.

Por meio de Mary, Crane torna o alcoolismo um importante aspecto de seu romance, do mesmo modo que Fawcett, ao representar a mulher degradada pelo álcool em Cora Strang. Mary bebia frequentemente e o resultado disso era a negligência com a família e consigo mesma e a violência. Tudo isso cria um cenário hostil do qual Maggie gostaria de fugir.

Em *Maggie: A Girl of The Streets* Crane representa a visão da força moral num mundo de degradação e violência, que ocorre com a desumanização de seus habitantes, sendo fiel à propostas da estética naturalista.

Ao observarmos a descrição de Mary Johnson, notamos evidências no que se refere as ações da personagem. Na realidade o que age é seu corpo, tal como notado nas passagens a seguir: “*The mother’s massive shoulders heaved with anger*”<sup>113</sup> (CRANE, 2006, Cap. II, p.7, tradução nossa) e do mesmo modo percebemos a ação de partes do corpo em (CRANE, 2006, Cap.III, p.13, tradução nossa): “*His mother’s great chest was heaving painfully [...] Her face was inflamad and swollen from drinking. Her tellow brows shaded eyes-lids that had grown blue*”<sup>114</sup>.

De acordo com Horwitz, (1998, p.607, tradução nossa), hábitos, costumes, assim como o ambiente físico governam o desenvolvimento das ações dos personagens: “*At times, Crane ascribes agency not to coporeal elements but to an action itself*”<sup>115</sup>. Não é a mãe de Maggie que está com raiva e sim seus ombros, mais especificamente seus movimentos descrevem um estado de irritação.

---

<sup>113</sup> Os ombros massivos da mãe elevaram-se com raiva.”

<sup>114</sup> O peito da mãe dele suspirava dolorosamente [...] Sua face estava inflamada e inchada de tanto beber. Suas sobranceiras ensebadas sombreavam as pálpebras que haviam se tornado azuis.

<sup>115</sup> Às vezes, Crane atribui ação não ao elemento corporal, mas à própria ação.

Crane dá especial destaque ao corpo, às partes do corpo e características físicas, e até às excreções, ao caracterizar seus personagens e os seus movimentos, exemplificado no fragmento abaixo (CRANE, 2006, Cap. I, p. 4, tradução nossa):

*A stone had smashed into Jimmie's mouth. Blood was bubbling over his chin and down upon his ragged shirt. Tears made furrows on his dirt-stained cheeks. His thin legs had begun to tremble and turn weak, causing his small body to reed. His roaring curses of the first part of the fight had changed to a blasphemous chatter<sup>116</sup>.*

Maggie cresce e se forma na Rua Bowery; é produto do meio social, da família. Esse pensamento corresponde às ideias de Herbert Spencer, filósofo britânico, considerado no século XIX o mais importante pensador, após Charles Darwin. “*In The Data of Ethics (1879), a work later incorporated in The Principles of Ethics (1892-93), Spencer argued that people adapted themselves to their environment by submitting to will of the social organismo or community to which they belonged [...]*”<sup>117</sup> (HAYES, 1999, p. 7, tradução nossa).

Crane dá uma explicação sociológica ao romance. Uma das interpretações possíveis do romance envolve as questões discutidas pela estética naturalista em que se privilegia a ideia de que o meio ambiente no qual as pessoas vivem influencia as suas vidas, com força suficiente para que estes não consigam resistir às influências externas. *Maggie* enfatiza o fato de que crescer nos cortiços delineia a moral, as crenças e o comportamento das pessoas.

Concordamos com Warren Susman (1984, p.273) ao relatar que o autor renomado e estudado demonstra com o romance *Maggie* o declínio da mentalidade existente no século XIX e o surgimento de novas ideologias, propostas pela psicologia moderna, especialmente sobre os argumentos relativos ao desenvolvimento da autoestima.

---

<sup>116</sup> Uma pedra havia sido arremessada na boca de Jimmie. Sangue borbulhava sobre seu queixo e ao longo de sua camiseta rasgada. Lágrimas faziam sulcos em suas bochechas machadas de sujeira. Suas pernas magras começaram a tremer e a perder a força, fazendo com que seu pequeno corpo sucumbisse. Suas pragas gritadas na primeira parte da luta haviam mudado para um falatório blasfemo.

<sup>117</sup> Em *The Data of Ethics* (1879), um trabalho posteriormente incorporado em *Os Princípios da Ética* (1892-1893), Spencer argumentou que as pessoas se adaptavam aos seus ambientes ao submeterem-se à vontade do organismo social ou comunidade à qual pertenciam [...].

Susman acredita tratar-se de uma obra conflituosa dos séculos XIX e XX nos Estados Unidos, pois provoca um confronto entre aspectos morais distintos “entre culturas diferentes: a velha cultura puritana, republicana, capitalista e uma nova emergente cultura da abundância e do consumo”

Maggie Johnson de *Maggie: A Girl Of The Streets* é uma adolescente que cresce entre os abusos e a pobreza, nos bairros do Lower East Side em Nova Iorque, especificamente na conhecida Rua Bowery, lugar de famosos teatros, bares e antros de prostituição.

O título do romance deixa evidente o tema. Ela é uma “*girl of the streets*”: indica que a personagem é a mais baixa forma de prostituta: uma “*street walking*”. Maggie trata-se de uma gíria em inglês, comum usada para identificar prostitutas de rua e *A Girl Of The Streets*, indica que é uma garota das ruas, comum, tal como qualquer outra garota moradora dos *tenements*.

A linguagem adotada no romance é a linguagem das ruas, dos guetos, carregada de violência (*go teh hell!, ye damm!*). O mundo degradante é descrito em suas minúcias, por isso Crane é considerado um autor impressionista ao mostrar os detalhes desagradáveis da existência humana, por meio da representação de um mundo caótico, numa paisagem de pesadelo, de histeria e de violência.

Na luta inicial, Jimmie mostra ser valente e destemido e Crane se esmera na descrição dessa briga, em que revela a brutalidade e violência existente nas ruas, lugar preferido pelos imigrantes para realizar suas disputas. É importante ressaltar a violência com que o autor descreve a cena, buscando a expressividade máxima nos adjetivos como “*convulsed faces*” que enfatizam a ferocidade das crianças “endemoniadas”, vista na utilização dos termos cuja força expressiva faz surgir uma cena espetacular representativa da desordem constante nos bairros da classe trabalhadora, (CRANE, 2006, Cap. I, p. 3, tradução nossa):

*Howls of renewed wrath he went up from Devil's Row throats. Tattered gamins on the right made a furious assault on the gravel heap. On their small, convulsed faces there shone the grins of true assassins. As they charged, they threw stones and cursed in sroll me run*<sup>118</sup>.

---

<sup>118</sup> Lamúrios de ira renovada emanaram da garganta da Fila do Diabo. Esfarrapados na direita deram um golpe furioso no monte de cascalho. Em suas pequenas faces convulsionadas brilhava os sorrisos de verdadeiros assassinos. Ao se aproximarem, atiravam pedras e estridentemente amaldiçoavam para eu correr.

Interessa-nos demonstrar o quanto é evidente o clima de desconforto na casa dos Johsons. Tendo pais como os que tinham, as crianças não tinham nenhuma proteção e ficavam subjugados aos maus tratos e a destruição da autoestima. O pai de Jimmie aparece em uma cena violentamente agredindo o garoto e gritando palavras ofensivas, destruindo sua auto-estima, tal como está descrito na cena que se segue (CRANE, 2006, Cap. I, p. 5, tradução nossa): “*Here, you Jim, git up, now, while I belt yer life out, you damned disorderly brat*”<sup>119</sup>.”

Ao descrever o interior da casa da família Johnson, podemos observar semelhante impressão, a de um mundo em destruição e desagradável. Ao destacar o ambiente no lar de Maggie, temos a nítida impressão do caos instaurado pelo ambiente descuidado e inapropriado para Maggie (CRANE, 2006, p.10, tradução nossa): “*The broken furniture, grimey walls, and general disorder and dirt of her home of a sudden appeared before her and began to take a potential aspect*”<sup>120</sup>.

Crane mostra as contradições da juventude das ruas, ao caracterizar Jimmie, por exemplo, irmão da heroína de Crane, Maggie, diferentemente de muitos meninos de rua das ficções anteriores. Jimmie é valente, brigão e violento; estereótipo masculino claramente contrastante com o que Maggie exibe sendo iludida e incapaz de ter uma atitude corajosa. Do mesmo modo que Jimmie, ela difere de outras meninas de rua idealizadas na maioria das publicações da chamada *Slum Fiction*.

A Maggie das ruas nasce e morre no romance para que seja uma heroína que contraste com as ideias anteriormente desenvolvidas sobre como é ser uma menina. Crane adota muitas atitudes reformistas, mostrando a garota sob a luz dos tratados instituídos pela reforma. Ele previne os leitores, por meio de Maggie, sobre um ponto-de-vista de que a virtude oprimida pelo ambiente corrompido e destrutivo pode ser fatal.

Abordamos com mais detalhes o momento da morte de Maggie no Capítulo 3 do presente trabalho, pois sua morte ocorre anonimamente e com o mínimo de detalhes dando espaço a interpretações divergentes, uma vez que há vertentes que interpretam a morte de Maggie como suicídio e outras que ela tenha sido morta por um transeunte. Em *A Cold Case File Reopened: Was Crane's Maggie Murdered or a*

---

<sup>119</sup> Aqui, Jim, levante-se, agora, enquanto eu arrevento com a sua vida, seu fedelho desordeiro maldito”.

<sup>120</sup> A mobília quebrada, paredes sujas e desordem geral e a sujeira em sua casa repentinamente surgiram para ela e tomaram um aspecto potencial”.



*Suicide?* Donald Pizer e Robert M. Dowling (2009, p.36, tradução nossa) argumentam que:

*Maggie Johnson's death in Crane's 1893 Maggie: A Girl of the Streets was for much of the critical history of the novel considered a suicide. More recently, however, a number of Crane critics, including Stanley Wertheim, Keith Gandal, and Paul Sorrentino have accepted the premise that Maggie may have been murdered by the huge fat man she encounters at the edge of the East River*<sup>121</sup>.

Donald Pizer (1984, Apud: SCHÄTZLE, 2000, p.77, tradução nossa), conhecido crítico de Crane, faz comentários pertinentes sobre o final trágico de Maggie, tal como segue:

*Perhaps, then, Maggie can be best discussed by assuming from the first that Crane's fictional techniques imply that the theme of the novel is somewhat more complex than the truism that young girls in the slums are more apt to go bad than young girls elsewhere*<sup>122</sup>.

Parece ser óbvia a influência do naturalismo na construção da personagem Maggie, tais como os efeitos provocados pelo meio-ambiente e pela condição social, porém segundo Schätzle, ela aparece intocada pelo meio ambiente, o que deixa claro a ironia contida na obra. Segundo ela, todos os diálogos construídos a partir das falas dos personagens carregam a ironia de Crane e constamos ser uma das suas mais promissoras características.

Diferentemente de Nana de *L' Assomoir*, viciada em álcool “*dans le vice comme un poisson dans l'eau*”<sup>123</sup>, Maggie é pura (CRANE, 2006, Cap. V p.18, tradução nossa) “[...] *none of the dirt of Rum Alley seemed to be in her veins*”<sup>124</sup>. É intocada pelo ambiente degradante. Crane a apresenta com apenas cinco diálogos, tão insignificante era a heroína para o mundo.

---

<sup>121</sup> A morte de Maggie Johnson em *Maggie: A Girl Of The Street* de Crane de 1893 foi para a maioria dos críticos considerada um suicídio. Mais recentemente, entretanto, um número de críticos de Crane, incluindo Stanley Wertheim, Keith Gandal e Paul Sorrentino, têm aceitado a premissa que Maggie pode ter sido assassinada pelo enorme homem gordo que ela encontra na margem do East River.

<sup>122</sup> Talvez, então, Maggie possa ser melhor discutida ao se pressupor que as técnicas ficcionais de Crane implicam que o tema do romance é algo mais complexo do que a crença em que jovens garotas dos cortços são mais aptas a se corromperem que garotas de qualquer outro lugar.

<sup>123</sup> No vício como um peixe dento d'água

<sup>124</sup> “[...] nada da sujeira do Beco do Rum parecia estar em suas veias”.

Apesar da heroína do romance crescer em Rum Alley, sua mãe, Mary Johson é viciada em álcool e seu irmão Jimmy um valentão. Leva uma vida miserável em casa e no trabalho em uma pequena confecção de roupas. Deslumbra-se com Pete, um balconista de bar que a seduz, depois repentinamente a abandona. Rejeitada pela família começa a se prostituir. Em uma noite que vê Pete se divertindo com outras prostitutas, se suicida.

Ao representar Maggie, Crane deixa clara a ideia da atuação forte do meio ambiente na definição do destino das pessoas, ao escrever (CRANE, 2006, Cap V, p.18, tradução nossa) *“The girl Maggie, blossomed in a mud puddle. She grew to be a most rare and wonderful production of a tenement district, a pretty girl”*<sup>125</sup>. Podemos inferir que Maggie encarna a pureza, a inocência contra o que é estranho; a beleza contra o grotesco, pois ela é: *“The beautiful little daughter of the tenements”*<sup>126</sup>.

Evidentemente, o que diferencia a personagem de Crane das anteriores é a resistência em caracterizar a heroína como uma menina sofrida, resignada, que trava longos embates para se manter pura e casta até sucumbir, inevitavelmente, às investidas de um implacável sedutor, normalmente de origem mais privilegiada socialmente.

Parece ser uma visão benevolente da pobreza, provenientes de narradores pertencentes à classe média, desenhando a pobreza com olhos de repórter, tal como no romance de Fawcett, onde a heroína, Cora Strang apenas deixa-se seduzir após uma sufocante e longa batalha – dela mesma e com o seu algoz, Casper Drummond – a fim de manter-se casta. Frustrada, após ser abandonada por Casper, termina como a maioria das heroínas das *slum fiction*, como uma típica prostituta, assassinada no final.

Maggie é frágil diante do destino que persegue, parece não possuir habilidade suficiente para sobreviver entre os seus e na cidade que a comanda e a leva fatalmente a se aproximar do rio, lugar que muitas vezes aparece como símbolo da morte, já que o rio era procurado pelas mulheres para cometerem suicídio ou pelos homens “justiceiros” para matar as mulheres prostitutas no século XIX.

---

<sup>125</sup> A garota, Maggie, floresceu em uma poça de lama. Ela cresceu para ser a mais rara e maravilhosa produção de um distrito habitacional, uma garota bonita.

<sup>126</sup> A pequena e bela filha dos cortiços.

Kowalewiski (1993, p.105, tradução nossa) afirma que para perceber a violência em Crane devemos *"listen to his writing take shape"*<sup>127</sup>, ouvir os efeitos sonoros da linguagem do autor naturalista. A escrita consiste em sentenças curtas, cujos pensamentos são condensados, em um ritmo impaciente que interrompe abruptamente e acrescenta: *"Scenes of violence in his fiction provide some of the most valuable occasions for suggesting just how freshly unsatisfied and stylistically mercurial his work is"*<sup>128</sup>.

São selvagens em busca de sangue, transfigurados pelo ódio, os personagens assumem imagens demoníacas na história *"Jimmie's 'crimson' oaths, and his features that 'wore the look of a tiny, insane demon"*<sup>129</sup>. Essa ideia representa muito bem uma visão nativista do personagem em que sua ascendência irlandesa o rebaixa em relação aos americanos nativistas. Os imigrantes são considerados desordeiros e violentos pelos nativistas, grupo pertencente à elite americana, ideias com as quais Crane está em concordância.

A face de Mary, a mãe alcoólatra, é constantemente descrita como *"lurid"* ou *"crimson"*, enrubecida pela raiva; utiliza sempre o refrão: *"damn 'is soul"* ou *"go teh hell"*<sup>130</sup>. Podemos reconhecer o comportamento agressivo da mãe de Maggie, o que denuncia as pressões psicológicas e seus efeitos aterrorizantes nas crianças. Do mesmo modo, é uma personagem feminina representativa de muitas mulheres imigrantes, que por causa da sua raça, da sua classe e de sua condição de mulher, é mostrada ao leitor como um monstro, uma aberração que contraria a natureza da mãe.

A crueldade de seus pais faz com que cresçam como foram moldados pela violência que sofreram indicando uma espécie de sina destinada aos que seguem o movimento cíclico desde o seu nascimento. A todo o momento os pais de Maggie e Jimmie amaldiçoam os seus nascimentos proferindo palavras agressivas que comprovam essa ideia ao gritar: *"go teh hell"*.

---

<sup>127</sup> Ouvir sua escrita tomar forma.

<sup>128</sup> As cenas de violência em sua obra providenciam algumas das mais valorosas ocasiões para sugerir o quanto demonstra insatisfação e o quanto esteticamente vivo seu trabalho é.

<sup>129</sup> Jimmie enrubecido possuía traços exangues que lembravam os de um minúsculo demônio insano.

<sup>130</sup> "Amaldiçoe esta alma" e "Vá para o inferno"

Crane indica no romance que ninguém poderá escapar do destino preservado para aqueles que viviam na Bowery, um lugar cuja força na vida das personagens age de forma impossível de se lutar contra. Na visão do autor, a rua Bowery propicia a existência de Mary, Maggie e Jimmie e podemos observar na leitura que o livro *Maggie: A Girl Of The Streets* conta, na verdade, a história de Nova York.

No capítulo seguinte, vemos como a visão do século XIX, ao apontar os infortúnios experimentados pelas mulheres de classe baixa, deixa claro o quanto elas foram subjugadas aos desmandos e proibições masculinas, expressando as ideias misóginas sobre o comportamento, desejo e escolhas realizadas pelas mulheres.

Charles Loring Brance possui especial simpatia pelos garotos de ruas “*street-boys*”, porém seus sentimentos em relação às garotas de rua eram diferentes. Ele acredita que os garotos têm uma vida divertida nas ruas, ao contrário das garotas. Gandal diz que de acordo com Brance, o qual parece possuir especial simpatia pelos personagens masculinos diz que (GANDAL, 1993, p.706, tradução nossa):

*[...] slum boys characters could be redeemed with a change of environment and refined influences, but girls, in losing their purity experienced a deeper fall, from which they could never recover [...] For the fallen slum girl, redemption can only come in marriage or suicide<sup>131</sup>.*

É importante observar como se dá a diferença da construção do caráter dos personagens Jimmie e da menina Maggie, os quais seguem caminhos antagônicos em relação à sua transformação no romance e acentuam as diferenças das experiências masculinas e femininas nas áreas pobres de Nova York. Enquanto Jimmie desenvolve algum senso de superioridade, Maggie caminha em direção à perda total da autoestima.

Sendo assim, faz-se necessário confrontar os relacionamentos da personagem Maggie com outros tipos presentes no romance, fundamentando nossos argumentos nas proposições teóricas da crítica feminista, realizando uma

---

<sup>131</sup> As personagens dos garotos pobres poderiam ser redimidas com uma mudança de ambiente e influências refinadas, mas garotas, perdendo sua pureza numa queda mais profunda, da qual elas nunca poderiam se recuperar [...] Para a garota perdida, favelada, a redenção poderia apenas vir com o casamento ou com o suicídio.

leitura feminina da existência de Maggie e de outras personagens prostitutas no romance de Crane. É por meio da representação das relações entre as personagens femininas de *Maggie: A Girl Of The Streets* que o autor revela as contradições da existência de padrões femininos de comportamento, ligados à construção da identidade da mulher imigrante e dos problemas que sua condição inferior acarreta. Buscamos pautar nossas reflexões acerca da constituição do feminino em Maggie, tendo em vista os conceitos teóricos de análise da personagem feminina que a Crítica Feminista propõe para que se realize uma interpretação segundo a ótica feminina de leitura. Sendo assim, no capítulo seguinte, tratamos exatamente desse assunto.

## **CAPÍTULO 2**

### ***A RAGGED GIRL: UMA LEITURA FEMINISTA DE MAGGIE E OUTROS PERSONAGENS***

“Ó monstros do martírio, ó sombras virginais!  
Almas a desprezar a pobre realidade,  
Com sexo e devoção, o infinito buscais,  
Estrangulada a voz de lamento e saudade, [...]”.

Charles Baudelaire

## 2.1 A *Fallen Woman*: fragilidade e ruína de uma personagem

A fragilidade feminina ante às artimanhas masculinas providenciou a matéria prima para a primeira geração de escritores americanos, que, repetidas vezes, incluíram histórias em que a personagem feminina é arruinada, por se apaixonar e ser seduzida, sendo que a sua morte vergonhosa, no final, foi inevitável. Eles apontam em seus romances a fraqueza da virtude da mulher e a incapacidade de se manter imaculada sexualmente, tendo como consequência, o subsequente sofrimento, o que aponta para uma ideologia em que os valores relacionados à castidade da mulher são privilegiados.

Uma vez que a personagem perde sua castidade, ela invariavelmente encontra a desonra e a morte, a menos que assuma publicamente sua vergonha, cometendo suicídio ou se redimindo em um casamento, segundo Gandal. O último caso é de nosso interesse desde que conhecemos o final trágico experimentado por Maggie Johnson, de Crane.

Segundo Margaret Wyman (1951, p.168): “*The seduction novel won sanction in a moralistic America by a strict balancing of sin and retribution that left no room for the personal salvation of the sinner*”<sup>132</sup>.

No século XIX a mulher pecadora era tipicamente uma garota do interior perdida na cidade selvagem ou vivendo como moradora dos cortiços. Uma vez seduzida, essa garota sempre atua, voluntariamente ou pressionada por sua *condição desfavorável, como profissional da prostituição*. Os romancistas desse período, movidos pela preocupação com a vida nos *tenements* e com a proliferação dos vícios na grande cidade, focalizaram e refletiram sobre os piores males da urbanização e industrialização.

Nick Roberts (1998, p.266), em *As Prostitutas na História* ressalta que:

[...] o comércio do sexo encobria aquele da família. Desse modo, o comércio do sexo e a família tornaram-se dois pilares da moralidade vitoriana – mundos separados ligados, como sempre, pelo grande

---

<sup>132</sup> O romance considerado um romance de sedução ganhou sanções em uma moralista América, pela estrita consideração de sina e retribuição as quais não davam chance para que houvesse salvação pessoal para as pecadoras.



padrão masculino. A dualidade dos homens vitorianos estava firmemente estabelecida, opondo a pura Madona à prostituta-santa Madalena. O que deu suporte a esta divisão das mulheres foi outra grande divisão da sociedade do século XIX: a classe [...] a classe média desenvolveu um medo e uma aversão profundos da classe trabalhadora [...] “a classe perigosa”: plebe ameaçadora, sem leis e amoral do *Untermenschen*; os homens dentro dela eram criminosos e as mulheres prostitutas. Isto inconvenientemente tornava as mulheres da classe trabalhadora, por sua própria natureza, imorais.

Consideramos as personagens femininas em *Maggie: A Girl Of The Streets* relevantes, ao pensarmos que foram representadas de modo que são evidenciadas, por meio da construção do discurso, as distinções de gênero e de raça. *Maggie* tornou-se um exemplar fecundo ao revelar que a presença da figura feminina segue uma determinada construção correspondente às ideologias correntes no século XIX e demonstram um modo particular do autor em representar a personagem prostituta na literatura.

Há uma parte da crítica que focaliza, com especial interesse, na obra de Stephen Crane, os aspectos que norteiam as relações de gênero, pertencentes à cultura da classe pobre, emergente na virada do século XIX, nos Estados Unidos. Interessou-nos a vertente da crítica, em que a representação da mulher na literatura é abordada, para então, comentarmos e refletirmos sobre a condição feminina, nesse período, destacando pontos em que a caracterização das personagens estivesse representada em três personagens marcantes de *Maggie*, as quais materializam a mentalidade e os conceitos sobre a sexualidade feminina.

Foi relevante atentar para as propostas presentes nos estudos realizados por Gayle Rubin, que procurou desenvolver uma teoria que respondesse aos questionamentos sobre a opressão das mulheres. Em *O Tráfico de Mulheres*, Gayle Rubin (1975, p.1) considera existir um “sistema de sexo/gênero” o qual declara ser “um conjunto de arranjos através dos quais uma sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da atividade humana, e na qual estas necessidades sexuais transformadas são satisfeitas”.

As ações da personagem são manipuladas, permitindo identificar traços da figura da marionete, ou “autômato”, uma boneca guiada que segundo Mireille Dottin-Orsini (1996, p. 88), assume o significado de objeto desejado pelo homem desde

sempre, sendo que este objeto é guiado pelas demandas e interesses – geralmente sexuais – masculinos.

De acordo com Mariani, a obra de Crane está impregnada de ironia e por meio dela o autor apresenta as personagens em situações espetaculares, beirando ao melodrama. Mariani (1992, p.26) observa que a queda de Maggie não se deu porque “*environment is a tremendous thing*”, mas porque Crane quis e decidiu que seria assim ao apresentar as situações em que as personagens femininas são manipuladas não pelo ambiente em que vivem, mas por que o autor decide.

Analisando a representação da mulher na arte, Rubin acredita que, apesar do passar do tempo, há uma insistência em manter conceitos que fazem do ser feminino um fantoche submetido aos desejos sexuais masculinos.

Ela cita como exemplos, as representações femininas das bonecas de cera dos museus do século XVIII, também, as estátuas obscenas encontradas entre as esculturas conhecidas em vários lugares do mundo e prossegue dizendo que tais objetos materializam a dificuldade e recusa da sexualidade feminina. O corpo da mulher envolve questões contraditórias em que os extremos suscitam reações de medo e repulsa, e ao mesmo tempo há a impossibilidade de se desvincular dele, tendo como último recurso a morte do objeto, sendo assim, diz Rubin que (1975, p. 94):

Ao mesmo tempo sintomas e remédios, esses objetos materializavam, de um lado, a recusa ou a repulsa do feminino e, de outro, a impossibilidade de renunciar a ele. Falavam de maneiras mil, que a realidade física da mulher não podia ser aceita. Tinham como objetivo evitar ao homem os engodos femininos, mas só conseguiam refletir as múltiplas imagens do medo e só podiam saciar impunemente os desejos de homicídio.

Percebemos que há três tipos distintos de personagens femininas que se relacionam no romance. Primeiramente comentamos as características da heroína Maggie, presentes na figura da garota silenciosa, tímida e ingênua, que passou pelo mundo sem ser notada (CRANE, 2006, Cap.XIV, p.51, tradução nossa), “*no one took notice for her*”<sup>133</sup>.

---

<sup>133</sup> Ninguém a notava.

Observamos atentamente a representação da mãe de Maggie, Mary Johnson, personagem feminina apontada pela crítica como a figura representativa do modelo de anti-mãe, a “mãe-monstro”, alcoólatra e degenerada a qual representa a antítese do modelo ideal de maternidade construído pela sociedade. Apesar de Mary ser o algoz feminino de Maggie, revela, em uma leitura mais detalhada, tratar-se na verdade do início do ciclo de degradação do qual Maggie participa, desde o começo do romance.

Chamou-nos a atenção, do mesmo modo, a rival de Maggie, Nelly ou Nell, a “mulher fatal”, – *“the woman of the brilliance and audacity”*<sup>134</sup>, uma prostituta bem sucedida, por quem supostamente Maggie foi trocada. (CRANE, 2006, Cap.XIV, p.52) e que nos revela,, ao observarmos a relação entre as duas, a baixa autoestima da personagem protagonista que, desde o início do romance, sofre mutilações na percepção que tem de si mesma, causadas por seu olhar romântico sobre a realidade.

Apesar de todos fazerem parte da mesma classe social, parecem, ao olhar de Maggie, que há estratificações e hierarquias sociais dentro da mesma classe social. Ela se posiciona como observadora de sua própria situação, porém com a visão encoberta pelo véu, ou pela constante fumaça presente nos ambientes freqüentados por ela, que a mantém fiel à perspectiva romântica da realidade, cuja visão é utópica.

Ressaltamos a necessidade que tivemos de confrontar a personagem escolhida, para que reconhecêssemos a perspectiva masculina sobre o conceito de feminilidade, em suas categorizações. Para este fim, tornou-se necessário verificar o material ideológico presente na relação entre as personagens, muito influentes no destino experimentado pela heroína da história, desenhada a partir da imagem que o autor possuía da mulher da classe pobre do século XIX, em Nova York, em que tenta teorizá-la e defini-la, demonstrando uma visão particular do mundo feminino.

Pensamos que, apesar de haver uma crítica inserida na obra do autor naturalista ao descrever as condições de vida da mulher do século XIX, também expõe a perspectiva masculina de representação feminina cujos traços de uma ideologia patriarcal estão evidentes, porém podemos notar que justaposto aos conceitos patriarcais sobre a feminilidade e sobre o papel da mulher na sociedade,

---

<sup>134</sup> A mulher iluminada e audaciosa.

há o aspecto irônico de Crane, característica fundamental do autor nesse romance, conferindo peculiaridades à sua visão da mulher por meio de Maggie.

Gostaríamos de enfatizar que para realizar a leitura aqui pretendida focalizamos os pontos centrais da crítica feminista, obtendo o auxílio da teoria desenvolvida por esta na leitura da romance e, ainda, apontamos o quão importante esses conhecimentos adquiridos pela realização dessa leitura possibilitou mostrar os aspectos relacionados ao gênero na literatura e na sociedade.

Foi pertinente realizar, primeiramente, a distinção entre os termos “literatura, gênero literário e gênero ligado ao sexo”, para uma melhor sistematização do tema aqui abordado, bem como esclarecer a teoria feminista de análise literária e representação da personagem feminina na literatura.

A crítica feminista, de acordo com Kate Millet (1970 apud. ZOLIN, p. 217) em *Sexual Politics*, é uma vertente da crítica literária que tem assumido o papel de questionadora da prática acadêmica patriarcal e comprova que há diferenças entre a experiência da mulher como leitora e escritora e a experiência masculina. Essa confirmação provocou mudanças significativas no meio intelectual, ao quebrar paradigmas e ao descobrir novas perspectivas críticas que auxiliaram na interpretação que realizamos do papel legado à mulher do século XIX cuja repercussão é sentida até os dias atuais.

O tema da prostituição das personagens, segundo a crítica feminista que instaura na crítica literária uma nova maneira de ler e interpretar a literatura, a qual, segundo Zolin, “fez perceber que o estereótipo feminino negativo, largamente difundido na literatura e no cinema, constitui-se num considerável obstáculo na luta pelos direitos da mulher” e diz (ZOLIN, 2009, p.217-18):

Trata-se de um modo de ler a literatura confessadamente empenhada, voltando para a desconstrução do caráter discriminatório das ideologias de gênero, construídas, ao longo do tempo, pela cultura. Ler, portanto, um texto literário tomando como instrumentos os conceitos operatórios fornecidos pela crítica feminista, implica investigar o modo pelo qual tal texto está marcado pela diferença de gênero, num processo de desnudamento que visa despertar o senso crítico e promover mudanças de mentalidades [...]

Buscamos exemplificar as divergências conceituais dos termos em pauta por meio da orientação teórica de Lizbeth Goodman (1996, p. vii) ao afirmar que a

literatura pode ser definida como um conjunto de escrituras criativas entre as quais incluímos os textos poéticos, os romances, contos, textos dramáticos, entre outros. Sabemos que o termo “gênero” é utilizado para distinguir textos o que nos leva a pensar que a literatura é uma forma criativa, a qual, por meio da linguagem, sugere imagens e ideias, incitando a imaginação do leitor.

No romance, o narrador e os personagens permitem ao leitor adentrar o mundo ficcional, havendo a identificação dos leitores com as histórias e personagens. Então, podemos concluir que o gênero literário utiliza a interpretação e a imaginação como tema principal de suas reflexões. Concordamos com Goodman (1996, p. vii, tradução nossa) ao afirmar que: *“Imaginations and interpretation are also central to discussion of literature and gender in a more specific sense”*<sup>135</sup>.

Por sua vez, o termo gênero ou “gender” faz referência às maneiras de enxergar e representar as pessoas orientadas pela diferença de sexo; entre o gênero feminino e o masculino. Apesar de a palavra sexo estar ligada a uma categoria biológica, dividida em macho e fêmea, o termo “Gender” é definido pela autora (GOODMAN, 1996, p.vii, tradução nossa) como: *[...] a social or cultural category, influenced by stereotypes about ‘female’ and ‘male’ behaviour that exist in our attitudes and beliefs. Such beliefs are often said to be ‘culturally produced’ or ‘constructed’*<sup>136</sup>.

Acrescenta (GOODMAN, 1996, p. viii, tradução nossa) ainda a ideia de que: *While the designations ‘female’ and ‘male’ are sex categories, the imaginative ideas associated with differences include a range of cultural and individualized ideas about gender*<sup>137</sup>. Ela afirma que há preconceitos incutidos nas concepções sobre a mulher ser menos capaz que o homem, os quais perpetuam ideias como a de que a mulher dirige pior que o homem ou que meninos não choram.

Do mesmo modo são observadas as diferenças de imagens relacionadas aos gêneros como a cor rosa, referente ao mundo das mulheres e a cor azul, ao mundo masculino. Outras ideias distintivas e preconceituosas podem ser notadas na cultura

---

<sup>135</sup> A imaginação e a interpretação são sempre centrais nas discussões de literatura e gênero em um sentido mais específico.

<sup>136</sup> Uma categoria social ou cultural, influenciada por estereótipos sobre “fêmea” e “macho” e o comportamento masculino que existem em nossas atitudes e crenças. Tais crenças são frequentemente ditas para ser culturalmente produzidas ou construídas.

<sup>137</sup> Enquanto as designações “fêmea” e “macho” são categorias sexuais, as ideias imaginativas associadas às diferenças incluem uma disputa entre ideias culturais e individualizadas sobre os gêneros.

como o fato de meninos ganharem carrinhos e caminhões e meninas ganharem bonecas como presentes, entre outras tantas.

Goodman (1996, p.viii) declara que são igualmente pontuais as distinções no mundo do trabalho feitas entre os cargos ocupados por homens e por mulheres. É notável a existência de número maior de homens em cargos superiores e com melhores salários. Nota-se que o mesmo não ocorre com as mulheres que ganham salários menores. Segundo ela, ao ler um texto sob a ótica dos gêneros (GOODMAN, 1996, p. viii, tradução nossa), *“gender on the agenda”* podemos ver aspectos antes obscuros: *“But once you get used to paying attention to gender in literature, it’s a bit like wearing a new pair of glasses: suddenly you notice all kinds of things you hadn’t noticed before”*<sup>138</sup>.

Ler um texto com *“gender on the agenda”* significa visualizar o que está escondido. É necessário estar envolvido no processo de imaginação e interpretação, sendo muito relevante ao olharmos para o texto almejando saber o que está por trás das escrituras, considerando o contexto e sua relevância na sociedade, bem como na literatura.

Sobre a contribuição da crítica feminista para a realização da leitura e interpretação do texto considerando as caracterizações segundo a divisão de gênero, observamos o que diz Sandra Gilbert (1986, p. 27) sobre o objetivo maior da crítica feminista que é: “decodificar e desmistificar todas as conexões entre textualidade e a sexualidade, gênero literário e gênero, identidade psicosssexual e autoridade cultural”.

Colaborando ainda mais com nossa proposição nessa pesquisa, Gilbert (1986, p. 29) acrescenta o seguinte argumento, afirmando que a crítica feminista precisa “encontrar seu próprio assunto, seu próprio sistema, sua própria teoria, e sua própria voz”.

Sabemos que a crítica literária se valeu de conceitos particularmente fundamentados na perspectiva masculina de interpretação do texto literário, estabelecendo o que Gilbert (1986, p.28) chama de “teoria crítica masculina” fundamentada inteiramente na experiência masculina de pensar a arte literária, a qual é tomada como verdade universal. Então, cabe a nós demonstrar outros

---

<sup>138</sup> Mas uma vez que você se acostuma em prestar atenção ao gênero na literatura, é como se você estivesse usando um par de óculos novo: de repente você percebe todos os tipos de coisas que você não tinha notado antes.

caminhos possíveis de interpretação, fundamentados na perspectiva feminina de ler textos literários. Reiterando as nossas reflexões e as de Gilbert, Lúcia Zolin (2001, p. 20) estabelece o seguinte:

[...] a história da cultura ocidental se consolidou segundo a tradição do saber masculino. Em função disso, é comum encontrar entre as obras da literatura imagens de mulher estereotipadas segundo o modelo da sociedade patriarcal, caracterizadas pela submissão, pela resignação, pela espera, pelo sofrimento, pela saudade etc. Segundo a crítica feminista, é, sobretudo, a literatura de autoria masculina que tem, ao longo do tempo, representado o emparedamento da mulher nesse silêncio.

No Brasil é interessante notar o que diz José R. Neres Costa (2002, p.1) em *O Maranhão* a respeito dos estudos realizados sobre a condição de inferioridade da mulher nas obras literárias do século XIX, que demonstram que o destino das personagens femininas é determinado por uma ideologia predominante da época o que leva as personagens femininas à morte ou à degradação moral.

O que é dado ao conhecimento do leitor nos romances naturalistas passa pelo filtro do olhar do narrador, do sexo masculino. Nesse sentido, consideramos ser significativo o que diz Costa (2002, p.3) ao notar que:

[...] durante o desenrolar das narrativas podemos notar que a mulher vai encaminhando-se para dois destinos limítrofes: morte e/ou degradação social, tendo homem e sociedade como seus inexoráveis algozes [...]. No caso da mulher naturalista, ter o seu nome no título leva a personagem mais à condição de vítima ou vilã que à de heroína.

As argumentações de Goodman (1996, p.26) são pertinentes ao lembrar que o uso da linguagem dos gêneros na literatura, em que algumas palavras assumem características implícitas relacionadas às questões de gênero, mesmo na língua inglesa que parece neutra, porém faz a distinção entre as marcas femininas de passividade e masculinas ligadas a atitudes ativas. Podemos exemplificar sua proposta na seguinte passagem:

*In the English language, words which are assumed to be neutral are implicitly gendered. In some cases the implicit becomes explicit, as when Humpt Dumpt asserts his right to 'master' language. This*

*gendering of the language reveals an assumption of passivity in the feminine and of activity in the masculine.*<sup>139</sup>

Fundamentando ainda mais nosso trabalho, utilizamos os conceitos a respeito da crítica feminista de Elaine Showalter (1994, p.47) ao declarar que: “um modelo da situação cultural das mulheres é crucial para que se compreenda tanto como são percebidas pelo grupo dominante quanto como se percebem a si mesmas e aos outros” e acrescenta que “toda linguagem é a linguagem da ordem dominante, e as mulheres, se falarem, devem falar através dela”.

Interessou avaliar com quais características os comportamentos das heroínas são desenhados; se estão em conformidade com os parâmetros instituídos pela sociedade patriarcal, no que diz respeito às categorias de: mulher sujeito, identificada por Zolin (2009, p.219) como aquela “marcada pela insubordinação aos referidos paradigmas, por seu poder de decisão, dominação e imposição” e a mulher-objeto definida pela dependência, pela resignação e pela ausência de voz.

Foi necessário, então, demonstrar por meio das novas concepções sobre a feminilidade como as mulheres eram percebidas no século XIX nos Estados Unidos pelos escritores do momento. Damos especial destaque para o papel de mulher trabalhadora e independente a qual assume funções específicas na sociedade e se distingue visivelmente do lugar central ocupado pelas mulheres na vida doméstica.

Focalizamos, no tópico seguinte, o aparecimento da personagem prostituta na *tenement fiction* americana a fim de demonstrar a recusa e a inabilidade dos escritores masculinos em lidar com o assunto da sexualidade feminina em seus escritos. Ao representar a personagem pobre e prostituta na literatura do século XIX, os autores se preocupam excessivamente com as questões que abarcam a existência da mulher em situações extremas de ruína e pecado, reiterando os conceitos puritanos e da classe média na construção dos valores referentes ao mundo sexual feminino.

---

<sup>139</sup> Na Língua Inglesa, palavras consideradas neutras têm implícitas divisões de gênero. Em alguns casos o implícito se torna explícito, como quando Humpty Dumpty (personagem que possuía uma rima enigmática – *nursery rhyme* – aparece em *Alice:através do espelho*, de Lewis Carroll) afirma seu direito de apossar-se da língua. Essa diferença de gênero presente na linguagem revela uma suposição de passividade no feminino e da atividade no masculino.



## 2.2 O Mal Social: as personagens prostitutas na *tenement fiction*

Após a Guerra Civil, em meados dos anos 1880 até a Segunda Guerra Mundial os americanos se empenharam em realizar a idealizada Reforma Social, centralizando suas preocupações no alarmante aumento de prostitutas nas ruas das cidades americanas e procuraram debater as causas, efeitos e regulamentação do que acreditavam ser o “Grande Mal Social”.

Na literatura do século XIX muitos escritores, antecessores de Stephen Crane, recusaram-se a tratar do assunto da prostituição de forma realista e séria. Quando a personagem prostituta apareceu nos primeiros trabalhos costumava ter papéis secundários, demonstrando a inabilidade dos autores em lidar com a sexualidade feminina, exposta pela presença de figura emblemática.

Laura Hapke (1989) define como exemplo dessa literatura despreziosa, distante da realidade, Charles Brockden Brown, que timidamente faz referência em sua obra a um bordel, evitando aprofundar-se na representação de personagens prostitutas. Do mesmo modo, Hapke cita William Hill Brown o qual faz uma menção breve sobre a existência delas em seus escritos.

Apenas no final do século XIX escritores como Joaquim Miller, Stephen Crane, Harold Frederic, Reginald Wright Kauffman e David Graham Philips deram à prostituta a posição de protagonista em seus textos, a qual ocupou o espaço da heroína romântica. As estratégias textuais e a luta contra as regras literárias estabelecidas anteriormente, deram destaque aos estudos sobre a literatura que representava a prostituta e aos assuntos que abordavam essa mesma temática.

Os autores da chamada “*Progressive Generation*” destacaram a personagem prostituta dando-lhe posição central na história, chamando a atenção da classe média para o problema da vida nas áreas pobres das grandes cidades. Suas estratégias textuais visavam contestar a tradição literária precedente, porém deixam em evidência a relutante inaptidão em discutir o universo da sexualidade da mulher. Sobre os autores que precedem à representação mais realista da prostituta, Hapke declara (2004, p.2, tradução nossa): “[...] *they made the prostitute the subject of*

*serious literary attention: a woman constantly threatened by entrapment, economic exploitation, and her own naiveté and vulnerability*<sup>140</sup>.

Num primeiro momento, as personagens são apresentadas como garotas inocentes, românticas, e que buscam a independência, mas sendo construídas como incapazes, sucumbem às pressões sociais, tornando-se prostitutas. A solução se dá quando estas morrem no final da história, recebendo uma espécie de perdão. Em *Maggie* percebemos essa ocorrência e a repetição do modelo anteriormente proposto de caracterização de personagem feminina.

O que torna Crane um autor inovador quanto ao estilo e quanto à representação da mulher da classe operária pobre, é que o desfecho trágico da heroína poderia ser uma demonstração de estratégias textuais refinadas que revelam, mais uma vez a ironia de Crane, marca especial do autor, utilizada para revelar os contrastes morais e culturais existentes entre as duas classes, a média e a baixa.

A morte das personagens no final, causada pelas transgressões comportamentais adotadas por elas e que as faz sucumbir ao julgamento moral da sociedade, é ocasionada como uma espécie de redenção e conseqüente perdão, demonstrado nessa passagem retirada do longo romance *The Evil That Men Do*, em que Cora Strang é morta e onde isso está claro (FAWCETT, 2010, p.339, tradução nossa):

*Next morning, in the chill of the winter dawn, two workmen found them lying side by side. Owen's face was buried from sight. One of his arms had fallen across Cora's throat, so concealing her wound, and by some accident there was no bloody disfigurement of her features, which looked almost as placid as though she slept, and to which death had given back much of her native beauty in tender resuscitation.*<sup>141</sup>

---

<sup>140</sup> Eles fizeram da prostituta um tema que atraiu séria atenção na literatura: uma mulher constantemente atraída, economicamente explorada e por sua própria ingenuidade e vulnerabilidade.

<sup>141</sup> Na manhã seguinte, no frio da madrugada de inverno, dois trabalhadores os encontraram deitados lado a lado. A face de Owen estava enterrada. Um de seus braços estava estendido atravessado na garganta de Cora, ocultando seu ferimento, e por alguma razão não havia marcas de sangue nem desfiguramento, dando-lhe aspecto plácido como se ela estivesse dormindo, e para quem a morte tinha devolvido a maior parte de sua beleza natural em branda ressurreição.

É muito importante ressaltar o estudo que Laura Hapke (2004) faz sobre as personagens prostitutas e as obras naturalistas. Nesse estudo, além de relacionar os autores que abordam o assunto da prostituição em suas obras, também ressalta que poucas escritoras trataram do tema da prostituição em seus romances e cita Louisa May Alcott com a publicação de *Work: a history of experience* (1873) e Harriet Beecher Stowe na obra *We and our neighbors* (1875), porém as personagens prostitutas que aparecem são personagens menores e construídas envoltas em tabus referentes ao controverso problema da prostituição, relacionado à falta de orientação religiosa presente nas grandes cidades industriais.

Elas tentam chamar a atenção da sociedade para os problemas enfrentados pelas prostitutas. Outra personagem que merece ser mencionada é a sulista, prostituta e proprietária de bordel, Belle Watling, em *Gone With The Wind* (1936), de Margareth Mitchell.

Nem mesmo as escritoras mulheres estavam dispostas a explorar com profundidade o assunto da prostituição e a representação da sexualidade feminina presente nela, cuja complexidade também as amedrontava. Hapke acrescenta que as autoras se recusam a matar as personagens no final, sendo condescendentes com a situação.

As circunstâncias desfavoráveis em que se encontram as mulheres as penaliza, retratando-as com certa compaixão, pois consideram que os fatores que as motivaram à queda têm suas raízes na pouca assistência social. Elas revelam em suas escrituras e em suas personagens femininas um distanciamento da realidade e chamam a atenção para a indiferença da classe média com os problemas enfrentados pela mulher da classe pobre, como se segue, nas argumentações feitas por Hapke (2004, p.3, tradução nossa):

*Stowe and Alcott were unwilling to be hemmed in by the taboos surrounding such a controversial subject as the prostitute. They refused to kill off their fallen characters and provided compassionate portraits of these women's largely unsuccessful attempts to win social acceptance. Yet Stowe's Maggie and Alcott's Rachel are minors characters, and most other female novelists did not provide further lessons on urban indifference to the prostitute<sup>142</sup>.*

---

<sup>142</sup> Stowe and Alcott não estavam dispostas a se envolver em tabus que circundavam tão controverso assunto como era o da prostituta. Elas recusaram matar suas personagens prostitutas e forneceram retratos compassivos destas, tentativas amplamente malsucedidas da mulher em ganhar aceitação social. Ainda, Maggie de Stowe e Rachel de Alcott são

Em *The Bitch is Back: wicked woman in literature* (2001), Sarah Appleton Aguiar fez uma leitura das personagens prostitutas e seus estereótipos difundidos na literatura e observa que da palavra “*bitch*”, ou “puta” emana significados que provocam sensações aterrorizantes e que por detrás do termo existe uma vibrante complexidade que vai além do estereótipo da mulher que anda por caminhos desviados, entregando-se à luxúria, desobediente, cujo comportamento é inconveniente.

Na leitura de Aguiar (2009) as personagens femininas são vistas por uma perspectiva feminista e Junguiana, cujas explanações teóricas estão fundamentadas em feministas como a psicanalista americana Ann Belford Ulanov e Roberta K. Rigsby, escritora de *Love to Survive: Sexual Terror, Men’s Violence and Women’s Lives*. Ela diz que a prostituta é uma mulher negativamente possuída por seu “*animus*”<sup>143</sup>, ou seja “*a female overpowered by her unconscious male drive*”<sup>144</sup> (2009,p.141) e afirma que o homem criou a prostituta dizendo: “*Just as males need to recognize, develop and integrate their societally marked female aspects of their personalities, so females must accept and incorporate qualities gender-code as male*”<sup>145</sup> (2009, p.141).

Aguiar analisa personagens femininas contrastando as perspectivas tradicionais de análise e o feminismo Junguiano, ao escolher as prostitutas Miss Havisham, de Charles Dickens em *Great Expectations* (1861), a sinistra personagem de *The Portrait of a Lady* (1881) Serena Merle, de Henry James e Lila Wingo, de Pat

---

personagens menores e muitas outras novelistas mulheres não forneceram lições profundas sobre a indiferença urbana a respeito da prostituta.

<sup>143</sup> A figura interior de mulher contida no homem e a figura de homem atuando na psique da mulher. Embora desiguais nos modos como se manifestam, *anima* e *animus* têm certas características em comum. Ambas são imagens psíquicas. Cada qual é uma configuração que emana de uma estrutura arquetípica básica. Como as formas fundamentais que subjazem aos aspectos femininos do homem e aos aspectos masculinos da mulher [...] A possessão pela *anima* ou pelo *animus* transforma a personalidade de modo a dar proeminência àqueles traços que são considerados psicologicamente características do sexo oposto. *Dicionário Crítico de Análise Junguiana*. Disponível em: <http://www.rubedo.psc.br/dicjung/verbetes/animamus.htm>. Acesso em: 01 nov, 2014.

<sup>144</sup> Uma mulher dominada pelas diretrizes masculinas do inconsciente.

<sup>145</sup> Do mesmo modo que os homens precisam reconhecer, desenvolver e integrar socialmente os aspectos femininos marcantes de sua personalidade, as mulheres devem aceitar e incorporar qualidade codificadas pelo gênero masculino.

Conroy, em *The Prince of Tide* (1986), sendo que todas elas ilustram perfeitamente as diferentes facetas da prostituição na literatura, seja ocupando papéis centrais ou secundários nos dramas que representam.

Aguiar contrapõe as personagens prostitutas criadas por autores masculinos às criadas por escritoras, como as personagens das irmãs Emily e Charlotte Brontë, ou trabalhos mais recentes como os da mexicana Laura Esquivel, que escreveu o best-seller *Como Água Para Chocolate*, a vencedora do prêmio *Pulitzer Prize For Fiction* em 1992, Jane Smiley, com seu best-seller *A Thousand Acres* (1991) e a romancista britânica, Fay Weldon, que tem sua obra associada ao feminismo. A riqueza da análise feita encontra-se nas reflexões tecidas por ela sobre *Gone With Wind* (1936), de Margaret Mitchell e sobre Toni Morrison, professora e romancista estadunidense cujo tema mais recorrente em seus romances envolve questões referentes à raça, gênero e beleza, presentes em sua obra política intitulada *Paradise* publicado em 1997).

Ela observa que há pouca referência à personagem prostituta encontrada no acervo da literatura feminista contemporânea. Na análise que faz de Ken Kesey, autor Americano que escreveu *One Flew Over The Cuckoo's Nest*, em 1962 e F. Scott Fitzgerald com seu romance *This Side of Paradise* (1920), aplicando a construção “*animus*” e “*anima*” elaborada por Jung, classificou as personagens prostitutas encontradas nos romances em tipos, os quais seguem quatro modelos estruturais: a mãe, a amazona, a cortesã e a mulher comum, ou mediana. Quando analisa os escritos masculinos, acrescenta mais outros modelos: a megera dominadora, a bruxa, a *femme fatale*, a mãe devoradora e a puta castradora.

Na literatura escrita por mulheres, a “puta” é vista como “*motivatedly by recognizably devious, self-centered gains, combined with, in some cases, a distinct lack of “self-worth”*”<sup>146</sup> (2009, p. 142, Tradução nossa).

As duas gerações de escritores americanos que tratam com seriedade o assunto controverso da prostituição, tornando tema central de seus romances, destacam os problemas econômicos, sociais, entre outros que as tornam vulneráveis à ameaça externa, nas grandes cidades – não idealizavam a prostituta, não tratavam o assunto com sensacionalismo, como nos *Thrillers* Góticos e nem pornográficos da *Underground Fiction*.

---

<sup>146</sup> Motivadas pelo reconhecidamente tortuoso caminho para garantir, ganhos auto-centrados, combinados, em alguns casos, com uma distinta falta de autoestima.

Suas obras não eram nem sensacionalistas e nem pornográficas. Eram romances representativos de uma época e de mulheres arquetípicas presentes na cultura e na literatura. Chamou à atenção a carga negativa que a representação do comportamento da mulher carrega em relação ao comportamento masculino, frequentemente considerado pior que o comportamento do homem, principalmente no que se refere ao comportamento sexual.

Acreditamos que uma das razões para haver essa disparidade, cujos pesos e medidas foram particularmente instituídos pelos homens, pode estar na incapacidade de olhar profundamente para o assunto e tratar da sexualidade feminina, sem que, com isso, se esbarre nos conceitos religiosos sobre a sexualidade e papel da mulher.

Ao pensarmos na história da literatura americana, vemos que tem sua origem com os Puritanos, para os quais a vida sexual da mulher tinha caráter estritamente reprodutivo.

Segundo estudos realizados recentemente sobre a força da ideologia puritana na construção da identidade norte-americana, os calvinistas, constatou-se que os efeitos dos conceitos Puritanos têm efeitos e consequências na construção da subjetividade e identidade até hoje. De acordo com Emory Elliot (1979, apud.FESSENDEN, 2001, p.3) *“Puritanism contained the seeds of political and social ideals, structures of thought and language, and literary themes which inspired both content and forms of much American writing from 1700 to the present.”*<sup>147</sup>

Os conceitos Puritanos/Vitorianos visavam conseguir, por meio da teologia, manter a mulher, da classe média, na esfera doméstica e influenciaram a história e cultura americanas com impactos significantes na cultura e literatura dos Estados Unidos.

A mulher era considerada ícone de uma moral ilibada, segundo os códigos de conduta masculinos, duramente impostos, pois muito mais a mulher que o homem sofreu imposições sobre sua sexualidade. Sendo assim, a prostituta é a antítese da mulher casta e pura. É a mulher que transgride as regras masculinas de boa conduta, é a mulher “selvagem”, indolente e de comportamento moralmente inadequado. A ideia de a mulher possuir desejo sexual e experimentá-lo com

---

<sup>147</sup> O Puritanismo contém as sementes dos ideais políticos e sociais que estruturam a mentalidade e a linguagem, e os temas na literatura inspirados ambos no conteúdo e forma em muitos escritos americanos de 1700 até o presente.

liberdade amedrontava imensamente a sociedade americana, dificultando muito a abordagem do assunto da prostituição pelos escritores.

Ao explorar esse tema os escritores tiveram que lidar com conceitos conflitantes sobre a sexualidade feminina. A personagem prostituta, então, aparece estereotipada, sendo que algumas delas surgem com conotações relativamente positivas. Muitas são apresentadas como uma apaixonada inocente, como Kitty Duval de *The Time of Your Life* (1939) de Willian Saroyan ou a prostituta que é salva das armadilhas da sedução, que põem em risco sua reputação, como Corrie de William Faulkner, no romance *The Reiveirs* (1962), pois possui um coração virtuoso, ou emerge na obra redimida, ou é salva por um indivíduo masculino, ou liberta-se a si mesma. É delineada em *The Lawton Girl* (1890), de Harold Frederic e Susan Lenox, de David Graham Phillips, em *Susan Lenox: Her Fall and Rise* (1917) demonstrando, assim, possuírem boa índole. Mas o estereótipo da prostituta com conotações negativas prevalece na obra de vários escritores.

A prostituta aflora na obra de Dresser, *Sister Carrie* (1990) afirmando o estereótipo da garota inocente, cuja luta para sobreviver a impele para a prostituição. Sobrevivência aqui tem o sentido de atender às necessidades básicas, como comer e morar, ou até mesmo de obter ganho material. Outra típica categoria de personagem prostituta é a das que foram seduzidas e abandonadas, em que após perder a virgindade e ser, sempre nas mãos de um vilão sedutor, forçada a se prostituir, pois não há outra escolha, como aparece em *The Evil That Men Do* (1890) de Edgar Fawcett e em *Maggie: A Girl of The Streets* (1896), de Stephen Crane.

As duas personagens Cora e Maggie morrem no final. Uma morta por um homem rejeitado e outra comete suicídio. Dottie de Joaquim Miller em *Destruction of Gothan* (1886) também segue o mesmo modelo arquetípico, nascem na classe pobre, vítimas da sociedade.

Na escolha da prostituição como tema principal de seus romances os escritores tiveram que enfrentar a dualidade envolvida no que se refere à visão da mulher levantando uma dúvida: seria a mulher prostituta vítima, o que sugere uma fraqueza da mulher em geral em relação à sua sexualidade? Hapke (1989, p. 2, tradução nossa) demonstra que para resolver essa questão os escritores dessexualizam suas personagens:

*They "solve" the problem of depicting her in all her complexity by removing her from the knowledge and often the consequences of carnal experience. She becomes in effect desexualized [...]. Such "solutions" are actually her creators' attempts to defend the ultimate fallen woman without acknowledging the hired sexuality of which her profession consisted<sup>148</sup>.*

Joaquim Miller, no romance referido anteriormente, destaca a prostituta como produto da vida na cidade de Nova York e não consegue fugir do estereótipo ao caracterizar o comportamento da mulher virtuosa. Edgar Fawcett expande a ideia em *The Evil That Men Do* (1889) e aprofunda o tema ao representar a mulher prostituta de Nova York, na figura de Cora Strang.

Fawcett expande a visão arquetípica da prostituta representada por Miller, resgatando o tema da garota inocente seduzida pela vilania da cidade. *The Evil That Men Do* é mencionado como precursor de *Maggie: a Girl Of The Streets*, de Stephen Crane (1893). Segundo Hapke (1989, p. 2, tradução nossa):

*Stephen Crane – the journalist, war correspondent, and author of Maggie: A Girl of the Streets – was the most talented of the American prostitute's nineteenth-century imaginers. He elevated the slum novel, and with it the streetwalker, to art. Indeed Crane developed a literary strategy which, in attempting to protect the deserted street girl, bore a marked resemblance to the chivalric rescues of red-light district women he actually conducted. Yet Crane too relied on the sentimental harlot's progress tale which had characterized prostitution fiction from the mid-century thriller to the work of Miller and Fawcett<sup>149</sup>.*

Nos trabalhos desses autores a visão dupla da prostituta pode ser identificada. Ela aparece ou enlouquecida ou alcoolizada, vítima da sedução. Traumatizada quando são removidas de seu ambiente para se engajar na vida

---

<sup>148</sup> Eles "resolveram" a questão de retratá-la em toda a sua complexidade por meio da remoção do conhecimento das consequências de suas experiências carnis. Ela se tornou efetivamente dessexualizada [...] Tal solução era realmente para seus criadores uma derradeira tentativa de defender a mulher sem dar a conhecer a sua velada sexualidade de que a sua profissão consistia.

<sup>149</sup> Stephen Crane – jornalista, correspondente de guerra e autor de *Maggie: A Girl of the Streets* – foi o mais talentoso criador da imagem da prostituta americana no século XIX. Ele elevou a *slum novel* e com isso a prostituta de rua, à arte. De fato, Crane desenvolveu uma estratégia literária com a qual, almejando proteger a abandonada prostituta de rua fez nascer uma marcada semelhança com os resgates cavalheirescos das mulheres do distrito da luz vermelha que ele realmente conduzia. Embora Crane muito se baseou nos contos sentimentais sobre a prostituta que tinham caracterizado a ficção sobre a prostituição dos *thrillers* da metade do século XIX aos trabalhos de Miller e Fawcett.



sexual. Raramente não é morta no final. Esses autores, especialmente Fawcett e Miller elegeram nos anos 1880 a prostituta urbana atormentada como heroína da história.

*The Evil That Men Do* inicia com uma descrição da vida de Cora Strang, “a delicate blush-rose in the midst of mirk and solitude” <sup>150</sup> (FAWCETT, 1889, p. 9, tradução nossa), uma órfã do interior que foi a Nova York. Ele descreve o mundo de Cora, desde a sua jornada de trabalho, até quanto ganhava para pagar o aluguel de um quarto no cortiço de Mrs. Slaterry.

Descreve também as relações conflituosas com Owen (filho da proprietária do cortiço, rejeitado por Cora), resultando em sua morte. Fawcett vê a moradia, os “*tenements*”, onde moravam as mulheres operárias como um ambiente de pobreza e miséria, percebido por ele como um “*caldron-hell broth*” (caldeirão do inferno) em que os contornos morais que constroem o caráter dos indivíduos parecem-lhe caóticos.

Ao representar as prostitutas, Fawcett o faz como se elas fossem pessoas ameaçadoras e bestiais, totalmente submissas aos desejos sexuais, especialmente dos homens. Descreve duas delas e sugere que elas se tornaram animais insensíveis. Elas gritam palavras profanas e seu comportamento as transforma em criaturas “[...] *aflame with wrath, muttering and glowering*” <sup>151</sup> (FAWCETT, 1889, p.14, tradução nossa). A violência delas provém de suas animalidades, de seus instintos e da influência do ambiente, traços do determinismo que emoldura as obras desse período.

Fawcett induz a pensar que Cora poderia ser corrompida pelo convívio diário com os que a rodeavam, sem que pudesse agir, marcando o romance com o determinismo próprio do Naturalismo. Cora reconhece e tem medo de se tornar uma prostituta. Ela é segura de sua castidade e se penaliza com as “*poor creatures*” que avista pelos becos da Bowery. Reconhece também que ela nunca poderia ser como elas, mas foi forçada a isso. “*God somehow keeps me straight*” <sup>152</sup> (FAWCETT, 1889, p.18, tradução nossa).

---

<sup>150</sup> Um delicado botão de rosa no meio da escuridão e da solidão.

<sup>151</sup> [...] inflamadas de ira, balbuciantes e carrancudas.

<sup>152</sup> Deus de algum modo me mantém na retidão.

Cora Strang descarta vários sedutores, incluindo seu chefe galanteador que chega a chamá-la de “*a little tramp of virtue*”<sup>153</sup>. Ela se esquia das investidas de Casper Drummond, um boêmio, proveniente da classe média que a seduz oferecendo-lhe seu dinheiro, e por quem Cora alimenta uma esperança de ser seu futuro guardião e salvador.

Cora, inicialmente, exemplifica a ideologia vitoriana sobre o ideal de mulher, casta e resignada. A prostituição dela se dá naturalmente, sugerindo ser uma adaptação ao ambiente miserável. Nos primeiros momentos ela é a personificação da virtude, porém se torna a mais baixa classe das prostitutas, a “*streetwalker*”, a qual simboliza os vícios e a fraqueza feminina diante de um mundo degradante, exemplificada na seguinte passagem (FAWCETT, 1889, p.306, tradução nossa): “*The ruin was complete. Every moral beam and rafter tumbled, every clamp and stanchion gave away [...] For a time she dwelt in luxury [...]*”<sup>154</sup>

No entanto, a personagem prostituta em *The Evil That Men Do*, é retratada por Fawcett, anos antes de Crane, como uma garota do interior recatada: (*naïve*), que sucumbe às influências da vida experimentada nos cortiços e nas ruas da região da Bowery em Nova York. No romance de Fawcett (1889, p.66, tradução nossa), a personagem é apresentada como uma pessoa corajosa, honesta e resignada. “*Oh, I don’t see many fellers, as you call’em. I live quiet – ever so quiet. I’m workin’ all day, and I’m mostly pretty tired when night comes*”<sup>155</sup>, que só após uma longa luta interna, transforma-se numa prostituta devassa e morre.

A dessexualização da personagem prostituta, bem como o desconhecimento de seus atos e consequências, dá forma a uma personagem idealizada, que não assume feições próximas do real. Destacamos, para confirmar nossos argumentos, a ambiguidade que envolve a dessexualização da personagem prostituta, já que deixa de revelar a real sexualidade inerente à profissão da prostituta.

Harold Frederic em *The Lawton Girl* (1890), apresenta uma personagem prostituta que é sacralizada. Kauffman, também influenciado pelas ideias reformistas sociais, jornalista e escritor, preocupou-se com as campanhas contra a escravidão

---

<sup>153</sup> Vagabundinha virtuosa.

<sup>154</sup> A ruína estava completa. Toda viga mestra da moral foi derrubada, toda braçadeira e escora acabaram [...] Por um tempo ela se entregou à luxúria.

<sup>155</sup> Oh, Eu não vejo muitos rapazes, como você disse. Eu vivo quieta – quieta demais. Eu trabalho o dia todo e na maioria das vezes estou muito cansada quando a noite chega.

branca e defendeu a prostituta, recusando-se a matá-la no final da história em *The House of Bondage* (1910). A heroína de Kauffman recebe voz e pode defender-se.

Susan Lenox, personagem controversa de David Graham Philips, em *Her Fall and Rise* (1917), é um modelo de personagem forçada à prostituição. Ela aparece como inocente e sonhadora quando começa a trabalhar num bordel. Em seu romance sobre uma prostituta de rua alcoolizada que atinge o sucesso, por meio da exploração sexual, Philips defende a protagonista contra as cobranças sexuais que a profissão exigia, mitificando-a numa mistura de pureza e fortaleza, tratando a profissão de prostituta como qualquer outra profissão (HAPKE, 1989, p.4, tradução nossa): “*ideally female in virtue, ideally male in strength*”<sup>156</sup>.

A crítica moderna recebeu com ressalvas seu romance e teve como principal afrontadora a feminista Everett Carter que aparece na cena literária e demonstra claramente em seu trabalho *The Damnation of Theron Ware* (1896, p. 38, tradução nossa) sua visão contrária à presença da prostituta nos trabalhos de Philips. Ela ataca a negligência em relação à escrita feminina, considerada menor, afirmando que: “[...] *the power of sex from the background to the foreground of realistic fiction*”<sup>157</sup>.

A censura da crítica moderna atingiu, também, os trabalhos que evidenciavam a presença da prostituta. Um número reduzido de escritores que abordava a prostituta em suas obras foi levado em consideração pela crítica, fato comprovado pela ausência do assunto das discussões sobre a história literária e bibliografias que incluíssem os romancistas americanos. Diz Hapke (1989, p.6, tradução nossa):

*It is a critical commonplace that nineteenth-century American literature lacks fully realized women characters [...] a literature of female nonpersons. This omission is particularly telling when these writers attempted to depict the sexually active woman. Their fear of female carnality, derived from a puritan heritage, was reinforced by a dedication to the myth of American innocence and their celebration of a frontier without women*<sup>158</sup>.

---

<sup>156</sup> [...] mulher ideal em virtude, homem ideal em força.

<sup>157</sup> [...] o poder do sexo da porta dos fundos para o primeiro plano da ficção realista.

<sup>158</sup> É um lugar comum da crítica, que a literatura do século XIX carece totalmente de personagens femininas [...] uma literatura de mulheres não pessoas. Esta omissão é particularmente contada quando esses escritores tentaram retratar a sexualidade da mulher ativa. Seus medos sobre a canalidade feminina derivaram da herança puritana, que era reforçada pela dedicação ao mito da Inocência Americana e sua celebração como uma fronteira sem a presença das mulheres.

O tema dos romances questionava a tradição americana em relutar em discutir a sexualidade da mulher. Apesar de haver uma grande quantidade de personagens femininas na literatura o que, nas palavras de Joyce Warren “*did not grant the individuality to women which willing to grant to men*”<sup>159</sup>, resultou em uma literatura cuja expressão feminina era muito impessoal, tornando as personagens mulheres “*nonpersons*”, ou melhor dizendo, irreais.

A recusa é salientada especialmente quando ocorre a dessexualização feminina pelos autores e quando estes escondem dos leitores a vida sexual ativa das personagens prostitutas. Hapke acrescenta os seguintes dizeres sobre a rejeição da sexualidade da mulher (HAPKE, 1989, p.6, tradução nossa): “*Their fear of female carnality, derived from a puritan heritage, was reinforced by a dedication to the myth of American innocence and their celebration of a frontier without women*”<sup>160</sup>.

A herança puritana fez da prostituta uma figura invisível, porém sedutora. Ela está envolta em uma aura de sedução. A prostituta aparece sedutora em um pesadelo em Herman Melville, da mesma forma surge em Hawthorne com Beatrice Rappaccini, ou mesmo em Oliver Wendell Holmes, com Elsie Venner. São igualmente irreais, porém são mais seduzidas que sedutoras. Ao se apaixonarem, se envenenam e matam o parceiro. Holmes estabelece sua personagem como uma vítima, muito mais que uma *femme fatale*. Por outro lado, a personagem de Hester Prynne é vista como uma exceção no meio de tantas personagens sedutoras. Ela regenera-se. Torna-se mãe e tenta redimir o parceiro, assumindo uma figura maternal.

Outro fato intrigante no âmbito da literatura no que tange ao tema da prostituição nas obras literárias diz respeito ao desdém com que a literatura americana olhava para as obras de Flaubert, envolvendo histórias de adultério e promiscuidade, bem como o texto de Zola, que desenhou Nana com as cores da sensualidade.

---

<sup>159</sup> Não concedeu a individualidade às mulheres, mas concede aos homens.

<sup>160</sup> O medo deles sobre as questões da carne feminina, derivado de uma herança puritana, foi reforçado por uma dedicação ao mito da inocência americana e sua celebração de uma fronteira sem mulheres.

A reprodução da ideia de distanciamento entre o naturalismo europeu e o americano pode ser vista em Howells ao se referir à influência europeia na literatura americana (Howells apud. HAPKE, 1989, p.7, tradução nossa): “[...] *an American novelist may not write a story on the lines of Anna Karenina or Madame Bovary. Sappho they put aside, and from Zola’s work they avert their eyes*”<sup>161</sup>.

Por traz dos ataques da crítica à literatura europeia residia o desejo de se distanciar o mais longe possível do assunto relacionado ao sexo, especialmente o tema ligado à sexualidade feminina e à prostituição. Sendo assim, os escritores americanos focalizaram a sociedade da classe média, abolindo os males e vulgaridades e também não levaram em conta as mudanças que ocorreram na América, escolhendo como personagem principal a garota pura, ingênua e esperançosa em relação ao futuro, extremamente distante da vida real.

Centralizamos, então, no item seguinte, as discussões em torno da concepção de feminilidade prevalente no século XIX, cujo modelo feminino estava intrinsecamente ligado à concepção religiosa de mulher, de protetora da família e dos costumes morais e sociais.

### 2.3 A Feminilidade no Século XIX: papéis conflituosos

Segundo Christine Stansell (STANSELL, 1987, p.xi), uma nova concepção de feminilidade surge na América entre o período da República e a Guerra Civil, principalmente no Nordeste dos Estados Unidos e nas grandes cidades. Afirma também que as mulheres, independentemente da classe social, eram: “[...] *the moral guardians of their families and their nation* [...]”<sup>162</sup>.

A mulher trabalhadora nessa época era conceituada diferentemente das mulheres domésticas. Elas eram vistas baseadas em preconceitos e ideias

---

<sup>161</sup> Um romancista americano não pode escrever uma história nas linhas de Anna Karenina ou Madame Bovary. Sappho eles colocam ao lado, e do trabalho de Zola eles evitam seus olhos.

<sup>162</sup> [...] as guardiãs morais de suas famílias e da nação [...].

misóginas que as diferenciavam; sofriam muitas pressões, pois as condições de trabalho eram desumanas e iniciaram a luta por seus direitos causando problemas ao sistema que as aprisionava. Stansell (1987, p.xi, tradução nossa) afirma que, *“They are also more troublesome, since their actions – indeed, their very existence as impoverished female workers – violated some of the dearest held genteel precepts of woman’s nature and woman’s place”*<sup>163</sup>.

Stansell explica que no século XIX, Nova York era o centro da reorganização da sociedade Americana. Possuía um porto, por onde entravam e saíam mercadorias e pessoas de muitas partes do mundo. Com o desenvolvimento comercial e industrial torna-se um grande centro produtor e consumidor de produtos.

Nesse momento, surge uma nova classe social como causa e consequência da expansão. A expansão do trabalho capitalista trouxe consigo o aparecimento da classe burguesa urbana e de uma classe imensa de trabalhadores empobrecidos. Essa nova classe formada trouxe também mudanças em muitas esferas, nos contratos de trabalho, na sexualidade, responsabilidades de pais e mães, a visão psicológica da vida, entre outras várias transformações ocorridas no século XIX. É também por meio do aparecimento dessa nova classe de trabalhadores que começaram a se definir os papéis exercidos por homens e mulheres.

Com o desenvolvimento das grandes cidades, a despeito do desenvolvimento industrial e da imigração nos Estados Unidos, o papel da mulher foi modificado. Predominantemente rural, a população americana vivia no interior, cuja moral rígida e baseada nos conceitos religiosos regia o comportamento da mulher, a qual era vista como a mantenedora da família e dos bons costumes.

Houve o que era chamado de *“Cult of Domesticity”*, colocando a mulher em um papel central, porém passivo, no qual o lar era reverenciado como o ambiente propício para que a mulher mantivesse o controle da família e da casa. No lar Vitoriano, da classe burguesa, diferentemente, dos lares da classe trabalhadora, o silêncio e o conforto deveriam ser mantidos pela guardiã da moral e das boas relações na família.

---

<sup>163</sup> *Elas são mais problemáticas, já que suas ações – de fato, suas existências como trabalhadoras muito empobrecidas – violavam alguns dos mais gentis preceitos mantidos sobre a natureza da mulher e sobre o lugar da mulher.*

Essa casa, dirigida pela mulher, seria o lugar de proteção do mundo externo e do mundo do trabalho, esfera predominantemente destinada aos homens. Assim pensava a sociedade vitoriana sobre o papel da mulher para a qual ela representava um ser sagrado, e sua função de esposa e mãe era um dom presenteado por Deus.

Acreditamos ser mais uma maneira de oprimir a mulher e conter sua sexualidade e independência. A mulher é vista como incapaz e essa ideia a torna incapaz, sendo que as habilidades naturais do feminino são dominadas pelas crenças religiosas são considerados poderosos instrumentos pelos quais se tenta proteger a mulher do mundo externo.

O culto à mulher como pilar mestre, cujo papel foi designado por Deus, é representado nas argumentações de Dorothy Hartman (2012, p. 2, tradução nossa) ao declarar que: “[...] *in this cult gave women a central, if outwardly passive, role in the family. Women’s God-given role, it stated, was as wife and mother, keeper of the household, guardian of the moral purity of all who lived therein*”<sup>164</sup>.

É importante notar o aparecimento nessa época de uma literatura destinada exclusivamente às mulheres, cuja produção encorajava a vida de dona-de-casa. Encontravam-se implícitas ideias sobre a manutenção do lar, demonstrando que quanto melhor dona-de-casa, quanto maior a capacidade de manter a casa em ordem, mais a mulher se aproxima da perfeição.

Hartman (2012, p. 2, tradução nossa) expõe o seguinte: *Women’s popular literature of the period is full of advice about and encouragement for proper housekeeping. Implicit in this advice is the notion that by keeping a clean, pious home and filling it with warmth and inviting smells [...]*<sup>165</sup>.

Manter uma casa funcionando segundo os padrões estipulados no período Vitoriano tornou-se uma qualidade da ciência, buscando a maior eficiência, no que diz respeito à proteção de ameaças externas. Os cuidados com as crianças também foram legados à mulher e a moralidade era formulada e fundamentada em crenças

---

<sup>164</sup> Nesse culto deu-se à mulher um papel central, ao menos exteriormente passivo, na família. O papel da mulher dado por Deus, inicialmente, era como esposa e mãe, mantenedora do bom funcionamento da casa, guardiã da pureza moral de todos que ali moravam.

<sup>165</sup> A literatura popular da mulher no período é cheia de propaganda sobre o encorajamento para que ela seja uma dona-de-casa exemplar. Implícita nas propagandas havia a noção para que se mantivesse a casa limpa, silenciosa, sentindo-a aconchegante, exalando cheiros convidativos.

Protestantes, bem como em movimentos reformistas que lutavam contra os males acarretados pela vida urbana.

Nota-se que há nessa época uma ideia de que a mulher não possuía uma boa saúde. À ideia da mulher inválida, fraca, contrapunha-se à do homem robusto agressivo e saudável, naturalmente pré-disposto a lutar em um mundo competitivo. *“The middle and upper class ideal of woman was that of an ‘invalid’. Professional medical theories at the time stated that woman’s normal condition was to be sick.”*<sup>166</sup> (HARTMAN, 2012, p.3, tradução nossa).

Os conceitos dividiram-se em esperas compostas pelo seguinte: o homem valente, proeminente e a mulher contida, santificada, doméstica. Buscando como fonte os conceitos marxistas a fim de demonstrar as relações capitalistas envolvidas nas questões de gênero, Gayle Rubin (1975, p.1) em *O Tráfico de Mulheres* expõe que:

Poder-se-ia então parafrasear: o que é uma mulher domesticada? Uma fêmea da espécie. Uma explicação é tão boa quanto a outra: uma mulher é uma mulher. Ela só se torna uma doméstica, uma esposa, uma mercadoria, uma coelhinha, uma prostituta ou ditafone humano em certas relações. *Retirada* dessas relações, ela não é mais companheira do homem do que o ouro, em si mesmo, é dinheiro [...].

Paralelamente ao movimento tradicional, havia também um senso de desenvolvimento, de progresso, o que fez surgir novos papéis na sociedade em que a mulher encontrava-se dividida entre o lugar público, das indústrias, do comércio e a vida reclusa no ambiente privado da família, do lar.

Nessa época, muitas vagas de emprego foram disponibilizadas, dando uma nova opção de existência para as mulheres, principalmente, as solteiras. Do mesmo modo, iniciou-se uma preocupação em civilizar a mulher por meio da educação e ela começou a receber instruções em níveis bem avançados.

O mundo do trabalho, então, foi dividido e inspirado nos papéis exercidos pelo homem e pela mulher. Os espaços públicos onde o homem atuava e transitava livremente, e outro ligado essencialmente à mulher, em que estavam envolvidas as atividades exercidas num local privado e sacramentado, o lar.

---

<sup>166</sup> O ideal de mulher da classe média e alta era inválido. As teorias dos profissionais da medicina, naquele momento, eram de que a condição normal da mulher era estar doente.



Segundo Tiffany Wayne (1968, p.2, tradução nossa), a divisão entre os espaços ocupados pelo homem e pela mulher criou o que se chamou de “esferas” em que as atividades desenvolvidas foram distintamente separadas entre o espaço público e privado, baseados fundamentalmente nas diferenças de gênero. Afirma ainda que:

*As a result of the industrialization of the late eighteenth and early nineteenth centuries, the home was no longer the center of all economic activity, and the daily experiences and work lives of men and women were increasingly separated<sup>167</sup>.*

Nesse sentido, pensamos que a ênfase é dada ao papel de mãe, ao trabalho doméstico, o que confina a mulher ao ambiente familiar. Uma vida que a sujeita aos modelos fundamentados em questões espirituais e morais distintas das dos que envolve o mundo masculino.

Para instruir a mulher e conscientizá-la quanto ao papel a ser desempenhado pela mulher branca da classe média norte-americana, muitas obras literárias foram publicadas visando essa instrução. As atividades domésticas eram supervalorizadas, no sentido de a mulher poder dar as direções morais e disciplinantes tanto às crianças, quanto aos seus maridos, podendo assim, manter o controle da família.

Por outro lado, segundo Leonore Davidoff (2003, p.11), ao analisar o papel da mulher, especificamente na Inglaterra, diz que a classe média começa a discutir os assuntos relacionados ao mundo feminino, especialmente no século XIX, o que torna o tema da mulher dominante. A mulher, nesse momento, participa ativamente do mundo do trabalho, frequenta os espaços públicos, antes destinados ao trânsito exclusivamente masculino, confinando a mulher ao espaço da casa.

A mulher desempenhava seus papéis fundamentais no casamento, na família e na maternidade. Há assim, uma divisão das esferas do que pertence estritamente à esfera masculina e à feminina, conceituando do mesmo modo, de acordo com a hierarquia ditada por aspectos sociais, entre espaço “público e privado”. Davidoff

---

<sup>167</sup> Como resultado da industrialização do final do século XVIII e o início do século XIX, o lar já não era o centro de toda a atividade econômica e das experiências diárias e a vida de trabalho dos homens e mulheres estava crescendo separadamente.

(2003, p.12, tradução nossa) acrescenta a seguinte ideia: *“This spacial pattern reflects the openness of behavior among people of all social levels”*<sup>168</sup>.

O discurso sobre a esfera pública ou privada fazia parte das discussões no século XIX na América e esse discurso foi uma tentativa de conter a sexualidade feminina, por meio da ideia de que o corpo feminino era “saturated with sexuality”.

Nesse discurso, a ordem moral dependia de preservar em segurança o espaço destinado às mulheres, o lar, metonimicamente relacionado ao fato do corpo da mulher ser inviolável. Katrina Irving (1993, p.36, tradução nossa) complementa o pensamento dizendo que: *“By an extension of this logic, the body of the white, middle-class woman, corellated within the space of the home, assumes a metaphoric relation to the larger body of the republic”*<sup>169</sup>.

Por sua vez, Nick Roberts (1998, p.30) insere comentário relevante sobre a autonomia sexual da mulher quase sempre cercada de tabus. Ela argumenta o seguinte:

[...] a autonomia sexual das mulheres era a raiz de todo mal”. Com a aplicação da moralidade sexual das mulheres, as prostitutas eram vistas como a incorporação do mal. “Os ritos sexuais da religião da deusa tornaram-se o “pecado” mais grave; suas sacerdotisas, as mais terríveis “pecadoras”. Esta nova doutrina, que transformou-se em um artigo de fé da religião hebraica, veio a abranger o “mau” comportamento feminino em geral, que os sacerdotes agora rotulavam de “prostituição”. Qualquer mulher podia se ver vilipendiada, uma vítima do reino do terror moral, se ousasse ter um amante [...].

Em sua proposta de encontrar uma teoria da opressão das mulheres, e pensando em como as divergências sexuais na área do trabalho faz em surgir tabus que oprimem o sexo feminino, Rubin (1975, p.1) afirma que “começa-se a adquirir o sentido de um aparato social sistemático que torna as fêmeas como matéria-prima e modela as mulheres domesticadas como produtos” e que (RUBIN, 1975, p. 10):

A divisão do trabalho por sexo pode, deste modo, ser vista também como um “tabu”: um tabu contra a mesmice entre homens e

---

<sup>168</sup> O modelo espacial reflete a abertura do comportamento entre as pessoas de todos os níveis.

<sup>169</sup> Como extensão dessa lógica, o corpo da mulher branca da classe média, correlacionava-se com o espaço da casa, assume uma relação metafórica com o grande corpo da república.

mulheres, um tabu dividindo o sexo em duas categorias reciprocamente exclusivas, e um tabu que exacerba as diferenças biológicas entre os sexos e que, em conseqüência, cria o gênero.

Prossegue dizendo que a distinção na definição de trabalho entre feminino e masculino é causada por elementos históricos e morais o que determina os papéis de esposa, legando a elas o trabalho doméstico, acrescenta dizendo que (RUBIN, 1975, p. 4):

É, precisamente, esse chamado “elemento histórico e moral” que determina que uma “esposa” encontre-se entre as necessidades de um trabalhador, que destina as mulheres e não os homens a realizar as tarefas domésticas e define o capitalismo como herdeiro de uma longa tradição na qual as mulheres não herdaram, não lideraram e não falam com Deus. É esse “elemento histórico e moral” que dotou o capitalismo de uma herança cultural de formas de masculinidade e feminilidade. Nesse “elemento histórico e moral” está resumido o inteiro domínio do sexo, da sexualidade e da opressão sexual. E a brevidade do comentário de Marx serve apenas para enfatizar a vasta área da vida social que este abrange e não examina. Apenas sujeitando esse “elemento histórico e moral” à análise é que a estrutura da opressão sexual pode ser delineada.

Sobre o trabalho da mulher no século XIX, Roberts (1998, p.227) afirma que as mulheres sofreram consequências importantes por causa da revolução econômica e essas transformações propiciaram o florescimento da prostituição, prossegue demonstrando que: “[...] As condições sociais e econômicas eram propícias ao florescimento sem precedentes da prostituição, que se seguiu, primeiro na Grã-Bretanha e logo depois na França, nos Estados Unidos e em todos os outros países ocidentais [...]”.

Sendo assim, pensamos ser necessário realizar uma leitura crítica da representação das personagens prostitutas de Maggie confrontando passagens em que tal representação indica a presença de ideias patriarcais sobre o feminino. Abordamos a obra de Crane sob a ótica da crítica feminista, a fim de esclarecer o estereótipo da mulher transgressora do século XIX.

## 2.4 As Personagens Femininas em Maggie: à luz da crítica feminista

Maggie cresce em um lar desestruturado “*home reg’lar livin’ hell*”<sup>170</sup> (CRANE, 2006, p.11) e se refugia num mundo de ilusão. Por meio de Maggie, Stephen Crane representa a mulher do século XIX. Descreve com ela a presença daquelas que trabalham esforçadamente para conseguir um pouco de mobilidade social, mas que por causa das circunstâncias desfavoráveis ocasionadas pelas mudanças na economia, não obtêm sucesso, sucumbindo às pressões sociais. Não podemos deixar de apontar que as marcas da época estão impressas nas descrições da personagem e sua atuação no romance. Ao narrar a história da menina pobre, conseguimos notar os recursos estilísticos elaborados para apresentar uma personagem que se contrapõe ao modelo anterior de personagem presente nos romances.

Segundo Cintia Schwantes (2006, p.9) ao escrever um romance “[...] um autor, independente de seu gênero, precisa criar personagens femininas e essa criação vai derivar do conceito de feminilidade professado por sua sociedade”.

Devemos nos importar não com as causas do determinismo ao analisar Maggie e suas relações interpessoais, porém necessitamos apontar estratégias que demonstrem as concepções sobre o feminino embutidos na narrativa de Crane ao representar as relações humanas e ilustrar Maggie, aparentemente diferente dos outros personagens. Ela não possui consciência de si mesma e de sua realidade, e também fora incapaz de sobreviver numa sociedade que condenava as mulheres que buscavam a liberdade através do trabalho fora de casa.

É importante demonstrar que a protagonista consegue enxergar claramente sua real situação, mas objetiva se esquivar da mesma, escondendo-se atrás de desejos impossíveis ou mesmo encobrendo a realidade, com sonhos em que os conceitos da classe média se fazem evidentes. Maggie reflete sobre sua realidade projetando-se no futuro, porém faz isso obnubilada pelo véu que envolve o sonho e a idealização do porvir. Ela reconhece a si mesma, sabe de sua real situação

---

<sup>170</sup> [...] lar como se vivesse em um verdadeiro inferno.

(CRANE, 2006, p. 29, tradução nossa): “*She imagines herself, in an exasperating future*”<sup>171</sup>.

Ao se projetar no futuro, diante de uma realidade hostil percebemos sua consciência sobre o mundo, porém utiliza a imaginação para subjetivar um futuro mais exuberante e promissor. Vislumbrando seu futuro real vê-se condenada a uma existência miserável. Insatisfeita no trabalho reflete sobre os movimentos mecanicistas adotados pelas colegas de trabalho, bem como revela as condições insalubres a que as trabalhadoras eram expostas e a precariedade econômica sugerida pelo fato de não receberem seus salários regularmente (CRANE, 2006, Cap.VIII, p.29, tradução nossa): “*The air in the collar and cuff establishment strangled. She knew she was gradually and surely shriveling in the hot, stuffy room [...]*”<sup>172</sup>.

Consciente sobre as consequências de uma vida de trabalho incessantemente mecânica e frustrante, quanto à realização de independência econômica, Maggie vislumbra um futuro pouco atrativo e promissor, como podemos observar na situação descrita a seguir (CRANE, Cap. VIII, p.29, tradução nossa):

*She wondered as she regarded some of the grizzled women in the room, mere mechanical contrivances sewing seams and grinding out, with heads bended over their works, tales of imagine or real girl-hood happiness, past drunks, the baby at home, and unpaid wages. She speculated how long her youth would endure[...]. She imagine herself, in an exasperating future, as a scrawny woman with an eternal grievance*<sup>173</sup>.

Por outro lado, representa uma menina ingênua e romântica que imagina poder ser salvaguardada dos perigos e da precária vida que tinha nos cortiços pelo namorado beberão e contador de vantagens. O que atrai Maggie é o senso de superioridade do petulante Pete, considerado por ela o instrumento ideal para transportá-la da realidade opressora para uma vida feliz, “*She saw the golden glitter of place where Pete was take her*”<sup>174</sup>

---

<sup>171</sup> Ela imagina a si mesmo num futuro desolador.

<sup>172</sup> O ar da fábrica de golas e punhos a sufocava. Ela sabia que aos poucos estava gradualmente definhando naquela sala quente e abafada.

<sup>173</sup> Ela ficava abismada ao observar algumas mulheres grisalhas da sala e as considerava meros aparelhos mecânicos de costurar e inclinar a cabeça sobre o trabalho...Pôs-se a calcular quanto tempo duraria a mocidade. Imaginou-se num futuro exasperante, como uma esquálida mulher com uma infelicidade eterna.

<sup>174</sup> Ela via um brilho dourado do lugar onde Peter a levaria.

A força de Maggie parece ser proveniente da irradiação da força e coragem de Pete, pois ele é o sol que a ilumina “[...] *Pete looked like a golden Sun to Maggie*”.<sup>175</sup> Perto dele Maggie é a sombra, o lado menos valente e brilhante da parceria (CRANE, 2006, Cap. VIII, p 30).

Ao lado de Pete, Maggie se sente honesta e boa, perpetuando a ideia de que só na companhia de um homem a mulher pode ter crédito e ser respeitada, se estiver desacompanhada, ou melhor, se não tiver a força masculina que a impulsiona é considerada uma mulher fadada à queda: “*She did not feel like a bad woman*”.<sup>176</sup> (CRANE, 2006, Cap. XII, p.46). Maggie ao lado dele se imaginava em uma vida totalmente oposta à que levava na fábrica: “*She imagined a future, rose-tinted, because of its distance from all that she previously had experienced*”<sup>177</sup>.

A garota maltrapilha passa pelo mundo sem ser notada. Sua insignificância demonstra o descaso do mundo selvagem com o ser humano. (CRANE, 2006, Cap. V, p.19, tradução nossa) “[...] *dirt disguised her. Attired in tatters and grime, she went unseen*”<sup>178</sup>.

Mesmo sendo a personagem protagonista e todas as ações estarem voltadas para ela, Maggie vive na sombra, o que nos revela ser representada por uma cultura cujos valores estão centrados na perspectiva masculina.

No romance são descritos muitos episódios marcados pela tensão nos relacionamentos entre os personagens. O invólucro das relações é composto pelo estresse e pelo pânico. Há três episódios específicos que exemplificam a aura de tensão que envolvia os personagens logo nos primeiros capítulos.

Na representação das relações entre os irmãos, Maggie aparece como uma menina frágil, enquanto Jimmie é descrito com grande ênfase em sua personalidade beligerante e corajosa. Na briga que abre o primeiro capítulo, Jimmie demonstra tal valentia ao se posicionar bravamente contra as investidas de seus adversários (CRANE, 2006, Cap. I, p.5): “*Naw, responded Jimmie with valiant roar, “dese micks can’t make me run*”.<sup>179</sup>

---

<sup>175</sup> Pete parecia um Sol para Maggie.

<sup>176</sup> Ela não se sentia uma mulher má.

<sup>177</sup> Ela imaginava um futuro cor-de-rosa por causa da distância que a separava de tudo que já tinha vivido.

<sup>178</sup> [...] a sujeira a enojava. Adornada de farrapos, passava sem ser vista.

<sup>179</sup> Não, responde Jimmie, com um rugido corajoso – esses caras não me fazem fugir.

Ele representa, com a coragem e valentia, a força masculina que o impulsiona à sobrevivência. Porém possui uma coragem que gera violência e que provoca uma transfiguração, pois enquanto deveriam se comportar como crianças, se comportavam como “*tiny, insane demons*”, ou “verdadeiros assassinos”. As características de Jimmie são semelhantes às de Pete. Ele carrega em si o aspecto vil, desafiador e arrogante, traços de uma personalidade marcante e próprios de um vencedor, ou melhor, dizendo, de um sobrevivente, pois “trazia a vitória nos punhos”. Sua primeira aparição no romance se dá da seguinte forma (CRANE, 2006, Cap. I, p. 4): *Down the avenue came boastfully sauntering a lad of sixteen years, although the chronic sneer of an ideal manhood already.*<sup>180</sup>

Maggie, por sua vez, surge na história impregnada de características que acentuam sua fragilidade. Aparece como uma menininha esfarrapada e frágil, sofredora nas mãos de seus algozes, primeiramente, sua família e depois o namorado Pete. Sofria com a violenta personalidade do irmão Jimmie cujos aspectos grotescos são acentuados e observados na circunstância da briga entre os dois irmãos na qual Maggie é golpeada violentamente. Persiste durante o romance uma sucessão de episódios violentos envolvendo o leitor em uma clara vida em desmoronamento e a destruição do ambiente.

Sobre isso Schwantes (2006, p.8) observa que: “Em uma cultura centrada em valores masculinos, as personagens femininas estão encerradas nos textos da feminilidade” nos quais elas seguem destinos à sombra dos personagens masculinos, cumprindo as expectativas deles em relação a elas, tal como observamos a seguir (CRANE, 2006, Cap. V, p. 21): “*As Jimmie and his friend exchanged tales descriptive of their prowess, Maggie leaned back in the shadow[...]*”<sup>181</sup>.

De acordo com Zolin (2009, p.217) “as relações entre casais espelham as relações de poder entre homem e mulher na sociedade em geral, a esfera privada acaba sendo a extensão da esfera pública”. Nota-se que Maggie assume uma posição inferior ao personagem masculino Pete – *bartender*, parceiro de Maggie – (CRANE, 2006, Cap. VI, p.23):

---

<sup>180</sup> Descendo a avenida, vinha perambulando, arrogante, um mocinho de dezesseis anos, embora já possuísse o crônico sorriso escarvalho de uma virilidade precoce e ideal.

<sup>181</sup> Enquanto Jimmie e seu amigo trocavam detalhes descrevendo suas proezas, Maggie inclinou-se para trás na sombra.

*His mannerisms stamped him as a man who had a correct sense of his personal superiority [...] Maggie thought he must be a very elegant and graceful bartender [...] Here was a formidable man who disdained the strength of a world full fists. Here was one who had contempt for brass-clothed power; one whose knuckles could defiantly ring against the granite of law. He was a Knight*<sup>182</sup>.

Em seu relacionamento com Pete, Maggie adota o mecanismo de defesa, a ilusão, a fuga da realidade para um mundo de sonhos, cuja perspectiva da realidade é distorcida. Crane demonstra a ironia ao enfatizar a ideia romântica que tem de seu namorado, ou outra espécie de parceiro. Ao mostrar que Pete, tão moralmente degradado quanto os demais, recebe um pedestal em que a imagem que suscita em Maggie é colocada, evidente no trecho a seguir (CRANE, 2006, Cap. V, p. 21):

*Maggie perceived that here was the beau ideal of a man. Her dim thoughts were often searching for far away lands where, God says, the little hills sing together in the morning. Under the trees of her dream-gardens there had always walked a lover*<sup>183</sup>.

Numa compreensão mais ampla, consideramos que as diferenças entre os gêneros, levam, do mesmo modo, às diferentes percepções da esfera social cujas representações estão estruturadas e organizadas dentro dos parâmetros criados por tais distinções. O universo social é baseado no conceito de gênero, uma vez que as relações estabelecidas entre os sexos dão poder de forma diferente, no sistema de relações sociais.

É evidente, que por meio das relações, Crane enfoca a oposição entre realidade e fantasia, principalmente na representação do romance de Maggie com Pete, sendo que Maggie representa a visão irônica do mundo naturalista na Rua Bowery ao demonstrar que a inocência da personagem é destruída pela doença da pobreza e o vazio moral que a circunda.

---

<sup>182</sup> Seus modos lhe conferiam o ar de um homem que possuía o senso exato de sua pessoal superioridade [...] Maggie pensou que ele deveria ser muito elegante e um bartender gracioso [...] Ali estava um homem formidável que desdenhava da força do mundo com punhos erguidos. Ali estava aquele que desprezava o poder vestido de dinheiro, aquel cujos nós dos dedos podiam desafiadoramente ressoar contra o granito da lei. Ele era um Cavaleiro.

<sup>183</sup> Maggie percebeu que ali existia o ideal de homem. Seus pensamentos profundos estavam sempre a procura de um lugar longe onde, Deus diz, os pequenos montes cantam juntos na manhã. Sob as árvores do jardim de seus sonhos sempre andava um amante.



Essa oposição se dá do mesmo modo quando a personagem conhece os lugares mais frequentados da cidade. Ao lado do namorado, percorre a Rua Bowery passando por bares, teatros, onde outros sons são ouvidos, e a arte se torna uma válvula de escape (CRANE, 2006, Cap. VIII, p.32):

*The theatre made her think. She wondered if the culture and refinement she had seen imitated, perhaps grotesquely, by the heroine, could be acquired by a girl who lived in a tenement house and worked in a shirt factory*<sup>184</sup>.

Maggie indica representar uma nova estratégia antiromântica, opondo-se às convenções estéticas de caracterização e papel da heroína, além de ser uma figura desenhada por Crane por onde são expressas as ideias sobre a mulher e o conhecimento acerca do feminino, correntes no século XIX, especialmente a mulher marginalizada na figura de uma prostituta de rua. Sobre a prostituição e a relação de poder entre os sexos que se estabelece com a situação de prostituição, Claudine Legardinier (2009, p.198) argumenta que:

A análise feminista considera a prostituição a situação mais extrema da relação de poder entre as categorias do sexo. Transformadas em objetos e então sujeitas à violência, as mulheres são coisificadas em prol da sexualidade irresponsável dos homens.

Somando-se todas as exclusões e rejeições que são excessivas no romance torna-se prostituta e mentalmente perturbada. Maggie habita as margens da sociedade, pois é pobre, mulher e prostituta.

As personagens protagonistas são representadas como se fossem intelectualmente e moralmente inferiores e incapazes de se emancipar. Apesar de serem mulheres prostitutas e estarem no centro da história, a representação da mulher na *Tenement Fiction* norte-americana acentua o aspecto frágil e ingênuo das personagens, tal como ilustra Crane (CRANE, 2006, Cap. I, p.7) ao descrever a personagem Maggie como: “*a small ragged girl dragged*”<sup>185</sup> e ao apresentá-la como

---

<sup>184</sup> O teatro a fez pensar. Ela cismou com a cultura e com o refinamento que ela tinha visto ser imitados, talvez grotescamente, pela heroína, que podia servir para qualquer garota que morasse em um cortiço e trabalhasse em uma fábrica de camisas.

<sup>185</sup> Uma garotinha esfarrapada.

se fosse intelectualmente inferior, quando estando no teatro com Pete, acredita que os bonecos de um ventríloquo possam falar (CRANE, 2006, p.27):

*A ventriloquist followed the dancer. He held two fantastic dolls on his knees. He made them sing mournful ditties and say funny things about geography and Ireland. – Do dose little men talk? Asked Maggie. – Naw, said Pete, it's some damn fake. See?*<sup>186</sup>

Cintia Schwantes (2006, p.1), em *A Voz da Louca*, defende que as personagens femininas loucas estão presentes na literatura desde o século XVIII em várias representações. Inclui também em suas reflexões a seguinte constatação, a de que:

[...] a ficção de mulheres, e principalmente a partir do final do séc. XIX, vai tratar do tema da loucura de forma empática, inclusive dando voz a personagens loucas e mesmo usando-as como protagonistas. Essas personagens habitam duplamente as margens: tanto por serem mulheres, quanto por serem loucas. Dessa forma, elas ocupam, de forma cabal, o lugar do Outro. Espaço de reflexão sobre o Mesmo, as mulheres loucas da literatura talvez prefigurem o cansaço de algumas das estruturas sociais vigentes.

Além disso, Schwantes (2006, p. 1) afirma que: “Em uma sociedade patriarcal que depende do silenciamento do Outro para se manter funcional, os espaços de expressão pessoal reservados às mulheres são escassos e restritos”.

Acreditamos ser relevante observar que, ao escolher como protagonista da história uma menina que se torna mulher cedo, pois deixa a casa e começa a trabalhar como prostituta ainda adolescente, existe uma percepção masculina sobre a constituição feminina nessa metáfora destacada na presença da imagem de uma “mulher-menina”.

Segundo DOTTIN-ORSINI (1996, p. 88), possui um significado marcante ao afirmar que: “Mulher-menina é um pleonasma: a menina é uma metáfora da mulher, por mais estranho que possa parecer. Sempre comparada pelos cientistas seja ao selvagem, seja à criança, eterna menor [...], a mulher era mais precisamente [...] um *adulto inacabado*”.

---

<sup>186</sup> Um ventríloquo entrou após a dançarina. Ele segurava dois fantásticos bonecos em seus joelhos. Ele fez com que entoassem uma canção simples e melancólica e dizer coisas engraçadas sobre a geografia da Irlanda. – Aqueles homenzinhos realmente falam? Perguntou Maggie – Não, disse Pete, são umas merdas falsas, vê?

De garota inocente, “*a small ragged girl*”, Maggie torna-se uma prostituta “*a girl of the streets*”. Acreditamos que Maggie representa as imbricações da mulher imigrante relacionadas ao estigma da prostituição, cuja presença degradante nas ruas indica uma mobilidade espacial, que contraria as ideias de comportamento ligadas ao feminino.

São relevantes as observações feitas a respeito do ser feminino difundidas por Sigmund Freud e Claude Lévi-Strauss, no século XIX, levantadas por Gayle Rubin (1975, p.1) ao declarar que:

[...] eles não vêem as implicações do que estão dizendo, nem a crítica implícita que seus trabalhos podem gerar, quando submetidos a um olhar feminista. Ainda assim, eles fornecem instrumentos conceituais com os quais é possível construir descrições da parte da vida social que é o *lócus* da opressão das mulheres, das minorias sexuais e de determinados aspectos da personalidade humana nos indivíduos.

Está claro que para a mentalidade da época a rua seria o espaço perfeito para a prostituição e Crane expressa essa influência. A expressão frequentemente utilizada pelo romancista, *Go teh hell!* – [Vá para o inferno!], assume um significado especial no romance de Crane, o de rua. Como afirma Roberto Damatta (1997, p.38): “ser posto pra fora de casa” significa algo violento.

## 2.5 A Metamorfose da Musa: imagens demoníacas da mulher

Uma personagem marcante que nos intriga é a mãe de Maggie, Mary Johnson, imigrante irlandesa, pobre e bêbeda, cuja impressão do autor, por meio de sua caracterização, permite introduzir uma nova leitura, observando atentamente o contraponto perceptível que existe entre o papel feminino desempenhado por ela, no romance e pela filha, Maggie.

Acreditamos que o papel desempenhado por Mary exerce uma função fundamental ao demonstrar a existência da mulher imigrante de classe baixa do

século XIX, bem como confirmar a tendência de escritores como Stephen Crane em retratar tipos femininos, fundamentados na mentalidade misógina, nativista e reformista que se estabeleceu mais fortemente no século XIX.

Surgem textos cujos temas eram as questões relacionadas à imigração. A preocupação mais pontual era o futuro da nação americana que seguia três posições principais, segundo Irving (IRVING, 1993, p.31): os Nativistas, cujas ideias se baseavam em argumentos racistas, xenófobos e que eram fundamentadas no aspecto de inferioridade em relação à genética dos anglo-saxões; os Americanistas, cujas ideias eram fundamentadas nas questões culturais e meio ambiente e a dos chamados “*cultural pluralists*”, os quais combatiam as ideias americanistas por meio de argumentos que defendiam a presença dos imigrantes nos Estados Unidos e eram a favor do multiculturalismo, acreditando ser necessária sua existência para o desenvolvimento da nação americana.

Essas linhas de pensamento estão refletidas nos trabalhos literários e mostram uma gama de significados usados em determinado campo discursivo transposto em áreas como a literatura e em trabalhos representativos como o de Crane. Se essas categorias definem tipos específicos da mulher no século XIX, servem ao mesmo tempo para construir, por meio das representações, as diferenças. A esse respeito, Irving (IRVING, 1993, p. 31, tradução nossa) argumenta que:

*Categories defining specific types of females in the nineteenth century were frequently used to construct racial difference [...] the floating signifier “immigrant” became discursively fixed as a racialized category through its linkage to the signifiers ordinarily used to construct femininity.*<sup>187</sup>

Por meio dessas categorias, a mulher imigrante foi debatida em diferentes versões na narrativa sobre o gênero feminino na virada do século na América. O discurso do “grotesco” e de mulheres que representam um feminino vulgar, desregrada a prostituta, a mulher de classe trabalhadora, pobre.

---

<sup>187</sup> Categorias que definem tipos específicos de mulheres no século XIX eram frequentemente usadas na construção das diferenças raciais [...] o flutuante significante “imigrante” tornou-se discursivamente fixado como categoria racial por meio de sua ligação com os significantes comuns usados para construir a feminilidade.

Ela contrariava o papel que se esperava da mulher segundo a mentalidade da classe média desse período. A recorrência da presença da mãe nas obras naturalistas não é aleatória e desempenha uma função específica ao representar uma ideologia nativista, xenófoba e misógina, muito mais preocupada com as questões ligadas à sexualidade feminina e à imigração, nos Estados Unidos, ideias essas discutidas entre os grandes pensadores masculinos da época.

Os nativistas consideraram a imigração uma invasão “*alien*” e a mãe imigrante como o “receptáculo de genes inferiores” e com a sexualidade exagerada, descontrolada, tornado a classe dos imigrantes uma classe de fecundidade acentuada.

Esse preconceito foi disseminado na cultura do século XIX e muitos autores, cientistas, médicos e outros homens especialistas no assunto sobre sexualidade feminina e a prostituição faziam a ponte entre a mulher e a ninfomania, principalmente ao se referirem à mulher imigrante. Irving (1993, p.33, tradução nossa) argumenta que: “*Constructed as the receptacle of inferior genes, as well as a figure of excessive and preternaturally fecund sexuality, the immigrant mother was overdetermined in nativist writings as a racial threat*”.<sup>188</sup>

Feldman (1967, p.196) diz que a ligação entre a prostituição e os imigrantes “*aliens*” foi solidificada no imaginário público bem como o assunto da prostituição alimentou episódios nativistas nos Estados Unidos, percebidos numa das reportagens feitas pelos investigadores federais, ao apontarem que: “*A very large proportion of the pimps living in the United States are foreigners [...]*”.<sup>189</sup>

As condições da mulher imigrante são claramente percebidas nesse relato de um dos investigadores da Comissão de Imigração nos Estados Unidos em 1910 (apud. FELDMAN, 1967, p.198, tradução nossa):

*The alien woman is ignorant of the language of the country, knows nothing beyond a few blocks of the city where she lives, has usually no money, and no knowledge of the rescue homes and institutions which might help her, [...]*<sup>190</sup>.

---

<sup>188</sup> Construída como um receptáculo dos genes inferiores, bem como uma figura de excessivamente natural e de fucunda sexualidade, a mãe imigrante estava sobredeterminada nos textos dos nativistas como uma ameaça racial.

<sup>189</sup> Uma grande parcela de cafetões morando nos Estados Unidos era de estrangeiros [...].

<sup>190</sup> A mulher imigrante ignora a língua do país, não conhece nada além dos poucos quarteirões da cidade onde mora, geralmente não tem dinheiro, nem conhecimento das casas de Socorro e instituições que poderiam ajudá-la, [...].

Torna-se necessário, então, mostrar como textos como os de Crane desenvolvem estratégias discursivas e retóricas que andavam lado a lado com a cultura e ideias nativistas, cuja recorrência da figura da mãe segue uma determinada construção através do discurso à das questões ligadas a Raça, Imigração e Mulher.

Em comparação com outras obras da época em que tal recorrência possui uma função e espaços específicos e complexos nas obras do século XIX, as quais revelam existir problemas que envolvem as questões ligadas à raça e ao gênero, *Maggie* torna-se um texto exemplar por meio da representação de Mary na figura de uma mãe grotesca, monstruosa, uma anti-mãe que se contrapõe à ideia de mãe carinhosa, sentimental.

Ao observar a descrição da figura representada pela mãe de Maggie, verifica-se que ela ilustra, por meio da descrição física da mulher imigrante, a prostituta. Há uma desordem em sua caracterização física. Aparece sempre descomposta, despenteada e displicente. Os aspectos masculinizantes são utilizados por Crane ao retratá-la e aproximar física e moralmente a mulher imigrante da prostituta.

Sander Gilman (1985, p.205) faz referência à análise feita pelo médico Pauline Tarnowsky, que circulava pelo país, das descrições das mulheres prostitutas na virada do século, em que descreve a aparência delas, instituindo um padrão de fisionomia comum da prostituta, *“physiognomy of prostitute”*. As convenções revelam uma vertente paternalista contida em seus trabalhos. Gilman (GILMAN, 1985, p. 206) afirma que: “[...] *in the iconography of the nineteenth century is the linkage of two seemingly unrelated female images – the icon of the Hottentot female and the icon of the prostitute*”<sup>191</sup>.

Roberts (1998, p.272) declara que com a ascensão das teorias médicas muito se discutiu sobre a mulher e que alguns cientistas do século XIX como o criminologista Cesare Lombroso acreditavam que a prostituta era um ser primitivo. Segundo Lombroso, “a mulher primitiva, era sempre uma prostituta”.

As prostitutas nessa época foram analisadas e segundo Roberts (1998, p. 271) foram “categorizadas em graus ridículos: segundo o local que trabalhavam, ou até que ponto os médicos as consideravam “sedutoras” (em uma escala de cinco) [...] uma tentativa de corroborar com a hipótese científica de que eram anormais [...]”. Para Lombroso as mulheres criminosas eram feias, afirmando que: “[...] todas

---

<sup>191</sup> [...] a iconografia do século XIX está ligada a duas aparentemente não relacionadas imagens femininas – o ícone mulher “Hottentot” e o ícone da prostituta.

tem o mesmo tipo viril e repugnante [...]” (apud. DOTTIN-ORSINNI, 1996, p. 37). A prostituta foi considerada uma infratora por muitos anos, já que punha sob risco o casamento e a família.

Entre os cientistas cuja prostituta era o centro de suas especulações, dizia-se “que a prostituta podia ser considerada mentalmente subdesenvolvida, fisicamente deformada e subumana”. Essa ideia de inferioridade da prostituta difundiu seu estigma perfeitamente fundado nas descobertas científicas. Desde então, fundamentaram suas ideias em questões referentes às diferenças sexuais, de raça e de classe.

Na descrição de Mary esse padrão de fisionomia é percebido na imagem de uma mulher masculinizada, degradada (CRANE, 2006, Cap.II, p. 8, tradução nossa): “*a large woman was rampant [...] the mother’s massive shoulders heaved with anger [...] of the huge arms [...] the wife put her immense hands on her lips*”<sup>192</sup>.

A natureza degenerada e seu comportamento agressivo demonstram a ênfase dada exageradamente ao seu caráter grotesco e monstruoso, especialmente quando por meio dela, Crane realiza inversões irônicas, revelando as contradições morais no julgamento da classe menos favorecida. Contraditoriamente, Mary, que possui uma energia destrutiva, do mesmo modo que outros personagens que não têm consciência de seu papel, pois vê em Maggie a própria personificação do mal quando na verdade, o caminho da filha é o reflexo do exemplo e educação dados por ela. Quando Maggie é seduzida por Pete, Mary diz (CRANE, 2006, Cap.XIII, p. 48): “*She had a bad heart, dat girl did, Jimmie. She was wicked teh deh heart an’ we never knowed it*”<sup>193</sup>.

Sem um bom modelo que a influenciasse Maggie experimenta o sexo antes do casamento com Pete porque ela não é orientada pela mãe, ao contrário, é posta para fora de casa. Sua ingenuidade e impetuosidade fazem com que ela acredite em qualquer outra coisa disponível que lhe permita sobreviver sem a orientação e apoio dos pais. Crane tenta mostrar que Maggie não possui controle sobre a sua vida por causa das forças externas potentes que a comandam.

O sadismo e o humor cáustico de Mary trazem à tona o pensamento do autor que a veste de demônio, almejando enfatizar a ausência de humanidade e

<sup>192</sup> Uma mulher enorme era galopante [...] os ombros maciços da mãe arfavam com raiva [...] de braços enormes [...] a mulher pôs suas imensas mãos em seus lábios.

<sup>193</sup> Aquela menina tinha um mau coração, Jimmie. Tinha o coração perverso e nunca desconfiamos disso.

espiritualidade da classe pobre e mostra uma mulher cujo papel de mãe nada tem a ver com os aspectos femininos que lhe são peculiares, sendo classificada como uma representante da “antimãe”. Sua presença inverte os paradigmas da classe média sobre a ideia de feminilidade, sobre a vida doméstica.

É na voz de Mary que o autor expõe sua estratégia narrativa fundamentada no humor sarcástico e na ironia, a fim de realizar a crítica do papel desempenhado pela mãe apontando para a desumanização da personalidade, marcados pela perda dos valores morais. É nítida a importância que o autor dá à representação da vilã em Mary, apontando para a desvalorização do outro, especialmente da mulher imigrante. Sem consciência de suas ações, Mary se indigna com as opções da filha e não consegue enxergar a si mesma como a causadora da destruição do ambiente e da autoestima de Maggie e que questiona na ocasião da morte da menina prostituta (CRANE, 2006, Cap. XIII, p.48): “*Wid a home like dis an’ a mudder like me, she went teh deh bad*”.<sup>194</sup>

A ironia está presente na fala da mãe de Maggie, acentuando o seu aspecto ríspido. O texto de Crane possui uma construção retórica do real peculiar, com a qual percebemos uma distorção dos sentimentos e sensações, portanto, é evidente que a partir de Mary o autor deseja, por meio da ironia e da forma espetacular de seus textos, demonstrar as contradições existentes na cultura popular.

Por outro lado, percebemos que a endemonização do outro é uma clara evidência do discurso paternalista/colonial. Uma das cenas mais pitorescas e dramáticas, em que estão apontadas as contradições morais, é a cena em que Mary fica pasma com o comportamento leviano da filha, quando esta sai de casa como o namorado, simbolizando uma possível perda da virgindade (CRANE, 2006, Cap. XIII, p.48):

*“An’ wid all deh bringin’ up she had, how could she?” moaningly she asked of her son. “Wid all deh talkin’ wid her I did an’ deh t’ings I tol’ her to remember? Whe a girl is bringed up deh way I bringed up Maggie, how kin she go teh deh devil?”*<sup>195</sup>

---

<sup>194</sup> Mesmo com um lar como esse e uma mãe como eu ela se perdeu!

<sup>195</sup> E apesar de toda a educação que recebeu, como foi capaz disso? – perguntava, gemendo, ao filho. – Com tudo o que conversei com ela, e todas as coisas que lhe disse para não esquecer! Quando se educa uma rapariga como eduquei Maggie, não poderia perder-se!



O modelo de Mary nos dá ideia de que Crane desejou construir uma personagem que seria a inversão maligna do ideal de mãe desejado pela classe média. Sua maternidade é mostrada como sendo abominável. Na verdade o que se constata é que o autor constrói a imagem dessa mulher degenerada, tentando enfatizar suas características físicas assimétricas e desordenadas, destacando do mesmo jeito os aspectos do caráter indomável da figura dessa mãe, deixando à mostra inúmeros tabus que fazem do corpo da mulher algo muito grotesco.

Assim, a relevância dada ao corpo da mulher prostituta expondo sua sexualidade por meio das caracterizações como fêmeas viris ou como “anomalias biológicas com sexualidade masculina” podiam então explicar o enigma que envolvia a sexualidade da mulher prostituta; responde a dúvida que paira de como uma mulher que supostamente é considerada pelos conceitos vitorianos de feminilidade como assexuada poderia se tornar sexualmente ativa. Roberts acrescenta que (1998, p. 273):

Na verdade, a prostituta, segundo estes atributos, estava tão longe do ideal vitoriano da mulher frágil, despersonalizada e passiva quanto seria possível se chegar [...] cada termo de abuso era usado para definir o outro: “pobreza de espírito”, “degeneração”, “imoralidade” – “prostituição”. O resultado final era estabelecer um círculo vicioso de definições que aprisionavam a prostituta em um status proscrito quanto o destino. A partir de agora ela seria a Outra: para sempre separada da tribo superior dos seres morais que a julgavam.

Sempre apresentada como perturbada pelos devaneios provocados pelo álcool, Mary representa a “Giganta” que na explicação de Dottin-Orsinni (1996, p. 31) é o inverso da imagem da mulher feminina, cujo corpo é pouco acolhedor, demonstrando o terror, a aversão ao feminino. Concordamos com a autora ao afirmar que: “De qualquer modo a origem desse tipo de iconografia é evidente: trata-se da paródia perversa das composições alegóricas que representam a Caridade, a Natureza fecunda – Deusa-Mãe ou Bela Jardineira”. Ao buscar descrever as representações da Giganta, Dottin-Orsinni (1996, p. 35) declara que:

Para obter efeitos semelhantes, a literatura recorreu à ilusão de ótica, às alucinações, aos pesadelos e às visões provocadas pelas drogas. Um cenário opressivo longamente descrito era muitas vezes

necessário para que, de uma mulher comum, surgisse a Giganta e todo seu horror. A sexualidade da classe pobre fica em evidência, bem como as questões de fecundidade.

A descoberta do corpo e da sexualidade da classe pobre simultaneamente implica a descoberta das diferenças raciais as quais eram colocadas em posição inferior. A mãe imigrante, moradora dos *tenements* é vista pelos nativistas como uma mãe monstruosa, que abnega da responsabilidade biológica e moral pelas crianças e isso é a prova de sua monstruosidade e a fecundidade repugna ou assusta, sendo que nesse caso (DOTTIN- ORSINI, 1996, p.56): “O horror à mulher simplesmente tomou a forma do horror à geração [...]”. No século XIX, a resposta dos pensadores da época para as questões femininas ainda não reveladas é, no mínimo, hipócrita e ambivalente e ligada ao racismo. Do mesmo modo, a mulher torna-se a inspiradora e a figura central de muitos trabalhos desenvolvidos nesse século tal como expressa Dottin-Orsinni (1996, p.20) a seguir:

No final do século passado, a misoginia imemorial permitiu-se uma violência, uma hipocrisia e uma ambivalência ainda mais impressionantes porque ainda muito próximas de nós; de modo flagrante, aparecem os laços que as unem às forças do racismo [...] Mas, sobretudo, nunca o “problema da mulher” apareceu tão nitidamente como a própria base da expressão artística.

Diante dessas representações identificadas na seguinte passagem em *Maggie*: “*The saloon door opened with a crash, and the figure of a woman appeared upon the threshold. Her gray hair fell in knotted masses about her shoulders. Her face as crimsoned and wet with perspiration. Her eyes had a rolling glare*”<sup>196</sup> percebemos que Crane enfatiza a natureza degenerada de Mary, buscando representá-la como uma mulher grosseira, cujos movimentos são exagerados e deselegantes.

---

<sup>196</sup> A porta do *saloon* abriu com estardalhaço e a figura de uma mulher apareceu sobre o limiar. Seus cabelos grisalhos caíam em tufo sobre seus ombros. Sua face estava avermelhada e transpirando. Seus olhos tinham um olhar desgovernado.

Suas expressões faciais ganham destaque (CRANE, 2006, Cap. V, p. 19): “*Her flaming face and rolling eyes were a sort of familiar sight on the island*”<sup>197</sup>, bem como o tamanho excessivo. São enfatizados os seus componentes masculinizantes, porém nada se diz sobre os componentes femininos da mãe de Maggie. Para nós tal representação seria a morte da Musa, antes dócil, serena agora selvagem e tomada pela ira (CRANE, 2006, Cap. V, p.25). “[...] *Maggies red mother, streched on the floor, blasphemed and gave her daughter a bad name*”<sup>198</sup>.

Grande contribuição às nossas observações e reflexões é dada por Dottin-Orsini (1996, p. 24) ao declarar que: “De qualquer maneira, no final do século, a Musa sofre estranhas metamorfoses. Vulgar para os naturalistas, ela bate nas coxas, tem suas regras (ou cólicas) e, se acontece dar à luz, é no horror e na sânie.”

Orsini (1996, p.41) ao analisar o poema “Uma Carniça”, de Baudelaire, um poema de *Fleurs du mal* destinado à mulher amada, esclarece que no século XIX os temas relacionados à mulher eram tradicionais e “tinham um pouco de *Memento mori* (a morte é inevitável), da imprecisão bíblica modernizada (toda mulher é uma filha de Eva) e do desejo de morte (carniça, seja ela!), “Pois apodrecerá, fausta e fina senhora,/ mor obra-prima de Paris/ Igual a um cão morto!”.

Metáfora da feminilidade, o lixo, a sujeira eram substantivos que serviam para identificar a mulher dada ao prazer, principalmente as prostitutas. O médico higienista Parent-Duchâtelet deixa claro que mesmo enfeitadas com adornos, a mulher esconde a sujeira (apud. DOTTIN-ORSINI, 1996, p. 54). “Parece que as mulheres apreciam a sujeira e o lixo [...] cuidam apenas do que as enfeita e as cobre externamente; o resto é completamente esquecido.

Maggie “*blossomed in a mud puddle*”,<sup>199</sup> revelando não se tratar de um lugar muito aconchegante, onde uma “*pretty girl*” pudesse crescer e ser educada. Enfim, um lugar onde a podridão e os engodos provocados pelo ser humano degradado poderiam fazer uma garota ingênua e bela desviar-se do “bom caminho”.

Dottin-Orsini (1996, p.54) aponta para o fato de o lixo estar frequentemente associado ao mundo feminino dizendo ser importante o que se segue:

---

<sup>197</sup> Sua face flamejante e olhos desgovernados era um jeito de olhar conhecido na ilha.

<sup>198</sup> A mãe escarlate de Maggie, se estatelou no chão blasfemando e amaldiçoando sua filha com nomes sujos.

<sup>199</sup> Floresceu em um atoleiro.

[...] considerar que a muito conhecida predileção dos escritores naturalistas pelo sórdido e pelos aspectos menos apetitosos da fisiologia humana deve ser sistematicamente relacionada com a visão que tinham da mulher [...] Como a prostituta, a mulher em geral é bela por fora, mas suja por dentro [...] podridão, lixo, ou sujeira relacionados sempre com o interior, ou seja, a alma.

Na concepção nativista a mulher imigrante aparece como uma figura complexa. Para os nativistas a mulher imigrante tinha um significado intrínseco com a proliferação dos selvagens. Sendo assim, para os nativistas a mulher imigrante cumpria um papel crucial e o corpo dessa mulher, mais que o corpo do homem, é desenhado como se fosse inferior, mas cuja fecundidade e genética possuíam uma força poderosa.

Segundo Irving (1993, p.36, tradução nossa) em *Maggie*, apesar da descrição e observação de Crane sobre a vida familiar dos Johnson, “*is the immigrant woman, with her physical passage through the tenement door and out into the streets beyond, who most clearly embodies that threat*”.<sup>200</sup>

Em comparação com os personagens masculinos, Mr. Johnson e Jimmie (pai e irmão de Maggie, respectivamente), a presença da mãe, Mrs. Johnson, é monstruosa e bestial, segundo suas características físicas. Tudo nela é excessivo, tanto sua irritabilidade e agressividade, quanto o seu tamanho desproporcional e grande, o que contraria os traços estritamente tidos como femininos (IRVING, 1993, p.37, tradução nossa): “*Her degenerate nature is clearly visible in her physiognomy and character; both her anger and size mark her as excessive, as insufficient feminine*”<sup>201</sup>.

Ela recusa a conexão orgânica que há entre a mulher e o ambiente doméstico, paralelamente, refutando também, a responsabilidade biológico-moral em relação a sua prole. Ela destrói qualquer vestígio de aconchego do lar, contrapondo-se à ideia da classe média sobre a maternidade, invertendo os paradigmas da classe média a respeito da presença da mulher no casamento a ponto de causar um caos familiar.

Mary se afasta do ideal da classe média americana de maternidade, e, na realidade é muito mais uma paródia por meio da inversão do estereótipo da mãe

<sup>200</sup> É a mulher imigrante com sua passagem física pela porta dos *tenements* e sai para as ruas que mais incorpora aquela ameaça.

<sup>201</sup> Sua natureza degenerada é claramente visível em sua fisionomia e caráter, ambas sua ira e tamanho marcam-na como excessiva, porém insuficiente em sua feminilidade.

domesticada. A mãe, em Crane, maldiz o nascimento de seus filhos (CRANE, Cap IV, p.36): “*Damm yeh, git out!*”<sup>202</sup>. Na relação com marido, inverte o paradigma das relações entre marido e mulher.

O lar é problemático e a família é desestruturada, na qual lutas corporais existem e o abuso infantil marca o relacionamento familiar. Nas brigas entre Mary Johnson e o marido, quem vence é a mulher e ao homem lhe resta buscar refúgio na bebida e perambular pelos bares das redondezas.

Para nós seria mais uma indicação de que o álcool seria raiz dos problemas familiares, na classe operária do século XIX. Crane explicita a crença de que a presença do álcool na vida familiar de Maggie foi o canal por onde se atinge a total degradação (CRANE, 2006, Cap.II, p.8, tradução nossa): “*Why do I come an’drin’ whisk here thish way? ‘Cause home reg’lar livin’ hell!*”<sup>203</sup>

O isolamento de Mrs. Johnson’s e sua recusa em manter-se isolada do espaço dos *tenements*, além do caos que impera na família, parecem ser ideias que contrariam as regras pertencentes ao gênero, não assume o papel imposto à mulher pela sociedade, o que se configura como elemento que contradiz as normas e sua representação dos imigrantes em geral, os quais não se adaptam às regras sociais.

Do mesmo modo, Mrs. Johnson’s é uma personagem que representa a fecundidade natural, selvagem e descontrolada; possui três filhos, apesar da crise econômica, moral e afetiva.

A respeito da caracterização grotesca de Mary, Irving (1993, p, 37, tradução nossa) expõe o seguinte:

*Crane constructs an “irregular”, “unruly” female body [...] Mrs. Johnson’s refusal to remain sequestered within the space of tenement, and the depiction of familiar chaos pursuant to the breakdown of gender norms, serves within the novel as a figure for the unassimilability of the alien in general, while her preternatural fecundity serves to argument that threat.*<sup>204</sup>

---

<sup>202</sup> Dane-se! Caia fora!

<sup>203</sup> Por que eu venho aqui para beber “whisky” desse jeito? Porque minha casa é um verdadeiro inferno!

<sup>204</sup> Crane constrói um “irregular”, “indisciplinado” corpo feminino [...] A recusa da Sra. Johnson em permanecer nos espaços dos *tenements* e a representação do caos familiar está em conformidade com as normas de divisão de gênero e serve como figura representativa no romance da não assimilação dos estrangeiros em geral, enquanto sua natural fecundidade serve para argumentar essa ameaça.

Vemos, no relacionamento de Maggie com outra personagem, também prostituta, mas descrita como uma profissional bem sucedida no ramo da prostituição, um entrave que chamou a nossa atenção.

Maggie havia saído de casa há duas semanas e se encontrava em total dependência das atenções de Pete. Nesse momento, para contribuir com a ruína de Maggie, aparece em cena uma mulher cujo brilho e audácia são destacados pelo autor. Por meio de Nellie, contrastando-a claramente com a figura de Maggie, o autor sinaliza a efetiva deteriorização da autoestima de Maggie.

Nellie, impecável em sua aparência, causa excitação em Pete e o deixa em estado de êxtase quando a nota, fazendo com que ele se coloque em sentinela, mostrando sua disposição em atender prontamente as requisições da antiga conhecida. A intimidade de Pete com ela é esclarecida no momento em que ela se refere a ele como *Me boy!* (Meu rapaz). Ele a recebe com indiscreta felicidade estampada em seu semblante, o que deixa Maggie em estado de alerta, fazendo-a perceber a insegurança da relação que existia com seu namorado: *“his face beaming with glad surprise”*.<sup>205</sup>

Por sua vez, Maggie nem ao menos é notada, porque o brilho de Nellie ofusca Maggie tornando-a invisível na situação. Maggie percebe que os modos refinados com que Nellie se apresenta, marcam a influência dos costumes da classe média na classe de trabalhadores pobres.

Ao notar Nellie, Maggie reflete (CRANE, 2006, Cap.XIV, p 51):

*Maggie took note instant note of the woman. She perceived that her black dress fitted her to perfection. Her linen collar and cuffs were spotless. Tan gloves were stretched over her well-shaped hands. A hat of a prevailing fashion perched jauntily upon her dark hair. She wore no jewelry and was painted with no apparent paint. She looked clear-eyed through the stares of the men.*<sup>206</sup>

Maggie torna-se invisível e paralisada diante da situação em que se encontra e não consegue tomar parte das conversas entre Pete e Nellie *“Maggie sat still,*

<sup>205</sup> [...] uma alegre surpresa lhe iluminava o rosto.

<sup>206</sup> Maggie notou a mulher, intantaneamente. Percebeu que o vestido preto lhe caía perfeitamente. A gola e os punhos de linho estavam impecáveis. As luvas amarelas cobriam mãos bem torneadas. Um chapéu da última moda encimava-lhe, vistoso, os cabelos negros. Não exibia jóias e, embora maquiada, não se percebiam as pinturas. Parecia lúcida através dos olhares fixos dos homens.

*unable to formulate an intelligent sentence upon the conversation and painfully aware of it.*<sup>207</sup>

Enquanto a cena se passa, Nelly despreza Maggie: *“She saw Pete’s eyes sparkle as he gazed upon the handsome stranger. He listened smilingly to all she said... She paid no attention to Maggie, looking toward her once or twice and apparently seeing the wall beyond.* (CRANE, 2006, Cap. XIV, p.52).<sup>208</sup>

Maggie ao perceber a total submissão de Pete aos desejos de Nelly, se vê sozinha e desiludida. Esse momento simboliza o início da decadência de Maggie; significa o desmoronamento dos castelos que construiu nos sonhos.

Nellie é tida como uma pessoa insensível cujos interesses se voltam apenas a obter dinheiro, de modo que ela em sua conversa com Pete revela ter abandonado seu último parceiro por culpa do pouco dinheiro que tinha, dizendo (CRANE, 2006, Cap. XIV, p. 52): *“Well, he didn’t have as many stamps as he tried to make out, so I shook him, that’s all”.*<sup>209</sup>

Outra inversão irônica pode ser aplicada nesse episódio por meio da figura de Nell. Crane apresenta a prostituta como se supostamente fosse uma *“woman of brilliance and audacity”* (CRANE, 2006, Cap. XIV, p. 51, tradução nossa), mas na verdade é uma exploradora, preocupada apenas em extorquir algum dinheiro de seus companheiros e não tem escrúpulos sobre “roubar” Pete de Maggie.

Hattie é outra prostituta que surge na história em um dos episódios envolvendo o irmão de Maggie, Jimmie que representa outro exemplo da ironia de Crane. Ela representa para Jimmie o que Maggie representa para Pete, porém Jimmie fica enfurecido quando descobre que Pete destruiu sua irmã e não se reconhece a si mesmo como causador da destruição de Hattie, cruelmente rejeitada por ele nas ruas, como no exemplo a seguir (CRANE, 2006, Cap. XV, p. 56, tradução nossa):

*Oh, Jimmie, I’ve been lookin’ all over fer yehs [...] Jimmie made an impatient gesture and quickened his pace [...] Ah, don’t bodder me! [...] he said, with the savageness of a man whose life is pestered [...]*

<sup>207</sup> Maggie permaneceu sentada, incapaz de formular uma frase inteligente na conversa e sofreu percebendo isso.

<sup>208</sup> Viu fuzilarem os olhos de Pete ao pousarem na formosa estranha. Ele ouvia, sorridente, tudo o que ela dizia [...] Ela não dava mais a mínima atenção à Maggie, olhando uma ou duas vezes para ela, mas como se tivesse olhando para a parede atrás.

<sup>209</sup> Quando descobri que ele não tinha tanta grana quanto aparentava, dei-lhe um fora. Só isso.

*Jimmie turned upon her fiercely [...] Hattie, don' foller me from one end of deh city[...] Yehs makes me tired,[...] Go chase yerself!*<sup>210</sup>

Crane a descreve como uma mulher que se arrasta na multidão, dando a ideia de caminhar com dificuldade, graças ao peso da vida degradada, repetindo o exemplo das outras prostitutas da cidade. É evidente a culpa de Jimmie na ruína da personagem (CRANE, 2006, Cap.XV, p.56): *“The forlorn woman was slow [...] The forlorn woman had a peculiar face. Her smile was no smile [...] as if some one had sketched with cruel forefinger indelible lines about her mouth”*.<sup>211</sup>

Percebemos no romance outro equívoco que demonstra a atmosfera de irrealdade em que estão envolvidos os personagens que se relacionam entre si. Por meio dessas relações em que a perspectiva sobre a realidade está equivocada, que Crane se mostra magnífico na construção de inversões irônicas. Pete não se considera culpado pela má sorte e ruína de Maggie e ainda pensa que possui uma certa respeitabilidade que precisa manter. (CRANE, 2006, Cap. XV, p. 60, tradução nossa): *“What deh hell do yeh wanna hang aroun' here fer? [...] Pete glanced profound irritation. His countenance reddened with the anger of a man whose respectability is being threatened [...]”*.<sup>212</sup>

Ele crê que a culpa pela infelicidade da garota era totalmente da família desestruturada, se eximindo da responsabilidade (Crane, 2006, Cap. XVI, p.59, tradução nossa): *“Pete did not consider that he had ruined Maggie. If he had thought that her soul could never smile again, he would have believed the mother and brother [...] to be responsible for it”*.<sup>213</sup>

---

<sup>210</sup> “Oh, Jimmie, tenho andado à sua procura por toda parte [...] Jimmie fez um gesto de impaciência e apertou o passo. – Não me aborreça ! – exclamou, com a ferocidade do homem que leva uma existência atormentada [...] Voltou-se Jimmie selvagemmente para ela [...] Ouça Hattie, não me siga de um extremo ao outro da cidade...Você me cansa [...] Vá se ferrar!

<sup>211</sup> Uma mulher solitária e desolada percorria a avenida iluminada [...] Eram lentos os passos da mulher desolada [...] A mulher desolada tinha um rosto singular. Seu sorriso não era sorriso [...] como se alguém lhe houvesse desenhado, com dedos cruéis, as linhas indeléveis ao redor de sua boca.

<sup>212</sup> Que diabos você quer aqui me perseguindo? [...] Pete olhou com profunda irritação. Sua face avermelhou-se com a cólera de um homem cuja respeitabilidade está sendo ameaçada.

<sup>213</sup> Pete não pensava que tivesse arruinado Maggie. Se ele tivesse pensado que a sua alma jamais voltaria a sorrir, acreditaria que a mãe e o irmão [...] eram responsáveis por isso.



Assim como o irmão de Maggie, Pete desconsidera a real situação em que ele colocou Maggie, a mulher arruinada por ele, de acordo com os valores sociais. Sua falta de consideração tem suas raízes em valores patriarcais que, apesar de arruinar a vida de mulher, segue em frente sob a liberdade propiciada pela impunidade. Ele a vê como: “[...] *a little pale thing with no spirit*”<sup>214</sup> e diz o seguinte (CRANE, 2006, Cap. XV, p. 58, tradução nossa): “*Pete asserted at once that he never was very much interested in the girl*”.<sup>215</sup>

Pete não se dá conta do mal que fez à Maggie, com suas ações. Quando ela vai até seu local de trabalho, ele demonstra desprezo e como sua família, a rejeita. Maggie é humilhada e abandonada (CRANE, 2006, Cap. XV, p. 61): “[...] *go teh hell, cried he. He slammed the door furiously and returned, with an air of relief, to his respectability*”.<sup>216</sup>

Maggie então sai completamente desapontada andando sem rumo pelas ruas de Nova York e começa a se prostituir. Enquanto isso, Pete torna-se um beerrão e encontra-se rodeado de mulheres, num bar, entre elas, está Nellie. Pete se torna alcoolatra progressivamente e passa a ser o centro das brincadeiras cheias de humor das mulheres. Ele se diverte com a situação e esquece totalmente da existência de Maggie (CRANE, 2006, Cap XVIII, p. 65, tradução nossa): “[...] *sat a man with a half dozen women, geefully laughing [...] The man had arrived at that stage of drunkenness where affection is felt for the universe*”.<sup>217</sup>

Quando, finalmente Pete atinge um grau insuportável de bebedeira sendo inconveniente, é abandonado por Nell, que expressa seu descontentamento e ainda pega o dinheiro de Pete (CRANE, 2006, Cap. XVII, p.68, tradução nossa):

Overwhelmed by a spasm of drunken adoration, he drew two or three bills from his pocket and [...] laid them on the table before the woman [...] The woman of brilliance and audacity stayed behind, taking up the bills and stuffing them into deep [...] She laughed. “ What a damn fool”, she said and went.<sup>218</sup>

---

<sup>214</sup> Uma coisinha pálida e sem vida.

<sup>215</sup> Pete afirmou veementemente que nunca esteve realmente interessado na garota.

<sup>216</sup> - Vá para o inferno! – gritou. Bateu a porta, furioso e voltou, com ar de alívio, à sua respeitabilidade.

<sup>217</sup> [...] estava um homem com meia dúzia de mulheres, que riam e gracejavam [...] Chegara o homem à fase da embriaguez em que a pessoa se afeiçoa ao universo.

<sup>218</sup> Tomado por um espasmo de benevolência causada pela bebedeira, tirou duas ou três notas do bolso e [...] as colocou sobre a mesa diante da mulher[...] A mulher de brilho e

Refere-se a Maggie como “amiguinha de Pete”, “[...] *call your lady-friend over*” e se mostra muito próxima da vida do rapaz que não hesita em sair com ela e abandonar Maggie, sozinha. Maggie se constrange na presença de Nellie e sente-se perdida, atordoada ao perceber que fora deixada por Pete, entrando em estado de choque, por causa da força da desilusão.

Permanece o tempo todo fixada no movimento das portas de entrada do *sallon*, olhando insistentemente para a saída, onde antes o casal tinha se dirigido, esperando ansiosa que Pete voltasse. Crane acentua sua fixação na ideia de retorno de Pete, mostrando o silêncio resignado com que ela permanece a espera infrutífera do parceiro.

A passagem seguinte sinaliza exatamente isso (CRANE, 2006, Cap. XIV, p.54): “*Maggie made no reply. She was watching the doors [...] Maggie was paying no, being intent upon the doors attention [...] The girl was still staring at the door.*”<sup>219</sup>

A inversão irônica que Crane atinge com Mary, Maggie e Nelly põem em pauta as discussões sobre a representação da mulher degradada do século XIX, sendo que essa degradação tem relações profundas com a mentalidade da época, tempo este em que se chocavam os muitos conceitos de feminilidade.

Para conter a sexualidade feminina, muitos tabus infundados foram disseminados oprimindo a mulher, especialmente a mulher imigrante da classe trabalhadora. A solução encontrada pelos autores naturalistas foi a morte da heroína, pondo fim às preocupações da sociedade patriarcal, quanto ao risco que uma prostituta representava.

Em seu relacionamento com Pete, Maggie adota um mecanismo de defesa, a ilusão, a fuga da realidade em possui uma visão distorcida da situação e de Pete interpretado por ela como “*a Golden of Sun*”, demonstrando dependência da figura masculina, tanto fisicamente, quanto emocionalmente (CRANE, 2006, Cap.XIV, p. 50): “*The air of spaniel-like dependence had been magnified [...]*”<sup>220</sup>.

Ela enxerga nele o seu salvador, aquele que a transportará para fora de sua realidade opressiva, sentimento esse, cercado pelo véu que encobre o sonho, pela

---

audácia ficou para trás, pegando as notas e enfiando-as num bolso fundo [...] Riu-se. – Que grande idiota! – disse e saiu.

<sup>219</sup> Maggie não respondeu. Estava olhando as portas [...] Maggie não lhe dava atenção, absorva no movimento das portas [...] A garota ainda estava olhando para as portas.

<sup>220</sup> O ar de canina dependência foi aumentado.

densa fumaça que envolve seus pensamentos, descritos como verdadeiros devaneios.

A dependência emocional de Maggie é marcada pela seguinte passagem na história (CRANE, 2006, Cap.XII, p. 45): *“Maggie was pale. From her eyes had been plucked all look of self-reliance. She leaned with a dependent air toward her companion. She was timid, as if fearing his anger or displeasure. She seemed to beseech tenderness of him”*<sup>221</sup>.

Quando rejeita Maggie, Pete deflagra um sentimento destrutivo que eventualmente a leva à total ruína, pois perde a única maneira, que ilusoriamente, a transporia da realidade caótica à vida interessante e efervescente dos teatros, bares, já que o ideal de Maggie dependia do cavaleiro, o salvador, o homem idealizado para salvá-la, como observamos neste trecho (CRANE, 2006, p.23, tradução nossa): *“Here was a formidable man who disdained the strength of a world full fists. Here was one who had contempt for brass-clothed power; one whose knuckles could defiantly ring against the granite of law. He was a Knight”*<sup>222</sup>.

Ao delinear Maggie sob as marcas naturalistas do efeito do ambiente e da pobreza, bem como utilizar a ironia percebida na representação de uma personagem intocada pelo ambiente, cuja visão da realidade é velada pela imaginação, inserida em um meio ambiente selvagem, o autor é convincente.

A ótica da realidade distorcida, a falta de instrumentos para lidar com a própria realidade e a inocente crença no imaginário são caminhos que fatalmente levam a personagem a cometer suicídio, o que faz acreditarmos que a descrição de Pete como um *“Knight”* não é realmente a impressão de Crane sobre seu personagem e sim a transfiguração romântica de Maggie identificada em *“It apperead that he was invincible in fights”*<sup>223</sup>.

Do mesmo modo a construção ilusória da realidade referente à perspectiva romântica que Maggie tem de Pete, pode ser exemplificada nessa passagem (CRANE, 2006, Cap. VI, p.20-2, tradução nossa):

---

<sup>221</sup> Maggie estava pálida. Dos olhos fora-lhe extraída toda a expressão de confiança própria. Inclina-se com ar de dependência para o companheiro. Tímida, parecia requeixar-se a cólera ou o desprazer. Dir-se-ia que lhe implorasse a ternura.

<sup>222</sup> Aqui estava um homem formidável que desdenhava da força de um mundo violento. Aqui estava alguém que tinha desprezo por poder envolto em cobre, alguém cujas juntas dos dedos poderiam desafiadoramente estourar contra o granito da lei. Ele era um cavaleiro”.

<sup>223</sup> Parecia que ele era invencível nas lutas

*His mannerisms stamped him as a man who had a correct sense of his personal superiority. There was valor and contempt for circumstances in the glance of his eyes. He waved his hands like a man of the world, who dismisses religion and philosophy [...] Maggie thought he must be a very elegant and graceful bartender<sup>224</sup>.*

Crane mostra o quanto Maggie foi drasticamente alterada desde que conhece Pete e passa a ser dependente dele. O olhar de Maggie privilegia a aparência e ao contemplar Pete ainda está embebedada na noção de que ele era o rapaz perfeito.

O último capítulo a vida de Maggie vai se desenrolando progressivamente em direção à transformação que sugere a aproximação da morte. Em todo momento Maggie sofre rejeições, primeiro da mãe, depois do irmão, seguidos pela rejeição de Pete. Ao indicar no texto a frequente e repetida expressão de que “*Maggie went way*”, o autor quer enfatizar os momentos nos quais tais incidentes ocasionais contribuem para o destino fatal da personagem.

Esse capítulo final serve como o último ato de uma peça de teatro, com o anúncio da morte de Maggie e dos momentos de histeria vividos por Mary, a mãe, que teve que suportar a interferência dos vizinhos no episódio da morte de sua filha (CRANE, 2006, Cap.XIX, p. 69, tradução nossa): “*The neighbors began to gather in the hall, staring in at the weeping woman as if watching the contortions of a dying dog*”.<sup>225</sup>

O episódio que mostra os vizinhos e mãe discutindo sobre o perdão de Maggie parece ser mais que um verdadeiro “show”, em parte pela presença da plateia formada pelos vizinhos e em parte pelo exagero das emoções.

Sabemos muito bem que o cinismo e a hipocrisia marcam o romance de Crane e o episódio do sepultamento de Maggie é uma das cenas que mais acentua o caráter imoral dos moradores dos *tenements* e as contradições referentes aos valores humanos. Sabemos também que depois de todos os acontecimentos, as pessoas voltarão para suas vidas, repetindo o que sempre fizeram, do modo como sempre fizeram, fechando o que chamamos de ciclo da vida.

---

<sup>224</sup> Os maneirismos dele o marcavam como um homem que tinha um senso correto de sua superioridade pessoal. Havia valor e desprezo por circunstâncias no olhar de seus olhos. Ele balançava suas mãos como um homem do mundo, que dispensa religião e filosofia [...] Maggie pensou que ele deveria ser um *barman* elegante e gracioso.

<sup>225</sup> Os vizinhos começaram a reunir-se na entrada do cortiço, olhando para a choramingante mulher como se assistissem às contorções de um cachorro morrendo.

O suicídio de Maggie traz em si simbolismos relevantes na história do naturalismo. Uma análise da ocorrência do suicídio da personagem estudada pode demonstrar que em vários pontos do Naturalismo as mulheres são representadas de forma muito semelhante, e que, talvez por isso, mereceram sempre o mesmo desfecho como castigo. Passamos então para o capítulo final desse trabalho em que discutimos as contradições e implicações da morte de Maggie no romance e na representação da personagem feminina.

### **CAPÍTULO 3**

## ***FALLEN WOMAN: A MORTE E O SILENCIAMENTO DA VOZ FEMININA***

*“Where her sins will be judged... – Deh Lord  
Gives and deh Lord takes away,[...]”.*

Stephen Crane

### 3.1 A Degradação e a morte da personagem feminina

Nas histórias de suicídio da *Slum Fiction* podemos encontrar pontos convergentes e traçar paralelos entre Maggie e várias heroínas mortas no final da história. Acreditamos ser importante descrevê-las e aproximá-las. Damos particular destaque à relação que existe entre as personagens Maggie de Crane e Cora Strang de Fawcett, que apesar de apresentarem diferenças pontuais no que se refere ao conflito e a transformação moral que sofrem durante a história, participam da mesma história de declínio e morte presente na literatura do século XIX.

Cora em *The Evil That Men Do* é considerada a precursora de Maggie, mas possui diferenças pontuais que as afastam, porém difundiu do mesmo modo o arquétipo da mulher incapaz de sobreviver na sociedade degradada sozinha. Assim como a personagem de Crane, convive em um lugar que não é adequado sendo chamada de “[...] a delicate blush-rose in the midst of mirk and solilure<sup>226</sup>” (FAWCETT, 1889, p, 9, tradução nossa).

Nos primeiros momentos parece ser a personificação da virtude, porém se torna uma prostituta da mais baixa classe, a “*streetwalker*” ou prostituta de rua, a qual simbolizava os vícios e a fraqueza feminina diante de um mundo degradante.

No romance de Fawcett (1889, p.66, tradução nossa), a personagem é apresentada como uma pessoa corajosa, honesta e resignada: “*Oh, I don’t see many fellers, as you call’em. I live quiet – ever so quiet. I’m workin’ all day, and I’m mostly pretty tired when night comes*”<sup>227</sup>, que só após uma longa luta interna, transforma-se numa prostituta devassa e morre pelas mãos de Owen, o “anjo da morte”, aquele que pôs fim à vida de uma mulher transgressora e que falhou ao tentar ser mulher.

Maggie e Cora fazem parte de uma verdadeira cruzada contra o feminino nas histórias de decadência e morte e estão ligadas a outras personagens femininas. São reconhecidas nas personagens suicidas ou mortas por seus “*angels of mercy*”. Não fogem ao modelo da heroína de Émile Zola (s.d., p.29), que faz uma descrição

<sup>226</sup> Um botão delicado de rosa, no meio da escuridão e da solidão.

<sup>227</sup> Oh, Eu não posso ver muitos caras, como você falou. E vivo quieta – muito quieta. Eu trabalho o dia todo e na maioria das vezes estou cansada demais quando a noite chega.



repugnante e aterrorizante da morte da prostituta Naná, personagem prototípica da prostituta da literatura naturalista, a qual vale a pena registrar aqui:

Naná ficou só com a face voltada para o teto, iluminada pela luz da vela. Era uma pasta de carne putrefata, uma mistura de humores purulentos e de sangue, ali abandonada sobre uma almofada. Pústulas tinham invadido todo o rosto, as marcas da varíola pegadas umas às outras. Descoradas, flácidas, com uma cor acinzentada de lama, pareciam fungos nascidos na terra, sobre aquela informe máscara, onde era já impossível reconhecer os traços fisionômicos. Um olho, o esquerdo, afundava-se no borbulhar da purulência. O outro, semiaberto, enterrava-se cada vez mais, como um buraco negro e apodrecido. O nariz supurava ainda. Uma grande crosta violácea partia de uma face, invadia a boca, torcida num riso abominável.

Com essa descrição, bem próxima do relato feito por um médico observador não deixa dúvidas de que o autor quer apontar para as consequências terríveis que, a vida baseada nos vícios e nos excessos, pode ter.

Maggie e Cora do mesmo modo, não se distanciam da personagem de Flaubert, Emma Bovary cujo remorso a leva a envenenar-se (Flaubert, 1971, p.243): “Num mesmo instante, começou-lhe o peito a ofegar rapidamente. A língua saiu-lhe toda da boca; os olhos, num movimento contínuo, amorteciam-se como dois globos de lâmpadas que se apagam [...]”.

Também reconhecemos Maggie e Cora muito próximas à Luiza, em *O Primo Basílio* de Eça de Queiroz. Luiza definha ao mesmo tempo e na mesma medida em que definha sua beleza. Há um fato muito simbólico na cena em que raspa o cabelo. Acreditamos que com o cabelo raspado, expõe um significado de purificação de Luiza, pois os cabelos eram a marca da sensualidade na personagem, fetiche para os homens. Primeiro é dessexualizada e depois morre. Sua morte possui elementos purificadores, aos moldes da mentalidade misógina da época, pois morre nos braços do marido e recebe o perdão. O cabelo despertava os desejos do homem, desejos esses pecaminosos.

No século XIX a literatura traz à tona cenas de horror contra a mulher e segundo Dottin-Orsini, (1996, p. 268): “Estava de volta a mulher que se matava. Não o anjo vitimado, que usava o lado patético, as lágrimas, a fraqueza feminina, e sim a

vítima estripada, feita para satisfazer claramente o sadismo de um espectador”. Afirma também que (DOTTIN-ORSINI, 1996, p. 270):

Matá-la não era apenas o desejo dos heróis considerados, às vezes, neuróticos, masoquistas [...]É também um dever solene, o dever do homem (masculino) para com seus semelhantes, um ato de caridade, de justiça e de profilaxia.

Maggie, então, vem protagonizar uma história que demonstra os limites do ser humano diante da degradação, e mostra que a fronteira imposta a ela é a morte. A solução para uma vida transgressora se dá quando esta morre no final da história, recebendo uma espécie de perdão. Em *Maggie* percebemos essa ocorrência (CRANE, 2006, p.71, tradução nossa):

*Yeh'll fergive her, Mary! Yeh'll fergive yer bad, bad chil! Her life was a curse an' her dayw were black an' yeh'll fergive yer bad girl? Shes gone where her sins will be judged [...] Finally her voice came and rose like a scream of pain. – OH, Yes, I'll fergive her! I 'll fergive her!*<sup>228</sup>

O tema demonstra que o último refúgio para uma pessoa descontrolada e com a vida desorganizada é o suicídio, prova incontestável de sua inabilidade em dirigir a própria vida. Mais uma vez Schätzle (2000, p.191) contribui com nosso trabalho ao relatar que a morte de Maggie pode ter sido provocada pela influência da cidade de Nova York.

Dissemos anteriormente, que a cidade no romance de Crane tem um papel não menos importante que o da protagonista Maggie. Vista como personagem antagonista, torna-se um obstáculo intransponível para a realização dos desejos da personagem.

Segundo Schätzle (2000, p. 191) Maggie possui o anseio, semelhante aos desejos de uma jovem adolescente em ter uma vida divertida, na qual poderia ter acesso à arte em suas muitas expressões. Desejava ardentemente ter uma vida glamourosa na cidade. Contraste óbvio com sua realidade em que os desejos em ter

---

<sup>228</sup> Você vai perdoá-la, Mary! Você perdoará sua filha tão e tão má! A vida dela foi uma desgraça e os seus dias foram negros, mas você perdoará sua filha má, não é? Ela se foi para onde serão julgados os seus pecados [...] Finalmente, sua voz voltou, e se ergueu, num grito de dor: - Oh, sim eu a perdoarei! Eu a perdoarei!

uma vida próspera, com dinheiro, vestes bonitas, tal desejo impulsiona ao fim trágico.

Ela se imagina em outra esfera social, não corresponde à vida que leva junto à família nos *tenements*, porém Maggie convive com uma família de imigrantes, enfrentando muitas dificuldades financeiras. Maggie se imagina diferente de todos que a rodeiam, é a única a pensar sobre si mesma, mas projetando-se para fora dos *tenements* (SCHÄTZLE, 1999, p.1919, tradução nossa): “[...] *Maggie might be the only one who thinks herself special, just like many young girls who imagine themselves as the heroines of romantic novel, movie stars or famous athletes*”.<sup>229</sup>

Uma gama diversificada de crenças criou estereótipos femininos por meio de teorias sobre a mulher que contribuem para a sua condição inferior em relação ao homem. No século em que Maggie viveu a ideia corrente era a de que a mulher deveria ser morta, principalmente aquelas que desobedeciam as regras sociais de conduta. Por trás da noção mórbida estão embutidos desejos instintivos do homem em relação ao sexo oposto, os quais provam haver uma espécie de vingança contra a mulher, ou mesmo uma maneira covarde de domá-la por meio da força e da violência.

Segundo Dottin-Orsini (1996, p.268):

Perpetrando sobre a mulher, o crime sangrento, fortemente dessexualizado, pode tornar-se ambíguo e assumir todas as aparências de uma exibição do instinto, ratificada por Schopenhauer ou Darwin. Mas a cena também sugere prazer de uma vingança masculina violenta [...].

Dottin-Orsini (1996, p. 271) pensa não se tratar de assassinato, mas de “execução limpa e segura”. Lembra um personagem famoso como tema ideal sobre a morte de mulheres transgressoras em *O Estripador*, na figura do lendário Jack Estripador. “Ele não tinha rosto nem personalidade” e afirma que (DOTTIN-ORSINI, 1996, p. 273):

---

<sup>229</sup> Maggie pode ser a única que pensa ser especial, do mesmo modo que muitas jovens que se imaginam a si mesmas como heroínas dos romances românticos, estrelas de cinema ou atletas famosas.

[...] tratava-se de assassinato dissimulado, o assassinato feminino que se via punido no masculino – a guerra dos sexos no assassinato. A prostituta que matavam [...] conjugava os horrores do sexo com os da morte crapulosa ou violenta. Sangue por toda parte.

Para muitos críticos, a morte de Maggie é considerada suicídio. Acreditamos nas duas possibilidades, já que encontramos finais diferentes nas duas edições, porém recentemente a atenção da crítica ponderou o fato de ela ter sido morta, especialmente Keith Gandal e Paul Sorrentino. Eles acreditam que a morte de Maggie Johnson é um homicídio, cujo assassino pode ser reconhecido na figura do homem gordo que a seguiu até o rio. (CRANE, 2006, Cap. XVII, p. 64, tradução nossa) *“When almost to the river the girl saw a great figure. On going forward she perceived it to be a huge fat man in torn and greasy garments”*.<sup>230</sup>

Em *A Cold Case Filed Reopened* o crítico especialista na obra de Crane, Donald Pizer, tenta persuadir os leitores, afirmando que Maggie se suicidou, porém o crítico Robert M. Dowling era contrário às afirmações de Pizer, acreditando na hipótese de Maggie ter sido assassinada, pois é seguida por um homem até o rio, indicando que ela pode ter sido morta por ele.

Os dois críticos debateram o tema da morte da personagem e publicaram seus ensaios, reacendo a discussão. Ponderamos as argumentações de Pizer e Dowling nos próximos itens desse capítulo.

Sobre o tema da mulher resgatada pela morte, Zolin (2009, p.226) acrescenta que: “[...] em muitas histórias a mulher transita de menina inocente à prostituta imoral, para posteriormente regenerar-se, encarnando a mulher anjo, capaz de se sacrificar pelo bem dos que a cercam”.

Os personagens em Crane apropriam-se de temas religiosos. Ao considerar o nome da personagem protagonista Maggie, notamos que carrega em seu significado a referência a uma prostituta cujo estereótipo é perpetuado através dos tempos, a imagem da prostituta cristã Maria Madalena (Mary Magdalena), como exposto nessa passagem quando Maggie esbarra em um homem que passava pela rua (CRANE, 2006, Cap.17, p. 63, tradução nossa): *“Hi, there, Mary, I beg your pardon! Brace up,*

---

<sup>230</sup> Quando estava quase chegando no rio a garota reparou numa grande figura. Mais adiante notou que havia um enorme homem gordo desgrehado em trajes ensebados.

*old girl*'. Devemos lembrar que Mary também é o nome da mãe de Maggie, uma antítese da Virgem Maria.

Críticos de Crane revelam que há uma inversão do Novo Testamento que permeia o romance, porém notamos claramente a crítica inserida nessa inversão. Nesse sentido, nossas reflexões tomaram parte das discussões travadas por Pizer e Dowling e vimos igualmente o papel da religião na obra de Stephen Crane.

### 3.2 Silenciamento da Personagem Pecadora: a morte

O tema da morte sempre foi envolto em mistérios e na literatura naturalista foi explorado com profundidade. A narrativa no século XIX possuía vasta experiência no que se refere à utilização do tema da morte de mulheres que transgrediam as regras da sociedade, por meio da decadente vida experimentada na prostituição. As histórias de morte não aconteceram apenas na ficção, mas também houve muitos escândalos, com particular interesse nas mortes de prostitutas como Sarah Cornell, uma "factory girl" moradora de Massachusets, morta por um pastor, Reverendo Ephraim Avery. Em Boston, Albert Tirell foi acusado de matar Maria Bickford.

Em Nova York, a expansão demográfica e econômica foi cenário de um número significativo de casos de assassinatos famosos, no século XIX. O caso de Ellen Jewett, a mais bonita prostituta foi amplamente reportado na imprensa que se desenvolvia nos anos 1830. Houve também a morte, por causa de um aborto mal sucedido, da "*beautiful cigar girl*", Mary Rogers, o que causou comoção e furor no público atraindo inclusive a atenção de Edgar Allan Poe que escreveu a história *The Mystery of Marie Rosget*, baseando-se nesse caso. Outro caso que teve a atenção da imprensa e do público foi o assassinato de Alice A. Bowsby que muito provavelmente também foi ocasionado pela realização de um aborto.

A regra do naturalismo era causar a morte da personagem feminina no final da história e foi levada a sério pelos escritores, cuja evidência pode ser encontrada nos finais trágicos das personagens. A morte da heroína no final da história também pode ser percebida como a defesa da ideologia que considera a mulher a causadora

dos males e desgraças do homem. Para os naturalistas, a fatalidade é um tema recorrente, assim sendo vários momentos trágicos na narrativa são associados ao destino, que não podia ser modificado. Então podemos afirmar que na obra naturalista, o destino é, por conseguinte, uma força bem maior que a da vontade.

Na representação de Maggie, especialmente no momento de sua morte, notamos que o autor não esclarece bem o episódio, apenas sugere o evento, por meio da utilização de metáforas, o que possibilita pelo menos duas interpretações distintas, mas, para nós é relevante o fato de ela morrer no final.

Crane traz à tona, mais uma vez, o tema da prostituta morta. O assunto da mulher morta foi uma constante no século XIX, não apenas nos Estados Unidos como em muitos outros países, inclusive no Brasil. As páginas dos jornais mostravam aos leitores da Nova York *fin-de-siecle* um cenário de horror e descaso com a vida da mulher. São inúmeras as crônicas policiais que relatam assassinatos violentos cometidos contra a mulher, especialmente contra a mulher transgressora.

A literatura, por sua vez, refletiu os acontecimentos da época e Crane, observador e perseguidor da verdade absoluta em seus trabalhos, recorria às notícias policiais para inspirar suas histórias.

A personagem Maggie é um efeito de caracterização realizada pelo escritor que embora esteja inserida numa sociedade patriarcal, tenciona as questões morais da sociedade. Essas caracterizações atípicas estão presentes na escritura de Crane que por meio de Maggie e sua morte no final, revela as contradições de uma personagem claramente desorientada na vida que, sem nenhuma outra perspectiva, resolve suicidar-se.

Maggie, incapaz de sobreviver e pela busca infrutífera da realização dos desejos por meio do imaginário esconde uma personalidade repleta de anseios e insatisfação com sua condição. Sua frustração e sua incompletude conduzem-na à morte essa anunciada desde que exposta sua inaptidão para viver em sociedade. Maggie prefere a morte ao invés da vida. Sucumbe às forças mórbidas que a rondam.

Investigar os motivos que a levam ao provável suicídio não é nosso fim, pois se trata de assunto que exige reflexões profundas e uma gama variada de fatores que vão além da proposição desse trabalho. Outro elemento importante abordado sobre a condição da mulher é o peso que sofre cruelmente com as convenções sociais e que a impedem de realizar seus sonhos de independência. Nada mais

apropriado que trazer à tona as imagens e memórias de Maggie durante sua existência ficcional.

O suicídio de Maggie apenas é sugerido pelo autor, no final, porém encontra-se já prenunciado diante da fatalidade e pela transcendência da personagem que passa de garota ingênua a prostituta de rua. No final já não conserva a beleza anteriormente irradiada quando jovem e é descrita pelo narrador num de seus últimos momentos como decadente.

Maggie começa a ser confundida com a mãe, prostituta conhecida nas ruas de Nova York, culminando com a rejeição das pessoas por onde passa. Ela já não atrai mais os olhares masculinos, como quando era nova.

A narração de Crane, nos momentos derradeiros de Maggie, sinaliza o fatídico final e cria a atmosfera lúgubre e mórbida propiciada pela descrição do ambiente “[...] *gloomy district near the river [...] She went into the blackness [...] The shutters of the tall buildings were closed like grim lips [...]*”<sup>231</sup> (CRANE, 2006, Cap.XII, p.64).

A subversão moral e a ausência de mobilidade se concretizam na narrativa de maneira que a personagem, sem saída para sua crise financeira, passa a se prostituir. O desfecho trágico da personagem se dá por uma insuficiência da realização de seus desejos e sobrevivência.

Inicialmente a heroína parece se sentir livre para buscar novos caminhos. Não encontrou o afeto e apoio necessários para sobreviver e procura a realização de suas necessidades e desejos no meio das pessoas, longe do lar infernal que vivia com sua família.

Maggie morre de maneira trágica não por causa de suas péssimas escolhas, mas por causa da situação em que ela se encontra. A situação dela a transforma em vítima, o que facilita sua morte trágica. Maggie vive com uma família pobre e desestruturada, também não encontra chances de ter um futuro melhor, apenas apresenta uma possibilidade. Sua única chance é dada porque Maggie é especial e Crane indica a existência dessa oportunidade quando mostra que ela é diferente dos outros moradores (CRANE, 2006, Cap.V, p. 18): “*None of the dirt of Rum Alley*

---

<sup>231</sup> A garota aproximou-se dos escuros distritos perto do rio, onde as altas fábricas escuras fechavam a rua e apenas alguns feixes de luz ocasionais refletiam na calçada... Ela penetrou a escuridão dos quarteirões finais. As venezianas dos altos edifícios estavam fechadas como lábios cruéis.

*seemed to be in her veins*”,<sup>232</sup> mas é corrompida pelo cenário e ambiente em que cresce reforçando a ideia de que as forças exteriores comandaram as escolhas e atitudes de Maggie.

Mesmo tendo uma única chance de mudar seu destino, fracassa, pois tem que buscar meios de sobreviver entre as pessoas da sociedade. O que se constata é que o meio ambiente não oferece à personagem nenhuma forma de realização futura. Na verdade a beleza e inocência de Maggie facilitaram sua vitimização. Na vida de uma pobre garota moradora dos *tenements*, não cabiam tais predicados. Então pensamos que sua especificidade fez dela uma vítima dos julgamentos e de sua própria decadência e morte.

Outro aspecto relevante na configuração predeterminada da morte de Maggie é que ela passa por uma transformação que a conduz à morte, circunstância em que se dá para a personagem uma ausência de normas sociais, quando esta opta pela prostituição. Cabe ressaltar que essa situação foi criada pela própria personagem, ao subverter as regras morais de sua sociedade. Ao se dar conta do fracasso de seus intentos principia a decadência, atingindo o estado de melancolia, dada em face do cansaço da busca pela satisfação dos seus desejos.

A narrativa de Crane evolui para a idealização da realidade de Maggie. Primeiramente ela contempla as novas sensações sugeridas nos encontros com Pete e passeios pela cidade. Começa a vislumbrar a expectativa de uma vida, que segundo ela, seria maravilhosa, depois passa por um estado de melancolia e cansaço da busca da satisfação dos seus desejos e morre.

O sonho de Maggie está na dimensão do irreal. O que Maggie vislumbra não é possível. Ela é apresentada como uma garota dilacerada pela impossibilidade de realização de seus anseios. Não consegue o amor da família, não obtém sucesso na relação afetiva que imaginou com Pete. São sonhos fadados ao fracasso, renunciando um final que ponha fim à história de fracasso.

Maggie começa a ser enterrada pela sociedade num tipo de “túmulo social”. Crane conserva o anonimato das pessoas envolvidas no julgamento da personagem. Um dos episódios mais ilustrativos é o julgamento moral dos moradores do cortiço. Quando descobrem que Maggie havia abandonado a casa da

---

<sup>232</sup> Nada da sujeira da Rum Alley parece correr em suas veias.



família e se entregado ao prazer de viver ao lado de Pete, iniciam seu sepultamento social.

A imagem de Maggie, desde os capítulos iniciais, é irônica porque ela é uma vítima da força destruidora da sociedade. Ela não tem espaço entre a raça humana, pois em tal mundo apenas os fortes sobrevivem. Ela tem que morrer porque é traída pelas próprias circunstâncias naturais, o que significa sobreviver num mundo difícil e violento.<sup>233</sup>

O final de Maggie é um assunto controverso na crítica. Alguns críticos apresentam visões opostas. Interessou-nos aqui as opiniões de Dowling e Pizer quando os dois argumentam sobre o desfecho da personagem. Dowling prega que Maggie possa ter sido assassinada pelo homem que encontra no final “*a huge fat man*” e que a segue “[...] *stands with her at the water’s edge*”.<sup>234</sup> Tem como defensores da mesma proposta Keith Gandal e Paulo Sorrentino, os quais concordam com o argumento de Dowling, considerando a morte de Maggie um homicídio.

Por outro lado, Pizer insiste no argumento de que Maggie tenha cometido suicídio, confirmando suas afirmações baseando-se nos artigos publicados nos anos de 1800, em que verifica que nesse tempo era muito comum encontrar casos reais de prostitutas que cometiam suicídio se atirando no East River.

As ideias sobre o assassinato de Maggie são recentes e contribuem para esclarecer os motivos e circunstâncias de sua morte, ainda pouco reveladas até o momento. Porém o que não podemos contestar é que a personagem morre de fato no final, sendo ou não morta por um assassino, ou que tenha sido por meio do suicídio, o que importa, na verdade, é o fato de Maggie ser uma vítima. Nas argumentações de Pizer (2009, p.36, tradução nossa) encontramos o seguinte:

*The 1896 version is in one sense neutral on the subject of the cause of Maggie’s death in that she arrives at the East River on her*

---

<sup>233</sup> A ideia de estar inserida num mundo onde não há como fugir da herança biológica adquirida pela hereditariedade é mostrada por Crane em seu romance e reflete a teoria proposta por Charles Darwin sobre a sobrevivência das espécies. De acordo com ele, apenas as espécies biologicamente resistentes e fortes podem sobreviver num mundo onde as espécies mais fracas são fadadas a desaparecer.

<sup>234</sup> [...] ficou com ela até à beira do rio.

*downward slide as a prostitute but no specific cause of death is provided.*<sup>235</sup>

Pizer e Dowling discutem suas opostas posições em um debate apresentando seus pontos de vista por meio de uma série de emails.

Pizer fundamenta seus argumentos acrescentando que primeiramente Maggie chega até o rio como uma prostituta e a causa de sua morte não é revelada, por outro lado era uma constante, na arte popular, representar o declínio da prostituta de rua sempre incluindo o suicídio, presumindo que estava na moda essa prática e Maggie não poderia deixar de participar dessa prática corriqueira na literatura do século XIX. Afirma Pizer que: *“My belief that Maggie commits suicide in the 1893 edition of Maggie between the close of chapter XVII, when we leave her at the foot of the East River, and the announcement of her death at the opening of chapter XIX.*<sup>236</sup>

Ele diz que na primeira versão de *Maggie* em 1893, o autor pretendeu demonstrar que a personagem cometeu suicídio, porém só recentemente, a partir da segunda edição do romance em 1896, a cena do *huge fat man* foi incluída, sendo que a morte de Maggie passa a ser vista como um homicídio. Segundo as argumentações de Pizer, juntamente com Stanley Wertheim, Keith Gandal e Paul Sorrentino, Maggie foi assassinada. Pizer (2009, p. 37) diz que:

*[...] most reprints of the work were soon to adopt the 1893 text—brought into prominence the “leering” and probably drunk “huge fat man in torn and greasy garments” who is absent in the 1896 version of the novel but who accompanies Maggie to the foot of the East River in the 1893 version.*<sup>237</sup>

Do mesmo modo, considera que Crane tenha cortado a passagem do *“huge fat man”* por causa da crítica. Acredita-se que Crane quiz fazer com que pensássemos que Maggie se rebelara com sua carreira de prostituta, mas é quase

---

<sup>235</sup> A versão de 1896 é neutra em relação ao assunto da morte de Maggie. Relata quando ela chega à beira do rio em seu declínio como prostituta, mas não especifica as causas da morte.

<sup>236</sup> Minha crença de que Maggie comete suicídio na edição de 1893 no final do capítulo XVII, quando nós vemos que ela chega perto do rio e é anunciada sua morte no início do capítulo XIX.

<sup>237</sup> A maioria das reedições da obra rapidamente adota o texto de 1893 – trouxe em destaque o “malicioso” e, provavelmente bêbado, homem enorme e gordo em roupas rasgadas e enebadas provavelmente que está ausente na versão de 1896 do romance, mas que acompanha Maggie ao pé do East River na versão 1893.

impossível descobrir os motivos de Crane ter mudado o final do romance na versão de 1896.

Keith Gandal (apud. PIZER, 2009) afirma que há duas maneiras de interpretar o caso da morte de Maggie, o que pode revelar que Crane desejava inserir uma ambivalência própria. Por sua vez, Cunliffe (apud. Pizer, 2009, p.38) afirma que Crane caracteriza Maggie segundo as convenções que o papel lhe convinha. Ele notou que Maggie expressa arquétipos comumente encontrados nos artigos de jornais e tais ensaios trazem em suas conclusões o relato da morte de prostitutas que cometem suicídio no East River, acrescentando as seguintes proposições:

*The East River on the lower East Side was an appropriate final destination for New York prostitutes. Many had their origin in East Side slums; the Bowery, the major avenue of the area, was the lowest a prostitute could sink in the pursuit of trade; and the river thus provided a conveniently close and certain means of escape.*<sup>238</sup>

Cunliffe notou que a morte da prostituta estava presente também em Charles Loring Brace, em *The Dangerous Class of New York* (1872), que contém um item chamado “The Street Girl’s End”, no qual mostra uma prostituta que se atira nas águas do rio. Há artigos nos jornais de Nova York, um dos quais publicou uma manchete intitulada “Pier of the Suicides / Three Hundred Have Sought to Use It as the Stepping-Off”. Segundo o senso comum, a virtude e pureza natural da “*slum girl*” era sobreposta pela força corrupta de seu meio ambiente que a levava a se degradar na vida de prostituta e de acordo com o mito, tipicamente acabava em suicídio.

É significativo o fato de que no romance de Crane encontramos ecos das interpretações da prostituta de rua difundidas no momento, considerando o fato de que a pureza da *slum girl* era inata é também que era destruída pelo meio ambiente.

Segundo Pizer (2009, p.39) há uma resposta que comprova a ligação dos motivos da morte de Maggie com a representação arquetípica da personagem prostituta. Segundo ele, há uma passagem de Witt Talmage em *The Night Sides of*

---

<sup>238</sup> O *East River*, na parte mais baixa do *East Side* era o destino final apropriado para as prostitutas de Nova York. Muitas tinham origem nos cortiços do *East Side*; a Rua Bowery, a maior avenida da região, era o lugar ideal da prostituição; e o rio, então, providenciava a aproximação do significado de esconderijo.

*City Life* (1878) em que o Reverendo reformista (TALMAGE, apud. Pizer, 2009, p. 39) deixa clara sua opinião sobre a morte de prostitutas: *“the downward spiral of her life eventually takes her to the street that leads to East river, at midnight, the end of the city dock, the moon shining down on the water making it look so smooth she wonders if it is deep enough.”*<sup>239</sup> Nesse sentido, Pizer afirma que:

*Crane depicts Maggie’s life fully in accord with the stereotype of the East Side prostitute. She has an innate purity—“None of the dirt of Rum Alley seemed to be in her veins”—but the conditions of her life doom her to the streets.*<sup>240</sup>

Finalmente, ela *“went into the blackness of the final block,”* na beira do rio, onde a maioria das prostitutas vão, e encontra um homem, presente na seguinte passagem (CRANE, Cap. XVII, p. 64):

*[...] a huge fat man in torn and greasy garments. His grey hair straggled down over his forehead. His small, bleared eyes, sparkling from amidst great rolls of red fat, swept eagerly over the girl’s upturned face. He laughed, his brown, disordered teeth gleaming under a grey, grizzled mustache from which beerdrops dripped. His whole body gently quivered and shook like that of a dead jelly-fish. Chuckling and leering, he followed the girl of the crimson legions [...] At their feet the river appeared a deathly black hue [...] The varied sounds of life, made joyous by distance and seeming unapproachableness, came faintly and died away to a silence.*<sup>241</sup>

Para Pizer, o homem que aparece no final representa um papel importante na descida de Maggie da cidade iluminada, da vida nas regiões dos teatros e bares da Broadway para a escuridão e a morte na região do East River. Segundo ele, o homem

---

<sup>239</sup> A queda em espiral de sua vida eventualmente a leva para as ruas e vão em direção ao East river, à meia noite, no final das docas da cidade, a lua reflete na água fazendo-a parecer atrativa para que ela se pergunte se é profunda o suficientemente.

<sup>240</sup> Crane representa a vida de Maggie em acordo com o estereótipo da prostituta do East Side. Ela tem uma pureza inata – “Nada da sujeira da Rum Alley parecia correr em suas veias” – mas as condições de sua vida a impulsiona para as ruas.

<sup>241</sup> [...] um homem enorme e gordo em roupas esfarrapadas e enebadas. Seus cabelos grisalhos caíam sobre sua testa. Seus pequenos, olhos turvos, espumando entre grandes camadas de gordura vermelha, encarou a face entumecida da garota. Ele riu, seus escuros e desalinhados dentes reluziram por baixo de um bigode grisalho de onde caíam gotas de cerveja. Seu corpo inteiro gentilmente cambaleava e chacoalhava como uma água-viva morta. Rindo e maliciando, ele seguiu a garota até a região escura [...] Aos seus pés o rio apareceu num tom mortal [...] Os vários sons da vida, trouxe a felicidade distante e parecendo ficar intocável, tornando-se extinta e morreu em um silêncio.

constitui em sua aparência física grotesca o declínio de Maggie em relação a sua própria aparência arruinada. Sua aparência indicava-lhe a impossibilidade de se tornar atraente e conseguir novos clientes. Ele é significativo quando é o único que aceita o convite de Maggie, após ser rejeitada por vários clientes no mesmo capítulo. Ele representa o último degrau da descida da personagem rumo à queda final e que não há mais nenhum nível que ela possa descer.

Ao concluir seus argumentos, Pizer (2009, p.41) declara pensar, em sua leitura do Capítulo XVII, na versão de 1893 que:

*The notion that Maggie is murdered by the “huge fat man,” besides detracting from the symbolic richness of his role in her decline, also does not take into account Crane’s telescoping method in the chronology of the chapter. If the “huge fat man” does murder Maggie, the event would have to occur at the “real time” of their encounter near the river. But Crane has made it clear that we are to think about the events of the chapter not as those of a single evening but as those constituting the key moments in the entire career of a New York prostitute.*<sup>242</sup>

O que percebemos é que Maggie não morre exatamente no momento em que encontra o homem, mas durante o capítulo representando um estágio em seu declínio na circunstância de sua degradação e se aceitamos o lapso de tempo ocorrido entres os estágios da sua decadência, podemos aceitar do mesmo modo que tenha ocorrido lapsos de tempo similares entre a morte de Maggie e o conhecimento dela e entre o aparecimento do homem e sua morte.

Por outro lado, Robert Dowling (2009, p.42) defende a posição de que Maggie tenha sido assassinada na primeira edição em 1893 e tenha cometido suicídio na versão de 1896 e acredita que as mudanças feitas por Crane ocorreram por causa de um processo editorial. Ele expõe o seguinte em seu ensaio: *Crane makes Maggie’s death scene palatable to his audience, the respectable outsider, by*

---

<sup>242</sup> A noção de que Maggie tenha sido assassinada pelo “homem grande e gordo”, ao lado da simbologia da riqueza do papel de seu declínio, também não se leva em conta o método telescópico de Crane em relação à cronologia do capítulo. Se o homem grande e gordo assassinou Maggie, o acontecimento pode ter acontecido no exato momento de seu encontro perto do rio. Mas Crane deixou claro que nós temos que pensar sobre os acontecimentos do capítulo não como um evento separado, mas como o evento constitui momentos chave da carreira integral de prostituta de Nova York.

*recycling the tragic circumstances of a girl who blossoms in a mud puddle but then meets a fateful death.*<sup>243</sup>

Ele também considera importante o aparecimento do “*huge fat man*” que a segue até os dois ficarem juntos no final do declínio de *Maggie*, “*At their feet the river appeared a deathly black hue*” .

Na edição de 1896, por outro lado, *Maggie* comete suicídio, que para Dowling (2009, p.42), corresponde a um típico melodrama Vitoriano. Para ele Crane fez as mudanças para adaptar a história às exigências do mercado e afirma que:

*By having Maggie commit suicide, Crane could both punish her as a fallen woman and allow her to achieve redemption by contrition, thereby allowing the book to end on a sentimental note.*<sup>244</sup>

Dowling (2009, p.42) conclui suas reflexões da seguinte forma: “*My conclusion isn’t as elegant as Pizer’s, but I see no evidence to suggest otherwise: this is murder, and the 1896 revision is suicide*”.<sup>245</sup>

Enfim pensamos que a morte da personagem pode ter duas interpretações se considerarmos a comparação entre os finais das duas edições de *Maggie*. Caso a opção seja concordar com a existência de um homem que a segue até o rio, também precisamos estar de acordo com as argumentações que afirmam, que as revisões feitas por Crane provavelmente estão ligadas às exigências do público e de seu editor. Ao manter a cena original, Crane estaria expondo à sociedade o mundo violento onde a classe baixa tentava sobreviver.

Se, ao contrário, considerarmos que a personagem tenha cometido suicídio se atirando no lado mais escuro do rio, estaremos concordando também com a correspondência da representação de sua morte com as de outras tantas prostitutas reais ou da ficção, seguindo um modelo arquetípico, fundamentado em ideias

---

<sup>243</sup> Crane fez da cena da morte de *Maggie* algo palatável a sua audiência, respeitável, pela reciclagem das circunstâncias trágicas da garota que desabrocha em um atoleiro e que então encontra fatalmente a morte.

<sup>244</sup> Considerando que *Maggie* tenha cometido suicídio, Crane pôde tanto puni-la como uma mulher pecadora e permitir-lhe que adquirisse redenção pelo arrependimento, permitindo, desse modo, que o livro terminasse em um tom sentimental.

<sup>245</sup> Minha conclusão não é tão elegante como a de Pizer, mas eu não vejo evidências que sugerem outra coisa: isto é assassinato e na revisão de 1896 é suicídio.

patriarcais que tratam a morte de Maggie como uma espécie de redenção, partindo da concepção de que à mulher pecadora só resta a morte.

Dottin-Orsini (1996, p.249) ponderam que a morte da mulher no final parece ser inevitável e complementam com o seguinte sobre a morte da mulher na literatura do século XIX:

Não se tratava mais, para o homem, de contemplar-se com o cadáver e arrepender-se; tratava-se de transformar uma mulher em cadáver, não para convertê-la, mas para amedrontá-la e mudar sua beleza em objeto de horror.

Não pudemos deixar de discutir os aspectos religiosos que fazem parte da narrativa de Crane e as implicações desses elementos na vida de Maggie Johnson. No item seguinte nos propusemos a analisar os episódios em que a inversão dos valores cristãos está evidente e recebe destaque por meio das contradições reveladas por Crane em sua narrativa, utilizando a ironia para enfatizar as oposições morais entre as duas classes sociais.

### **3.3 O Novo Testamento: o julgamento moral da prostituta**

Há interpretações de Maggie feitas sob a rigidez das características naturalistas na obra que podem obscurecer as reais implicações na recriação dramática de Crane na exposição da vida na Bowery. Seria muito simplista afirmar que Crane narra uma história em que a inocência é perdida por causa das duras armadilhas que o ambiente habitado pode representar.

Atualmente o romance tem sido interpretado focalizando os aspectos religiosos constituintes da narrativa irônica de Crane. Podemos facilmente identificar no romance a recorrência de padrões de simbólicas situações morais em que percebemos a inspiração do autor no Novo Testamento.

Stephen Crane utiliza estratégias estéticas para diferentes fins, como exemplo, a inversão de valores obtida pela ironia que põe em evidência as

contradições religiosas das classes sociais. Um dos registros mais proeminentes no que se refere à estética de Crane envolve um enquadramento bíblico da conduta dos moradores dos cortiços, quando estes julgam moralmente e baseados principalmente em preceitos religiosos.

A família de Maggie, por exemplo, bem como a vizinhança julgam a sua queda e sua conduta utilizando momentos bíblicos para justificar o “sepultamento social” que fazem da personagem.

Notamos a inversão de valores e ironia na cena em que Mary e os vizinhos fazem ponderações em relação à lição tirada com a morte de Maggie dizendo (CRANE, 2006, Cap.XIX, p.71, tradução nossa): “*She is gone where her sins will be judged*”<sup>246</sup> combinando inclusive na máxima de que o a decadência moral de alguém está intimamente ligada à decadência espiritual.

Compactuam com a ideia de que Maggie fora punida pelos céus: “*Deh Lord gives and deh Lord takes away*”<sup>247</sup>, repetem em coro os vizinhos de Maggie em seu funeral e acrescentam pressionando Mary (CRANE, 2006, Cap. XIX, p.71): *Yeh’ll fergive her, Mary! Yell’l fergive yer bad, bad girl!*<sup>248</sup>. Ela recebe o perdão da mãe, Mary, pois esta acredita que Maggie está sendo perdoada por Deus e por isso recebe o perdão da mãe: *Oh’yes, I’ll fergive her! I’ll fergive her!*<sup>249</sup>.

Crane apropria-se de temas e vocabulário religiosos, havendo, nas situações em que expõe os aspectos religiosos, a inversão do Novo Testamento. Os elementos religiosos presentes em Maggie são tidos como simbólicos, nos quais estão evidentes situações em que estão em jogo os conceitos morais. É importante notar que Crane viveu numa atmosfera religiosa, sendo de família Metodista

No primeiro capítulo, Crane descreve a cena, mostrando os moradores como observadores fleumáticos, desumanizados, cujos valores cristãos não fazem parte da vida dos moradores dos *tenements*. O autor demonstra certa indiferença dos moradores dos *tenements* em relação à violência e ao crime, expõe a natureza depravada da humanidade e a cena descrita se assemelha à vivida na prisão pelos presidiários (CRANE, 2006, Cap. I, p.3):

---

<sup>246</sup> Ela se foi para onde serão julgados seus pecados

<sup>247</sup> Deus dá e Deus tira!

<sup>248</sup> Você tem que perdoá-la, Mary! Você tem que perdoar a sua garota má!

<sup>249</sup> Sim, eu vou perdoá-la! Eu vou perdoá-la!



*From a window of an apartment house that upreared its form from amid squat, ignorant stables, there leaned a curious woman. Some laborers, unloading a scow at a dock at the river, paused for a moment and regarded the fight. The engineer of a passive tugboat hung lazily to a railing and watched.*<sup>250</sup>

Willian Stein (1958, p.269, tradução nossa) propõe o seguinte argumento sobre a presença de conceitos cristãos na obra de Crane: *“This is to say that Crane’s visualization of the heartlessness of human relationships in this scene takes note of the paralysis of Christianity in this environment and in the world.”*<sup>251</sup>

Percebemos que a visualização proposta por Crane da carência de sensibilidade nos relacionamentos humanos revela um julgamento moral do autor e representa a decadência moral, a degradação dos valores humanos.

O título do livro possui ironia, pois *Maggie: A Girl Of The Streets* tem significados duplos já que, por um lado expõe claramente a profissão de prostituta da personagem e por outro lado é o diminutivo de Magdalena podendo ser associada à Maria Madalena presente na Bíblia. O contraponto reside no fato de Maggie constituir um nome dado às prostitutas de rua e intuitivamente estar ligado a mitos cristãos, revelando desde o início a ironia característica do autor contida já no título.

A heroína então passa a carregar por meio do nome traços que instigam muito mais a simpatia que a antipatia dos leitores. Também carrega o sentido de que todos merecem o perdão, traz a ideia de que o amor é o caminho para a redenção.

Jimmie por sua vez tenta convencer a mãe a deixar Maggie retornar para casa, depois de ser seduzida, uma clara alusão burlesca ao episódio bíblico O Filho Pródigo. Crane trata esse incidente com humor, mas acentua o sadismo da mãe *“With grim humor, the mother imitated the possible wailing notes of the daughter’s voice”*<sup>252</sup> (CRANE, 2006, Cap.XIII, p.49, tradução nossa):

<sup>250</sup> De uma janela da casa de apartamentos que se elevava do meio de apertados e ignorantes estrebarias, aparecia uma mulher curiosa. Alguns trabalhadores, que descarregavam uma barça nas docas do rio, pararam por um momento e apreciaram a luta. O maquinista de um passivo rebocador, pacientemente inclinado sobre uma balaustra, assistia.

<sup>251</sup> Isto quer dizer que a perspectiva de Crane da crueldade nos relacionamentos humanos, nessas cenas, sinaliza a paralisia do Cristianismo nesse ambiente e no mundo.

<sup>252</sup> Com um humor sinistro a mãe imitava os imaginados tons da voz da filha.

*“Aye, she’ll git tired of deh life atter a while an’ den she’ll wanna be a-comin’ home, won’t she, deh beast! I’ll let ‘er in den, won’ I?” “Well, I didn’ mean none of dis prod’gal bus’ness anyway”, explained Jimmie. “It wasn’t no prod’gal daughter yeh damn fool, said the mother. “It was prod’gal son, anyhow”.<sup>253</sup>*

O nome de Maggie carrega em seu significado a referência a uma prostituta cujo estereótipo é perpetuado através dos tempos, à imagem da prostituta cristã Maria Madalena (Mary Magdalena), sobre isso, Stein (1958, p.269) argumenta que:

*The heroine, in other words, is entitled to forgiveness like her counterpart in the New Testament. Crane has in mind, I think, Maggie’s quite pardonable sin of assuming that love will redeem all, and at this juncture she metamorphoses into Magdalene [...].<sup>254</sup>*

Para Stein (1958, p.2), os nomes Mary e Maggie possuem funções simbólicas no romance e também atribui aos nomes de outros personagens como Jimmy e Pete simbolismos referentes à bíblia. Sobre o nome de Nell, diz o seguinte:

*Confirmation of Crane’s preoccupation with the nature of human and divine love is sardonically recorded in the name he chooses for the unscrupulous prostitute, Nell. The new Helen of Troy mocks the meaning of love in her scarlet arrogance, reversing the downfall not only of her Greek congener but of the Whore of Babylon in The Revelation, the prototypical scarlet woman. She sheds no tears, she wastes no pity, she shows no remorse. She lives in the spirit of the new law of venal love which Crane proclaims to rule the world.<sup>255</sup>*

---

<sup>253</sup> Sim, ela acabará cansando dessa vida depois de algum tempo, e vai querer voltar pra casa, a sem-vergonha, não é mesmo? E eu então a deixarei entrar, não é? – Bem, eu não estava falando daquela história da filha pródiga – explicou Jimmie. – Não houve filha pródiga, seu imbecil – emendou a mãe. – O que houve foi um filho pródigo.

<sup>254</sup> A heroína, em outras palavras, é intitulada para conseguir o perdão em contrapartida baseado no Novo Testamento. Crane tem em mente, penso eu, que o pecado de Maggie é perdoável assumindo que o amor pode redimir a todos, e nesse sentido, ela se transforma em Magdalena [...].

<sup>255</sup> A confirmação sobre a preocupação de Crane com a natureza humana e o amor divinal é sarcasticamente lembrado nos nomes que ele escolheu para a inescrupulosa prostituta, Nell. A nova Elena de Tróia simula o significado do amor em sua arrongância escarlate, revertendo a queda não apenas por causa de sua correlata grega, mas à prostituta da Babilônia, no Apocalipse, o protótipo da mulher escarlate. Ela não derrama lágrimas, ela não tem pena, ela não sente remorso. Ela vive sob o espírito da nova lei venal do amor com o qual Crane diz ser a regra do mundo.

Essa percepção é reforçada pelas sequências das ações em que Maggie procura por salvação após ser rejeitada por Pete, outra adaptação de motivos referentes ao Novo Testamento. O religioso que atravessa o caminho de Maggie em seus momentos finais pode corresponder à outra adaptação bíblica. Maggie procurando pela “Grace of Good” encontra “a stout gentleman in a silk hat and chaste black coat”<sup>256</sup>, mas ele, fez “a convulsive movement and saves his respectability by a vigorous side-step” (CRANE, 2006, Cap.XVIII, p. 66, tradução nossa):

Significativo, no que se refere à fonte de matéria religiosa na inspiração do artista aparece na última cena do romance, quando Mary é acometida de uma tristeza causada pela morte de Maggie. O episódio retrata a dor da mãe que perde sua filha, mas outra vez Crane almeja que o leitor realize a associação com a imagem da Virgem Maria quando chora próxima ao corpo de Cristo. Segundo Stein (1958, p, 271), a recriação de Crane da “Pietà depravada dos pobres” surge para ironicamente representar a Sexta- Feira Santa na cultura que ele critica.

Crane dramatiza a cena, dando a chave interpretativa para esclarecer a luta para sobreviver que Maggie trava contra as forças destruidoras externas. A esse respeito, Stein (1958, p.271) contribui com as seguintes argumentações:

*[...] contrary to the critics who argue that Maggie is a victim of her environment, he dramatizes the key scenes of her pathetic fate against the background of man's defection from the redemptive love of Christianity [...].*<sup>257</sup>

Resumindo, Maggie representa a crucificação de Cristo, pois é crucificada pelas mesmas forças odiosas do ser humano que o destruíram. Há grande inversão de valores cristãos no episódio final e suas implicações em Maggie são óbvias, porém o que Crane parece acentuar é o abandono dos valores cristãos pela família de Maggie, bem como dos moradores dos *tenements*.

---

<sup>256</sup> Um elegante cavalheiro em chapéu de seda e casaco preto novo.

<sup>257</sup> [...] contrário aos críticos que argumentam que Maggie é uma vítima de seu meio ambiente, ele dramatiza a cena chave de sua patética fatalidade contra a ideia de que a renúncia do homem ao amor redentor do Cristianismo

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Seguindo o nosso intuito de analisar a personagem Maggie Johnson de Stephen Crane, realizamos uma análise da representação da mulher prostituta em sua narrativa. Observamos que a obra de Crane faz parte de um gênero peculiar da literatura norte americana do século XIX, chamada de *Slum Fiction* ou *Tenement Fiction*, pois tem como tema central a vida da classe trabalhadora que vive nos bairros dos *tenements*.

Não temos dúvidas quanto a expressiva presença da personagem prostituta nas artes, reconhecendo o fascínio e a repulsa que elas suscitam nas pessoas, especialmente na sociedade vitoriana, identificando suas representação e reconhecendo outras figuras emblemáticas em romances como *Nana* (1880) de Emile Zola, em *Lucíola* (1862) de José de Alencar e finalmente aproximamos Maggie da personagem de Edgar Fawcett, Cora Strang, cuja similaridade na representação da mulher as aproxima, porém há momentos em que Maggie se destaca, distanciando-se da personagem de Fawcett, no entanto, as duas personagens evoluem na história para um mesmo fim. Tecemos discussões sobre a relação que as duas personagens possuem no contexto da estética naturalista.

Vimos que a *fallen woman*, ou a mulher prostituta, de mulher marginalizada, assume posição central entre as preocupações da classe média e também protagoniza as histórias naturalistas. Notamos claramente que a representação da mulher prostituta nos romances naturalistas acentua o aspecto frágil e ingênuo, atribuindo tais características apenas às mulheres que são apresentadas com uma certa inabilidade para sobreviver às duras provas que a vida na cidade de Nova York proporciona. Pudemos mostrar a ausência de voz feminina dentro da estética literária abordada e que os autores naturalistas acabam repetindo modelos padronizados quanto à figuração da personagem feminina que invariavelmente é levada à degradação e à morte.

Nossas reflexões teóricas foram fundamentadas na Crítica Feminista de Kate Millet e na análise de literatura e da representação feminina que serviu de base para interpretar a personagem Maggie.

O romance critica a situação feminina em uma sociedade de contornos específicos. O estilo de Crane é marcado genuinamente pela ironia que permeia sua narrativa. Ele aponta as contradições morais e culturais da classe pobre, bem como os problemas enfrentados por mulheres pobres nas periferias de Nova York. Do mesmo modo, pretende por meio da estética peculiar de seus textos, rejeitar as convenções estéticas anteriores, construindo uma personagem cujas características são fundamentalmente românticas, perpetuando a estratégia de mostrar por meio da ironia as circunstâncias contraditórias.

Há uma evidente perspectiva determinista e patriarcal, por trás do desfecho trágico da heroína e de sua morte no final, o que nos fez supor que a morte de Maggie representa a de muitas outras mulheres prostitutas do século XIX. Com a morte da personagem no final, notamos que o silenciamento das mulheres consideradas transgressoras da moral, ou seja, as mulheres prostitutas, é obtido e pode ser vista como uma espécie de redenção do mal que fizeram para elas mesmas e para a sociedade. Um jeito de castigar a mulher por desobedecer as regras sociais que definem o ideal de mulher. A morte da prostituta significa que ela pode ser perdoada, encerrando simbolicamente, o sentido de pecado que recai sobre o comportamento sexual feminino.

As discussões indicaram um caminho para estudos críticos sobre a representação da mulher, estereotipada, cuja construção foi fundamentada em sentidos pejorativos. Elas representavam a condição da mulher de classe baixa, influenciada pela vida moderna na cidade de Nova York do início do século XX, podendo assim, fornecer instrumentos para uma leitura eficiente da representação feminina naquele contexto, adquirindo conhecimentos novos sobre o assunto. O romance ofereceu oportunidade à crítica e nos fez conhecer a crença determinista que ambos, estilo e tema, confirmam o indício de Maggie ser um romance social.

Consideramos *Maggie* um romance urbano e o autor destaca as impressões que tem da região da Bowery, enfatiza a influência da cidade grande no comportamento e mentalidade das personagens, especialmente, a ação da cidade de Nova York exercida sobre as mulheres pobres, as quais vivem um momento em

que o papel da mulher se transforma, pois ela começa a trabalhar e a frequentar os lugares públicos, indicando que há uma mudança no espaço transitado por ela.

Com a vinda de mulheres para trabalhar nas indústrias, a cidade grande passou a representar perigo, especialmente para as moças que chegavam à cidade, vindas de diversas partes do país. A vida moderna na cidade atraía mulheres trabalhadoras e passa, na mentalidade da classe média, a ser conhecida como uma armadilha para as moças solteiras, vindas do interior do país em busca de condições melhores de vida.

Do mesmo modo, notamos que a população dos Estados Unidos tinha crescido consideravelmente, em parte pela entrada dos imigrantes, vistos pela população americana, tão vítimas quanto culpados da proliferação da violência e vícios em Nova York. Buscando por um espaço que abrigasse um grande contingente aglomeraram-se em bairros e em apartamentos chamados de *Tenements*, uma espécie de conjunto habitacional onde moravam muitas famílias de imigrantes. Notamos claramente que Maggie tem acesso aos lugares públicos geralmente associados aos comportamentos transgressivos naquele período.

Crane repete o modelo da maioria dos americanos sendo condescendente muito mais culturalmente, que moralmente com a visão de “*wicked city*” dos autores anteriores. Sabendo que Crane, assim como outros autores do final do século XIX deixaram claro em seus trabalhos, a representação de suas visões e de seus sentimentos a respeito de um período de mudanças e incertezas; de imigração e desordem. Havia um senso de descontentamento e desconforto, principalmente com as questões referentes aos problemas sociais surgidos nesse período. Os romances do século XIX não tinham a simples pretensão de divertir ou entreter, mas de informar à emergente classe média que existia um vasto mundo além das paredes de sua casa.

A personagem feminina na obra naturalista assume características que a direcionam na história segundo seus instintos e desejos físicos. É consenso entre os estudiosos que Maggie simboliza a preocupação da classe média com a proliferação da prostituição, com questões raciais, o que deixa em evidência os problemas relacionados à mulher imigrante nos Estados Unidos. Maggie representa um perigo ao modelo de mulher americana da classe média

Pensamos que as convenções literárias do naturalismo são facilmente reconhecidas na representação de Maggie, sendo que a personagem prostituta é

polêmica e sua representação na literatura reproduz os modelos propostos por autores anteriores a Crane. A nosso ver, as experiências de Maggie representam as ideias da classe média sobre os conceitos de feminilidade da época e que quando escreve *Maggie*, Crane rebela-se contra a representação pitoresca da pobreza adotada por seus antecessores. Crane revela em *Maggie* traços românticos, ao demonstrar a relação conflitante entre o real em meio ao caos urbano da classe média. Focalizando a oposição entre a realidade e fantasia, *Maggie* representa a perspectiva irônica que o autor tem do mundo freqüentado por ela. Crane revela em seus textos as ansiedades sociais de uma época e usa a ironia como forma espetacular de apresentar a realidade.

Consideramos que a história da ruína de Maggie é carregada de traços melodramáticos que expõem a fragilidade feminina ante as artimanhas masculinas, providenciando o tema para uma geração de escritores americanos que repetidas vezes, incluíram histórias em que a personagem feminina é arruinada. Eles apontam em seus romances a fraqueza da virtude da mulher e a incapacidade de se manter imaculada sexualmente e que conseqüentemente a leva ao sofrimento e a morte. A ideologia que prevalece entre eles, revela a importância dada à castidade da mulher, segundo a mentalidade da classe média.

Observamos atentamente a representação da personagem feminina na figura da mãe de Maggie, Mary, a qual é considerada anti-mãe, pois é caracterizada como uma “mãe-monstro”, alcoólatra e degenerada, representando a antítese do modelo ideal de maternidade construído pela sociedade. Mary tem um papel relevante no romance, pois representa, na verdade, o início do ciclo de degradação da própria Maggie.

Pensamos que, apesar de haver uma crítica inserida na obra do autor naturalista ao descrever as condições de vida da mulher do século XIX, também expõe a perspectiva masculina de representação feminina cujos traços de uma ideologia patriarcal estão evidentes, porém podemos notar que justaposto aos conceitos patriarcais sobre a feminilidade e sobre o papel da mulher na sociedade, há o aspecto irônico de Crane, conferindo peculiaridades à sua visão da mulher por meio de Maggie. Crane revela em seu romance a mulher prostituta como vítima das circunstâncias desfavoráveis, o que sugere uma fraqueza da mulher em relação à sua sexualidade. A discussão da sexualidade da mulher é abordada no romance,

sendo que Maggie representa uma nova estratégia anti-romântica do autor que se opõe às convenções estéticas do Romantismo.

O suicídio de Maggie traz em si simbolismos relevantes na história do naturalismo. Ela repete o arquétipo de personagens femininas que morrem no final da história tradicionalmente na *Slum Fiction*

Tivemos a possibilidade de encontrar pontos convergentes e traçar paralelos entre Maggie e várias heroínas mortas no final da história, acreditando ter sido necessário descrevê-las e aproximá-las. Demos especial ênfase à relação que existe entre as personagens Maggie de Crane e Cora Strang de Fawcett, que apresentam o mesmo conflito e a mesma transformação que sofrem durante a história, participando de história semelhante de declínio e morte presente na literatura do século XIX. Para muitos críticos, a morte de Maggie foi vista como um suicídio, porém recentemente a atenção da crítica ponderou o fato de ela ter sido assassinada.,

A morte da heroína no final da história também pode ser percebida como a defesa da ideologia que considera a mulher a causadora dos males e desgraças do homem. Para os naturalistas, a fatalidade é um tema recorrente, assim sendo vários momentos trágicos na narrativa são associados ao destino, que não podia ser impedido. Então podemos afirmar que na obra naturalista, o destino é, por conseguinte, uma força bem maior que a da vontade.

Na representação de Maggie, especialmente do momento de sua morte, notamos que o autor não esclarece bem o episódio, apenas sugerindo o evento, por meio da utilização de metáforas, o que possibilita pelo menos duas interpretações distintas, mas, para nós é relevante o fato de ela morrer no final. O autor cria tensões ao mostrar as contradições morais da sociedade. Com Maggie e sua morte no final, revelam-se as contradições de uma personagem claramente desorientada e sem apoio da sociedade.

Maggie é incapaz de sobreviver e sua morte é anunciada desde a exposição da sua inaptidão para viver em sociedade. Maggie escolhe morrer ao invés de viver. Investigamos o suicídio da personagem, pois se trata de assunto polêmico entre a crítica de Stephen Crane. Apontamos para representação da condição da mulher que sofre cruelmente com o peso das convenções sociais.

O suicídio de Maggie é minimamente sugerido, no final, porém encontra-se já prenunciado desde o início da história. Recentemente o romance tem sido



interpretado, de maneira que são focalizados os aspectos religiosos presentes na narrativa irônica de Crane. Podemos facilmente identificar no romance a recorrência de padrões de situações simbólicas em que é notória, a presença da inversão de valores inspiradas no Novo Testamento

Constatamos que o processo de produção literária trabalha com dois aspectos: o literário e o social, unificados em um todo estrutural em Crane, cuja finalidade é de contestar e denunciar a visão da sociedade a respeito da mulher prostituta. Em Crane, o drama ficcional da protagonista Maggie espelha uma realidade social conflituosa e cínica, embora o tom de denúncia seja disfarçado pela ironia presente na obra. Por apresentar uma escritura peculiar e inovadora, o autor registra as impressões e faz um retrato crítico da mulher pobre de sua época, ao retomar a temática da prostituição e sua relação com a sociedade.

Consideramos, portanto, que a escrita ficcional se mistura à realidade, posto que, as imagens fictícias da realidade e o tom intencionalmente pedagógico que permeia os romances de Crane buscam focalizar a produção literária modeladora das características da mulher na sociedade.

## REFERÊNCIAS

ADDAMS, J. *A New Conscience And An Ancient Evil*. New York, 1912. Disponível em: < <http://www.gutenberg.org.files>>. Acesso em: 12 mar, 2013.

AGUIAR, S. A. *The Bitch is Back: wicked women in literature*. Carbondale: Southern Illinois University Press, 2001. Reviewed by MILLS, E. M. *The Bitch Is Back: Wicked Women in Literature* by Sarah Appleton Aguiar. *Tulsa Studies in Women's Literature*, University of Tulsa, v. 21, n. 1, p.140-142, 2002. Disponível em: <http://jstor.org> >. Acesso em: 24 out, 2014.

AHNEBRINK, L. *The Beginnings of Naturalism in American Fiction: a study of the Works of Hamlin Garland, Stephen Crane, and Frank Norris Special Reference to Some European Influences*. Uppsala, 1950.

ALSBURY, H. *As Gangs de Nova York: uma história informal do submundo*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Globo, 2002.

ALVES, V. J. Hilda: Um Furacão Feminino? In: Fazendo Gênero: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos, n 9, 2010, Universidade Federal de Santa Catarina. *Anais Eletrônicos*. Disponível em: <<http://www.fazendogenero.ufsc.br>>. Acesso em: 12 de out. De 2014.

CANDIDO, A. *Literatura e Sociedade*. 9 ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

CANDIDO, A. De cortiço a cortiço. In: *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas cidades, p.65-79,1993.

CIXOUS, H. The laugh of the Medusa. In: MARKS, E; COUTIVRON, I. *New French feminism: an anthology*. Brighton: Harvester, 1988.

COSTA, J. R. N. As mulheres do naturalismo. *O Estado do Maranhão*, Maranhão, p.4, 9 jan 2002.

CRANE, S. *Maggie: a Girl Of The Street*. New York: Batam Dell, 2006.

CRUZ, I. C. S. A Construção da imagem feminina através das prostitutas na obra de José de Alencar e Jorge Amado, 2011, *Trabalho de Conclusão de Curso*, 29 f (Graduação em Letras), Centro de Educação, Universidade Estadual da Paraíba. João Pessoa, Paraíba. Disponível em: <<http://dspace.bc.uepb.edu.br>> Acesso em 21 out, 2014.

CUNLIFFE, M. Stephen Crane and the American Background of Maggie: In: *American Quaterly*, 1955.

DAMATTA, R: *A CASA E A RUA: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*, 1997.

DAVIDOFF, L. Gender and the “Great Divide” Public and Private in British Gender History. *Jornal of Women’s History*. v.15. Johns Hopkins University Press, 2003.

DOTTIN-ORSINI, M. *A Mulher Que Eles Chamavam Fatal: Textos e imagens da misoginia fin-de siècle*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

DOWLING, R. M. *Slumming in New York: from the Waterfront to mythic Harlem*. Illinois: University of Illinois Press, 2007.

DURKHEIM, É. *O Suicídio Estudo Sociológico*. (trad. Luz Cary, Margarida Garrido, J. Vasconcelos Esteves. Lisboa: Editora Presença, 2001.

EDWARDS, R. *Women’s and Gender History*. Disponível em: <<http://history.barnard.edu>>. Acesso em: 25 fev, 2013.

*Encyclopedia of Prostitution and Sex Work*. v 1. Edited by Melissa Hope Ditmore. USA: Greenwood Press, 2006.

FAWCETT, E. *The Evil That Men Do*. New York: Belford Company, 1889. Disponível em: <<http://pds.lib.harvard.edu>>. Acesso em: 13 de jan, 2010.

FELDMAN, E. Prostitution, the Alien Woman and the Progressive Imagination, 1910-1915. *American Quaterly*, v.19, n2, USA: The Johns Hopkins University Press, 1967.

FESSENDEN, T.; ZABRORWSKA, N. F. R. *The Puritan Origins of Sex: religion, sexuality and National Identity in American Literature*. New York: Routlegde, 2001.

FINE, D. M. Abraham Cahan, Stephen Crane and the romantic tenement tale of nineties. In: *American Studies*.v.14, n.1, 1993. Disponível em: <http://journals.ku.edu>. Acesso em 03 dez, 2010.

FITELSON, D. Stephen Crane’s Maggie and Darwinism. *American Quaterly*, v.16, n.2. The Johns Hopkins Univeristy Press. Disponível em: <<http://www.jstor.org>>. Acesso em 13 mar, 2012.

FLAUBERT, G. *Madame Bovary*. Tradução de Araújo Nabuco. São Paulo: Martins editora, 1997.

FREUD, S. *O Mal-Estar na Civilização*. Trad. Paulo César de Souza. Penguin & Companhia das Letras, 2011. (Grandes Ideias).

FURTADO, D. Aniversário de Stephen Crane – Maggie: Uma Rapariga das Ruas, 2012. Disponível em: <<http://davidfurtado.wordpress.com>>. Acesso em: 04 nov de 2013.

JOHN, D'E.; FREEDMAN Estelle B. *Intimate Matters: a history of sexuality in America*. 2 ed. Chicago: The University of Chicago Press, 1997.

GAMEL, I. *Sexualizing power in naturalism*. Calgary: University of Calgary Press, 1994.

GANDAL, K. Stephen Crane's "Maggie" and the Modern Soul. *ELH*, v.60. The Johns Hopkins University Press, 1993. Disponível em: <<http://www.jstor.org>>. Acesso em: 13 de mar, 2012.

GILBERT, S.; GUBAR, S. *The madwoman in the attic: the woman writer and the nineteenth-century literary imagination*. New Haven: Yale University Press, 1986.

GILFOYLE, T. *City of Eros: New York City, Prostitution, and the Commercialization of Sex, 1790-1920*. In: *Gender and Society*. v. 8, n. 2. Sage Publications Inc., 1994. Disponível em: <<http://www.jstor.org>>. Acesso em 23 mar 2013.

GILMAN, S. L. Black Bodies, White Bodies: Toward an Iconography of Female Sexuality in Late Nineteenth-Century Art, Medicine, and Literature. *Critical Inquiry*, v. 12, n 1, "Race" Writing, and Difference, 1985. The University of Chicago Press. Disponível em: <<http://www.jstor.org>>. Acesso em: 16 abr, 2012.

GOODMAN, L. *Literature and Gender. Approaching Literature*. London: Routledge, The Open University, 1996. Disponível em: <<http://books.google.com.br>>. Acesso em 10 jun, 2012.

GREEN, H. *The Light of the Home: an Intimate view of the lives of women in Victorian America*. New York: Panteon, 1983.

GREENAN, R. L. *Always "Poundin' a Kid": Abusive Realism in Stephen Crane's Maggie*. College of Charleston, 2000. Disponível em: <<http://ebookily.com>>. Acesso em 02 nov 2013.

HABERMAS, J. *Mudança estrutural da Esfera Pública*. Trad. Flávio R. Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HAPKE, L. The American Working Girls and The New York Tenement Tale of 1890's. *The Journal of American Culture*. New York: Pace University, 4. Jun 2004. V.15. Ensaio 2- p.3-50. Disponível em: <<http://www.questia.com>>. Acesso em: 10 mar, 2010.

HAPKE, L. *Girls who went wrong: Prostitutes in American Fiction, 1885-1917*. Bowling Green: Bowling Green State University Popular Press, 1989. Disponível em: <<http://www.questia.com>>. Acesso em: 10 mar, 2010.

HARTMAN, D. W. *Women's Roles in the Late 19th century*. Disponível em: <<http://www.connerprairie.org>>. Acesso em: 18 ago, 2012.

HAYES, K. J. *Maggie: A Girl Of The Streets: a story of New York*. St. Martin's: Bedford, 1999. Disponível em: <<http://www.Books.google.com.br>. Acesso em: 06 ago, 2010.

HILL, M. W. *Their Sisters' Keepers: prostitution in New York City, 1830-1870*. Berkeley, Los Angeles – Oxford: University of California Press, 1993. Disponível em: <<http://publishing.cdlib.org>> . Acesso em 02 out, 2013.

HORWITZ, H. Maggie and the Sociological Paradigm. *American Literary History*, v. 10, n. 4, 1998, p. 639. Oxford University Press. Disponível em: <<http://www.jstor.org>>. Acesso em: 13 mar, 2012.

HOWARD, J. *Form and History in American Literary Naturalism*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1985. Disponível em: <<http://www.questia.com>>. Acesso em 23 abr, 2013.

IRVING, K. *Gendered Space, Racialized Space: Nativism, the immigrant Woman and Stephen Crane's 'Maggie'*. In. *College Literature*, v. 20, n. 3. 1993.

LEGARDINIER, Claudine. Verbete: Prostituição I. In: HIRATA, H. *et all. Dicionário Crítico do Feminismo*. Editora Unesp, 2009.

LOPES, H. F. Do suicídio e dos corpos: histórias e problematizações. In: PRIORE, Mary Del; AMANTINO Marcia. *História do corpo no Brasil*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

KOWALEWSKI, M. *Deadly Musings: Violence and Verbal Form in American Fiction*. UK: Princeton University Press, 1993.

KWIAT, J. J. Stephen Crane and Painting. *American Quarterly*, v. 4, n. 4, 1952. Disponível em: <<http://www.jstor.org>>. Acesso em 21 de out de 2014.

MARGOLIES, E. *New York and Literary Imagination: The City in Twentieth Century Fiction and Drama*. Jefferson, North Carolina: Mcfarland & Company, Inc. Publishers, 2008.

MARIANI, G. *Spectacular Narratives: Representations of Class and War in Stephen Crane and the American 1890s*. New York: Peter Lang Publishing, Inc., 1992.

MENDES. L. *O retrato do imperador: negociação, sexualidade e romance naturalista no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

MILLETT, K. *Sexual Politics*. New York: Doubleday, 1970. Disponível em: <<http://bookes.google.com>> Acesso em: 12 out, 2012.

*New York in Fiction*. Books in Which the Scene is Laid Here in Whole Or in Part - Opportunities Not Yet Seized, p. B537, 1898. Disponível em: <<http://query.nytimes.com>> Acesso em: 26 jan, 2010.

NICHOLSON, L. Interpretando o gênero. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 8, n.2, 2000.

PECK, R. E. Stephen Crane and Baudelaire: a direct link. In: *American Literature*. v. 37, n. 2, Duke University Press, 1965. Disponível em: <<http://www.jstor.org>>. Acesso: em 21 out, 2014.

PIZER, D. *Writer in motion: the major fiction of Stephen Crane*. New York: MAS Press, 2013.

PIZER, D.; DOWLING, R. M. A Cold Case File Reopened: Was Crane's Maggie Murdered or a Suicide? In: *American Literary Realism*. v. 42, n. 1, Illinois: University of Illinois Press, 2009.

RAGO, M. *Do Cabaré ao Lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930*. ed 2. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

RAMALHO, C. Mulheres, princesas e fadas: a hora da desconstrução. *Gênero*, Niterói, v.1, n.2, p.41-48, 2001.

ROBERTS, N. *As prostitutas na História*. Trad. Magda Lopes. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1998.

ROGERS, R. O. *Stephen Crane and Impressionism. Nineteenth- Century Fiction*, v. 24, n. 3, 1969. University of California Press. Disponível em: <<http://www.jstor.org>>. Acesso em: 21 de out, 2014.

RUBIN, G. The Traffic in Women: Notes on the 'Political Economy' of Sex, in REITER, Rayna (ed.). *Toward an Anthropology of Women*. New York: Monthly Review Press, 1975.

SCHALLER, B. R. *A Vision Of American Law: Judging Law, Literature, and the Stories We Tell*. Greenwood Publishing Group, 2001. Disponível em: <<http://books.google.com.br>>. Acesso em 25 fev, 2013.

SCHÄTZLE, J. *The Reflection of the Metropolis in Stephen Crane's Maggie: A Girl Of The Streets*. Munique: GRIN Publishing GmbH, 2000. Disponível em: <<http://www.grin.com>>. Acesso em: 22 out, 2013.

SHOWALTER, E. A crítica feminista no território selvagem. In: HOLLANDA, H.B. de (org). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, p.23-57, 1994.

SHOWALTER, E. Syphilis, sexuality and the fiction of the fin de siècle. In: Ruth Bernard Yeazell (ed). *Sex, politics, and science in the nineteenth-century novel*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1986.

SCHWANTES, C. *Dilemas da Representação Feminina*. Revista do NIESC, v.6, 2006. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br>>. Acesso em 03 dez, 2010.

SMITH, Rachel E. T. *The Victorian Woman in Mary Barton and Mill on the Floss: What Causes the Angel to Fall* A Thesis Submitted to the Faculty of English, 2004.

SOARES, A.C.E.C. Prostituta Angelical ou Santa Demoníaca: Imagens da Mulher na Literatura do Século XIX. *Revista Plurais*, Rio de Janeiro v.3, n. 1, p. 72-8, 2013. Disponível em: <<http://www.prp.uerg.br/revista>>. Acesso em: 13 nov, 2014.

SOLOMON, E. *Stephen Crane, From Parody to Realism*. Massachussets: Harvard University Press, 1966

SORRENTINO, P. M. *Student Companion to Stephen Crane*. USA: Greenwood Press, 2006.

STALLMAN, R. W. Stephen Crane's Revision of Maggie: A Girl Of The Streets. In: *American Literature*, vol 26, n 4. Duke University Press. Disponível em: <<http://www.jstor.org>>. Acesso em: 13 mar, 2012.

STANSELL, C. *City of Women: Sex and class in New York, 1789-1860*. Illinois: 1987.

STEIN, W. B. New Testament Inversions in Crane's Maggie. *Modern Language Notes*. v. 73, n.4, John Hopkins University Press, 1958. Disponível em: <<http://www.jstor.org>>. Acesso em: 12 out, 2014.

SUSMAN, W. *Culture as History: The transformation of American Society in the Twentieth Century*. New York: Partheon Book, 1984.

TRASK, M. *Cruising. Modernism: Class and Sexuality in American Literature and Social Thought*. Ithaca, NY: Cornell University Press, 2003.

ZOLA, É. *Naná*. Lisboa: Europa-América, s. d. p. 29.

ZOLIN, L. O. *Crítica Feminista: os estudos de gênero e a literatura*. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.). *Teoria Literária: abordagens contemporâneas*. ed.3. Maringá: Eduen, 2009.

WALCUTT, C. C. *American Literary Naturalism: a divided stream*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1956.

WAYNE, T. K. *Women's roles in Nineteenth-century America*, 1968. Disponível em: <<http://books.google.com.br>>. Acesso em: 1 fev, 2013.

WESTBROOK, M. Stephen Crane's Social Ethic. In: *American Quartely*, v. 14, n. 4, 1962. John Hopkins University Press. Disponível em: <<http://www.jstor.org>>. Acesso em 21 out, 2014.

WEST, R. B. J. Stephen Crane: author in transition. In: *American Literature*, v. 34, n. 2, 1962. Duke University Press. Disponível em: <<http://www.jstor.org>>. Acesso em 21 out, 2014.

WYMAN, M. The Rise of Fallen Woman. *American Quaterly*. v.3., 1951. Disponível em: <<http://www.jstor.org>>. Acesso em 14 nov, 2014.



## **ANEXOS**

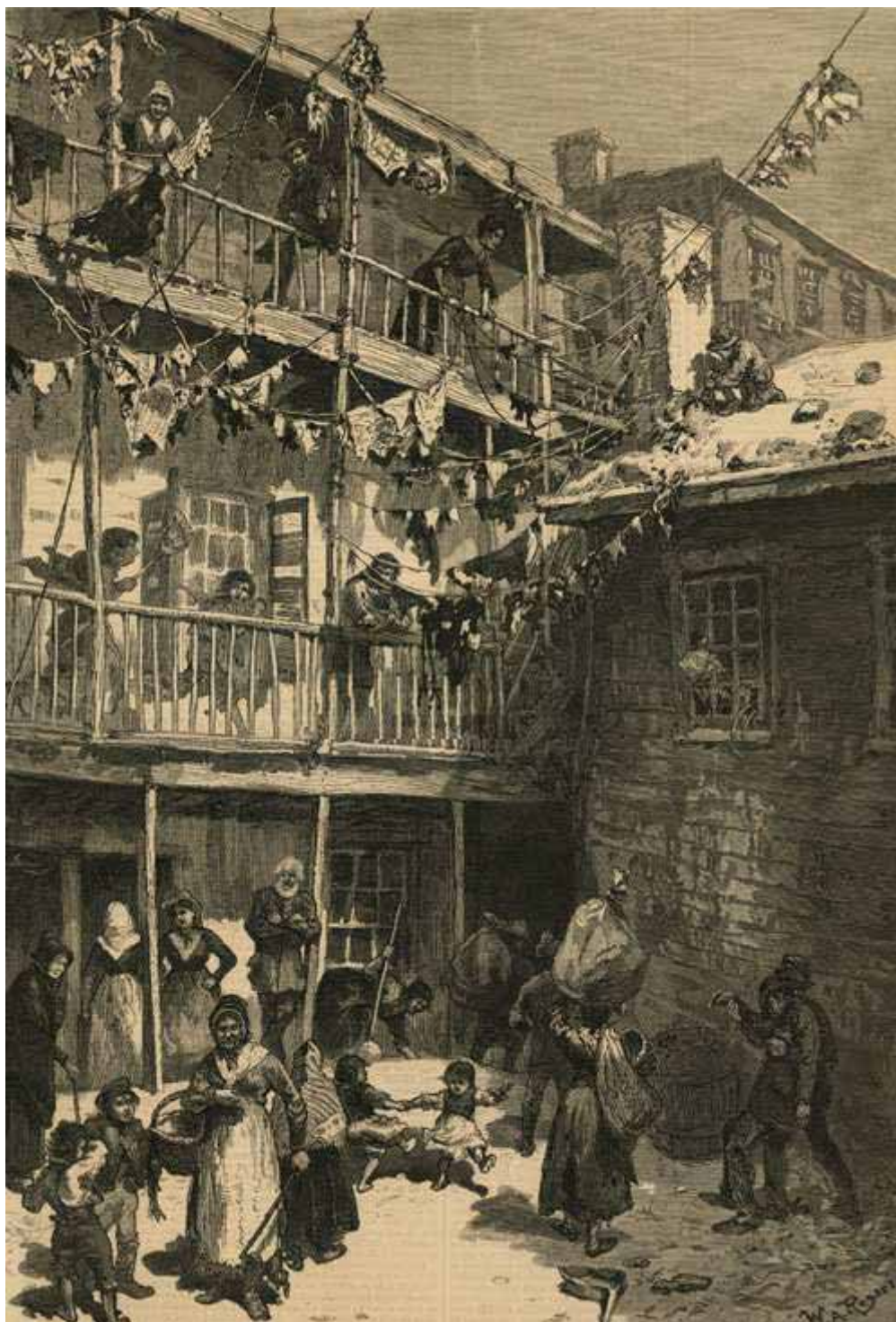
**FIGURAS REPRESENTATIVAS DA SOCIEDADE DO SÉCULO XIX**

Figura 1 – A vida nos Tenements em Nova York, Mulberry Streets, 1879.  
Fonte: William A Rogers, Collection of Maggie Land Blanck



Figura 2 – A prostituta de rua  
Fonte: Riis, Jacob. *How The Other Half Lives*, NY, 1889



Figura 3 – Alcoolismo no século XIX  
Fonte: <http://www.google.images.com>



Figura. 4: Ilustração simbolizando a família de Maggie  
Fonte: <http://www.google.images.com>





Figura 5 – A vida nos *tenements*

Fonte: Riis, Jacob. *How The Other Half Lives*. NY, 1889.



Figura 6 – “Breaker Boy” – Crianças da classe operária  
Fonte: Riis, Jacob. *How The Other Half Lives*, NY, 1889.



Figura 7 – A Rua Bowery à noite, c.1895.  
Fonte:– William Louis Sonntag Jr. (1869-1898)





Figura 8 – Tenement

Fonte: Riis, Jacob. *How The Other Half Lives*, NY, 1889



Figura 9 – Crianças dormindo na rua.

Fonte: Riis, Jacob. *How The Other Half Lives*, NY, 1889.

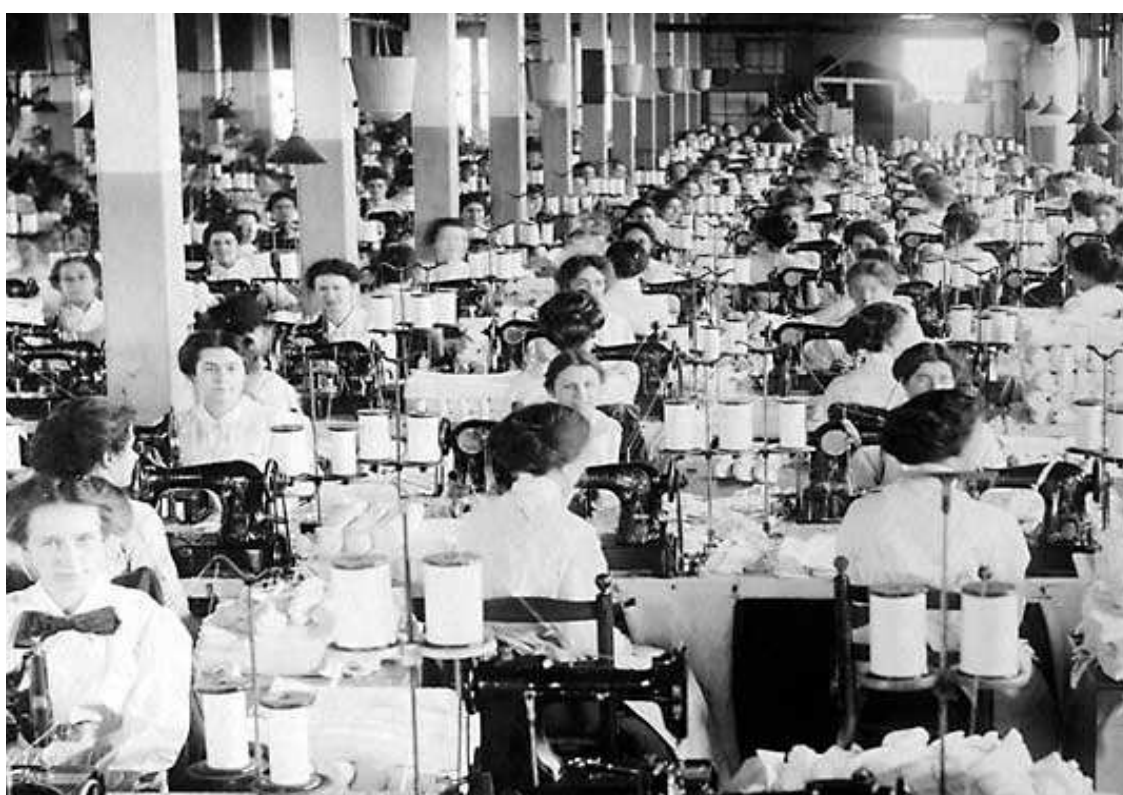


Figura 10 – A industrialização Norte-Americana no final dos anos 1800. Indústria de golas e punhos  
Fonte: County History Society



Figura 11 - Five Points' Gangs: Onde as gangues viviam.  
Fonte: <http://www.miramax.com>



Figura 12 – Menina trabalhando na indústria têxtil.

Fonte: Hine, Lewis W. *The History Place* - Child Labor Photographs of Lewis Hine, 2010.



Figura 13 – Faces de uma juventude perdida

Fonte: Hine, Lewis. *The History Place: Child Labor Photography of Lewis Hine*, 2010.



Figura 14 – Desenho da prostituta Helen Jewett

Fonte: Wikipedia The Free Library. Disponível em: [http://em.wikipedia.org/wiki/Helen\\_Jewett](http://em.wikipedia.org/wiki/Helen_Jewett)



Figura – A aglomeração de pessoas nos *tenements*  
Fonte: Riis, Jacob. *How The Other Half Lives*, NY, 1889.





Figura – Estilo de moradia no Lower East Side de Nova York no final do século XIX  
Fonte: Library of Congress collection



Figura – Ilustração possível da primeira cena de Maggie  
Fonte: <http://www.google.images.com>

